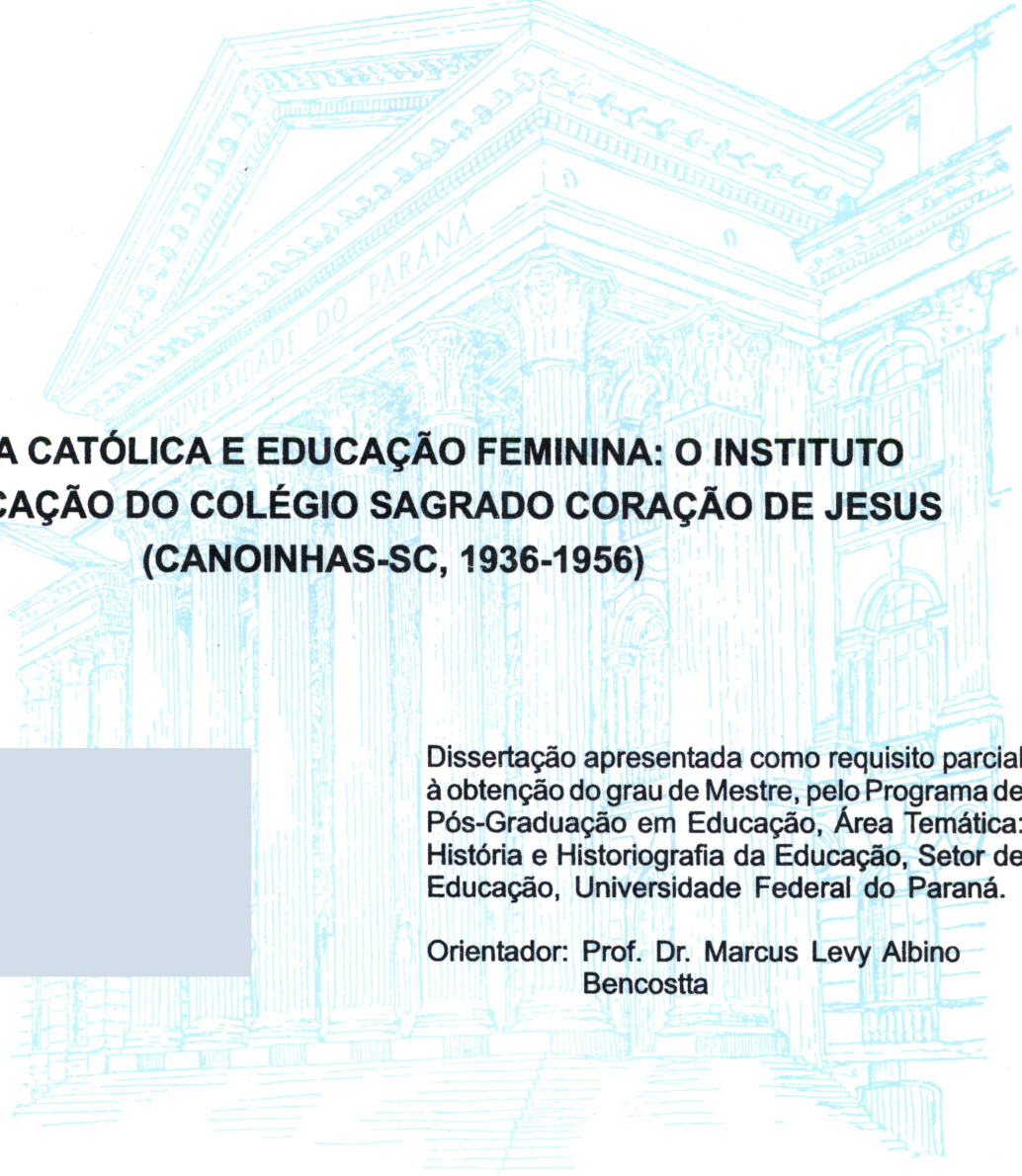


FERMINA CASSEMIRA DE PAULA E SILVA CARVALHO



**IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO FEMININA: O INSTITUTO
DE EDUCAÇÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
(CANOINHAS-SC, 1936-1956)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação, Área Temática:
História e Historiografia da Educação, Setor de
Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino
Bencosta

CURITIBA

2004

FERMINA CASSEMIRA DE PAULA E SILVA CARVALHO

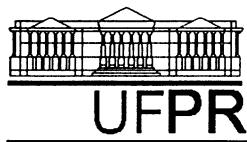
**IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO FEMININA: O INSTITUTO
DE EDUCAÇÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
(CANOINHAS-SC, 1936-1956)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação, Área Temática:
História e Historiografia da Educação, Setor de
Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino
Bencostta

CURITIBA

2004



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PARECER

Defesa de Dissertação de **FERMINA CASSEMIRA DE PAULA E SILVA CARVALHO** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA; DR^a MARIA TERESA SANTOS CUNHA e DR^a ETELVINA MARIA CASTRO TRINDADE argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“IGREJA CATÓLICA E EDUCAÇÃO FEMININA: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (CANOINHAS – SC, 1936-1956)”**

Procedida a argüição, segundo o Protocolo, aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

PROFESSORES:

Apreciação


DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA (Presidente) *Aprovada Marcus Levy 47*

DR^a MARIA TERESA SANTOS CUNHA (Membro Titular) *Aprovada Infante*

DR^a ETELVINA MARIA CASTRO TRINDADE (Membro Titular) *Aprovada Trindade*



Curitiba, 27 de agosto de 2004


Profª Drª Regina Maria Michelotto
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

A Deus meu protetor.

Ao meu pai, que partiu deste mundo no decorrer deste trabalho, que sempre gostou de história e de contar suas histórias, principalmente aquelas da 2.ª Guerra Mundial, em que participou como 2.º sargento.

A minha mãe, que me ensinou a ter fé.

Agradecimentos

Nenhuma instituição histórica que se pretenda rigorosa prescinde da colaboração de outrem, sujeitos institucionalizados ou não, que, de uma forma ou de outra, sinalizam os caminhos, propõem pistas, apontam vestígios, contribuem, enfim, para desvendarmos o objetivo de investigação. Assim, os agradecimentos que se seguem estão direcionados às pessoas e às instituições que auxiliaram na reconstituição de alguns aspectos da memória dessa instituição educacional. Manifestamos nossa gratidão a todas elas e de forma especial:

ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, que abriu seus arquivos, colocando-os a nossa disposição, e em especial à irmã Carmen, que nos guiou até as fontes daquela instituição;

à Paróquia Santa Cruz de Canoinhas, que permitiu várias consultas ao livro tomo e a outros documentos. Também abriu sua biblioteca para a busca de cartas pastorais e em literatura da época;

aos jornais *Correio do Norte* e *Barriga Verde*, que, por várias vezes, dispuseram-se a colaborar com seus arquivos, permitindo uma sintonia com os acontecimentos do período estudado;

ao professor Dr. Marcos Levy Bencostta, pela orientação serena, pelo carinho e compreensão ao longo de todo o percurso;

aos professores Dra. Maria Etelvina Trindade, Dra. Maria Tereza Cunha e Dr. Marcos Taborda, pelas experientes sugestões que me proporcionaram na busca de qualificação, o que permitiu a forma final deste trabalho;

às entrevistadas, que trouxeram à luz suas lembranças, dividindo comigo suas memórias e fazendo emergir no presente as experiências de um outro tempo;

ao meu esposo Rogério, que tanto me incentivou, e ao meu filho Rafael, que foi compreensivo ao ser privado de minha companhia, por muitas horas, no decorrer deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1. INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE MARIA AUXILIADORA SE ESTABELECE NA REGIÃO DO CONTESTADO – CANOINHAS (SC)	15
1.1 BUSCANDO RAÍZES	16
1.2 A PRESENÇA DA IGREJA ROMANA E O CONTESTADO EM CANOINHAS	17
1.3 UM LONGO CAMINHO ATÉ CANOINHAS	28
1.4 FINALIDADES DA CONGREGAÇÃO	33
1.5 GRUTA DE BELÉM: CANOINHAS É AGRACIADA COM UM COLÉGIO	35
CAPÍTULO 2 – A IGREJA CATÓLICA FRENTE À EDUCAÇÃO DAS MULHERES	57
2.1 COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: A EDUCAÇÃO DAS “HERDEIRAS DE EVA” E A MULHER VIRTUOSA	60
2.2 MULHERES: BENEFICIÊNCIA E O ESPAÇO PÚBLICO.....	74
CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO NO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: MANIFESTAÇÕES E ASPECTOS DE UMA CULTURA ESCOLAR	78
3.1 O CURSO NORMAL E A MULHER: DO TRABALHO DOMÉSTICO PARA EDUCAÇÃO FORMAL E O TRABALHO REMUNERADO	78
3.2 A LEITURA E OS ESCRITOS DAS NORMALISTAS.....	89
3.3 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE.....	95
3.4 UNIFORMES E A MORALIZAÇÃO DOS COSTUMES	100
3.5 PRÁTICAS ESCOLARES E CURRÍCULO	107
3.6 FORMATURA – UM GRANDE MOMENTO PARA AS NORMALISTAS	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
FONTES	124
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	135

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CARTAZ COMEMORATIVO DOS 80 ANOS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	15
FIGURA 2 – MAPA DO PALCO DOS COMBATES	18
FIGURA 3 – PRIMEIRA RESIDÊNCIA E ESCOLA DAS IRMÃS EM CANOINHAS	40
FIGURA 4 – O SEGUNDO PRÉDIO DO COLÉGIO – 1921	42
FIGURA 5 – COLÉGIO DOS MENINOS	43
FIGURA 6 – PRIMEIRO PAVILHÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	45
FIGURA 7 – NOVA ALA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	48
FIGURA 8 – ALUNAS INTERNAS NA VARANDA	48
FIGURA 9 – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	50
FIGURA 10 – TERCEIRO BLOCO DE ALVENARIA	52
FIGURA 11 – UNIFORME DO CURSO NORMAL (1943)	103
FIGURA 12 – UNIFORME DE GALA (1951)	104
FIGURA 13 – ALUNAS EM SALA DE AULA	108
FIGURA 14 – LIVRO UTILIZADO PELA EX-ALUNA AVANI DITTRICH NO CURSO NORMAL	112
FIGURA 15 – DESFILES ESCOLARES (1956)	115
FIGURA 16 – CONVITE DE FORMATURA DA TURMA DE 1953	117
FIGURA 17 – ALUNAS NA VÉSPERA DA FORMATURA DE 1953	119
FIGURA 18 – ENCONTRO DAS FORMANDAS DE 1953 EM 2003	119

RESUMO

Esta pesquisa buscou construir parte da história do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Canoinhas (SC), instituição confessional católica fundada em 1921 pela Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. Esse colégio marcou época em Canoinhas (SC) por ser uma das primeiras instituições a formar professores. O recorte temporal deste trabalho analisa o período de 1936 a 1956, época da implantação e expansão do Curso Normal naquele colégio, sendo que em 1956 a instituição já havia formado cerca de 448 professoras, em média 20 professoras por ano. Uma outra característica é esse colégio ter sido administrado somente por religiosas vindas da Suíça e da Áustria, que propagavam uma educação nos moldes do catolicismo romanizado, isto é, obediência aos parâmetros estabelecidos pela Santa Sé para a vivência da educação católica. Buscando conhecer melhor como isso influenciou na educação feminina, inicia-se com uma análise do contexto em que o colégio foi fundado, para, em seguida, conhecer e procurar entender como a Igreja Católica se envolveu e adotou normas para a educação feminina. Na análise do contexto histórico, é contemplada a discussão sobre as influências e interferências da Igreja Romana na região do Contestado, movimento messiânico ocorrido no sul do Brasil no início do século XX, do qual Canoinhas fez parte. Abordou-se também o histórico da congregação, por meio de sua fundadora, Madre Maria Bernarda Bütler, além da trajetória do colégio, desde de sua fundação até o ano de 1956. Finalmente, analisa-se como ocorreram as manifestações da cultura escolar no Curso Normal no período em estudo: as influências das concepções pedagógicas da época, a organização do cotidiano escolar, o uso obrigatório de uniformes e as formaturas. Para esta investigação de natureza histórica, foram colhidos subsídios nos documentos oficiais e pessoais, nos relatos orais, nos jornais e nas fotografias; fontes estas que, de acordo com sua especificidade, puderam contribuir para a compreensão do significado e da trajetória do Colégio Normal no período investigado.

Palavras-chave: História da Educação, Educação Feminina, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Igreja Católica Romana.

ABSTRACT

This project aimed to redeem part of the history of Sagrado Coração de Jesus School from Canoinhas (SC), a catholic confessional institution founded in 1921 by the Congregation of Missionary Franciscan Sisters of Maria Auxiliadora. This school marked the history of Canoinhas (SC) for being one of the first schools to graduate teachers. The time line of this work analyses the period from 1936 to 1956, time of the implementation and expansion of the Curso Normal in that school . In 1956 the institution had already graduated about 448 female teachers, an average of 20 teachers a year. Another characteristic is that this school was only managed by religious women from Switzerland and Austria who used to diffuse an education framed on the Roman Catholicism, it means, obedience to the standards set by the Holy Church for a living on the catholic education. On the search to understand how this influenced the female education starts an analysis of the context in which the School was founded to, in a second moment, know and try to understand how the Catholic Church got involved and endowed rules for the female education. In the analysis of the historical context are contemplated, the discussion about the influence and interferences of the Roman Church in the Region of Contestado, messianic movement occurred in the South of Brazil in the beginning of the XX century, of which Canoinhas took part. The Historic of the Congregation was also addressed through its founder Mother Superior Maria Bernarda Butler, as well as the trajectory of the School since its foundation to the year of 1956. Lastly, how the disclose of school culture occurred in the Curso Normal in the mentioned period were analysed : the influence of the pedagogical concepts at that time, the organization of the school daily life, the compulsory use of uniform and the graduations. For this investigation of historical nature, subsidies in official and personal documents were collected, in oral report, in newspapers, photographies: sources which, according to its specification, could contribute to a comprehension of the meaning and trajectory of Colégio Normal in the period investigated.

Key-words: History of Education, Female Education, Sagrado Coração de Jesus School, Roman Catholic Church.

Introdução

O que uma sociedade espera de seus membros está fortemente vinculado à educação à cultura da época em que estão inseridos. Neste sentido, a escola, por possuir um caráter institucionalizado, desempenha um papel relevante, manifestando o grau de profundidade dos ensinamentos difundidos. A filosofia e a linha pedagógica de uma instituição de ensino podem sinalizar certos valores de uma determinada sociedade, revelando seus anseios, os quais, mesmo não sendo assimilados ou compartilhados por todos os membros a ela submetidos, indicam um forte indício do caminho trilhado para a formação do sujeito.

O tema deste estudo, a educação feminina em um colégio dirigido por religiosas, suscita um questionamento sobre a forma como uma instituição educativa participa na formação do sujeito, tomando como objeto de análise a formação oferecida às alunas de classe média pelo Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus, em Canoinhas,¹ Santa Catarina, no período de 1936 a 1956 – época em que ocorreu a implantação e a expansão do seu Curso Normal.

Tratando-se de uma instituição confessional católica, fundada em 1921 por uma congregação proveniente da Suíça (Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora), entende-se que, para melhor investigar sua história, torna-se necessário compreender a ação da Igreja frente ao seu projeto de formação da mulher católica e o desenvolvimento da aplicação desse projeto no ensino de suas instituições educacionais.

Para tanto, escolheu-se como tema geral a Igreja Católica, seu projeto educacional para a mulher e sua materialização no ensino formal em Canoinhas, privilegiando como objeto de estudo o Curso Normal.

O Curso Normal teve sua primeira turma implantada em 1936, com apenas 13 alunas matriculadas. O número pequeno de alunas freqüentando o único curso de ensino médio da cidade devia-se ao fato de Canoinhas ter uma população bastante reduzida e uma grande porcentagem dela residir em regiões mais afastadas, inviabilizando – pela distância e pela dificuldade de transporte – a vinda dos jovens para estudar na sede do município. Além disso, é preciso

¹ Cidade localizada ao norte do estado de Santa Catarina, situada a uma distância de 380 km de Florianópolis, em região que tem sua economia baseada na produção de erva-mate e madeira.

destacar o fator econômico e o alto grau de exigência para se ingressar no curso médio de então. O pretendente ao curso médio tinha de ser aprovado nos exames de admissão, que eram bastante rigorosos, pois, conforme aponta a ex-aluna Leni Costa, formanda da primeira turma (1940):

O exame de admissão era somente para alunas que não estudavam ainda no colégio e vinham de outras escolas (...) O exame constava de dissertação de no mínimo 50 linhas; interpretação de textos que eram copiados manualmente do quadro negro; análise morfológica de palavras envolvendo as 10 classes gramaticais. A matemática constava de exercícios envolvendo as 4 operações, frações, sistema métrico (...) A prova de conhecimentos gerais era composta de muitas questões de geografia, história e ciências (...) Eu me lembro que muitas alunas se transferiam para o colégio um ano antes de ingressar no Curso Normal só para não precisar enfrentar o exame de admissão, que todos consideravam rigoroso. (COSTA, 2003)

A liberação do exame de admissão para as alunas que estudavam na casa parecia ser uma forma de atrair e aumentar o número de estudantes do Curso Complementar, que antecedia o Curso Normal.

Quanto à situação econômica, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, sendo uma instituição de ensino particular, era mantido pela contribuição das alunas, então em número reduzido, mediante pagamento de mensalidades. Mas, apesar desses empecilhos, o Curso Normal foi crescendo gradativamente e conseguiu se sobressair na década de 1950, com expressivo número de alunas.

Por meio do diálogo com as fontes, buscou-se achar respostas para questões como as seguintes:

o Colégio Sagrado Coração de Jesus mantinha o regime de internato e muitas das ex-alunas normalistas eram também internas. Sendo a educação ministrada nos moldes do cristianismo romanizado, como as moças reagiam ao regime de educação do internato?

As moças recebiam orientação e educação para a sexualidade? De que forma era abordada essa orientação?

Quais as práticas e condutas que contribuíram para a formação de uma cultura escolar “específica” daquela instituição?

Ao iniciar esta pesquisa, indagou-se sobre as contribuições que ela poderia oferecer ao debate histórico. Levando em consideração que a própria História destina aos historiadores a tarefa de elaborar análises acerca da ação do homem em diferentes realidades do passado, independentemente delas terem sido produzidas em ambientes marcados por profundas e rápidas transformações

urbanas ou em contextos em que o tempo e as mudanças ocorrem muito lentamente, o seu grau de importância para o debate histórico deverá ser o mesmo. Afinal, as rupturas e as permanências são fenômenos igualmente interessantes para a pesquisa histórica.

Não são poucos os trabalhos que investigam instituições educacionais em contextos marcados por uma economia agrícola (realidade de Canoinhas), especialmente entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX.² Mesmo diante de uma produção historiográfica que se enriquece a cada ano, o que se destaca na história do Colégio Sagrado Coração de Jesus é a sua especificidade e não necessariamente a quantidade de trabalhos já publicados a respeito das instituições educacionais católicas femininas no Brasil, pois, se a Igreja Católica era coesa nos seus juízos, a sua interpretação poderia estabelecer variações conforme as particularidades inerentes ao ambiente histórico de cada uma das instituições de ensino (tais como o tipo e a origem da congregação responsável pela instrução, procedência das alunas, gestão de cada bispo e sua relação pastoral-administrativa com as congregações estabelecidas em sua diocese etc.).

Se os estudos existentes sobre instituições católicas femininas já tivessem respondido a todas as questões levantadas em torno da formação da mulher católica, poderia-se afirmar que esta pesquisa não seria relevante. Entretanto, sabe-se que a própria História não tem capacidade e nem preocupação de construir verdades absolutas e imutáveis e, neste sentido, a existência de outros trabalhos acerca desta questão é salutar para o debate historiográfico e não invalida trabalhos posteriores. Deste modo, investigar, compreender e explicar a ação de uma instituição católica num ambiente de economia predominantemente agrícola se converte numa contribuição à historiografia educacional por se tratar

2 Destacamos as seguintes contribuições à historiografia educacional: MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1910)*. Uma face do conservadorismo. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *"Ide por todo o mundo"... a província de São Paulo como campo de missão presbiteriano (1869-1892)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996; BENCOTTA, Marcus Levy Albino. *Cultura escolar e história eclesiástica: reflexões sobre a ação romanizadora na formação de sacerdotes católicos e o Seminário de Santa Maria (1915-1919)*. *Caderno Cedes*, ano 19, n. 52, p. 88-100, nov. 2000; ANDRADE, Mariza Guerra de. *A educação exilada*. Colégio Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Conviver e sobreviver: estratégias educativas de imigrantes italianos (1880-1920)*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo.

da formação de professores em um ambiente católico distante da realidade dos grandes centros urbanos.

Para compreender o conjunto de relações que marcaram o dia-a-dia da instituição estudada, buscaram-se as fontes que foram preservadas pela congregação no arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Lá, encontrou-se várias fontes que ofereceram múltiplas possibilidades de investigação: crônicas da congregação, fotografias, livros de matrícula, livro de registro de diplomas e vida escolar, atas de exames, pasta de documentos oficiais, históricos escolares, além de correspondências diversas; material que permite efetuar leituras e análises que, por um lado, podem tratar das determinações da congregação e, por outro, das possíveis efetivações de tais determinações.

No arquivo da Paróquia Santa Cruz, na cidade de Canoinhas, encontraram-se registros de visitas pastorais, encíclicas e o livro-tombo.

Os documentos eclesiais são fontes muito úteis para a compreensão das posições da Igreja no que dizia respeito à educação da mulher e ao papel que lhe competia na sociedade. São publicações que servem de diretrizes para o comportamento dos fiéis, para o estabelecimento de valores e para a organização das instituições de caráter confessional, estabelecendo, assim, as prováveis condutas e as percepções que os fiéis tinham de si mesmos e da sociedade. Embora as práticas educacionais católicas fossem norteadas pelos documentos oficiais da Igreja, a noção de apropriação apresentada por Roger Chartier sugere que a aceitação e apropriação das mensagens acontecia, muitas vezes, de forma diversificada. Segundo ele: “A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são objeto fundamental da história cultural” (CHARTIER, 1990, p. 137).

No arquivo dos jornais *Barriga Verde* e *Correio do Norte*,³ encontraram-se notícias de época referentes à trajetória do Colégio Sagrado Coração de Jesus e à manifestação da cultura naquele ambiente escolar, tais como festas, inaugurações, formaturas, eventos e outras.

A imprensa é uma fonte de grande riqueza para o pesquisador, mas requer alguns cuidados. LANG (1999, p. 61-62) adverte que:

³ Jornais que circulavam na época no município de Canoinhas, sendo o *Barriga Verde* de 1934 e o *Correio do Norte* de 1947.

...em primeiro lugar é necessário verificar a orientação do jornal ou periódico, profundamente relacionada com os interesses dos grupos que os dirigem (...) Fica bastante claro que, sobre um mesmo fato há diferentes versões, atendendo a interesses também diferentes. Daí a necessidade de qualificar a fonte utilizada.

Muitas obras publicadas e outras defendidas recentemente consideram algumas das questões estudadas neste trabalho. Nessas obras, os autores têm valorizado a utilização de uma maior diversidade de fontes, por terem o entendimento de que, desse modo, é possível uma melhor compreensão da dinâmica das instituições escolares. Algumas obras podem ser consideradas como exemplos dessa nova postura de pesquisadores; encontram-se, entre elas, as teses de doutoramento de Roseli T. Boschila, *Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos*; de Jane Soares de Almeida, *Mulher e educação: a paixão pelo possível*; e as dissertações de mestrado de Cleusa M. Fuckner, *Magistério e casamento: memória e formação no Colégio de Educação Familiar do Paraná (1953-1986)*; de Gisele Quadros L. Chornobai, *Igreja católica, educação feminina e cultura escolar em Ponta Grossa (Paraná): a Escola Normal de Sant'Ana (1947-1960)*; e de Marilda Iwaya, *Palácio de instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960)*.

As obras apresentadas são importantes referenciais para a construção deste trabalho, pois sugerem a utilização de uma variedade de fontes como possibilidade de análise histórica.

Esta pesquisa trata de um estudo histórico que enfoca a educação feminina, tentando destacar a forma como a identidade feminina era construída na instituição pesquisada, entendendo-a como estreitamente vinculada ao meio social de Canoinhas no período 1936-1956. Neste sentido, a contribuição de alguns estudos que problematizam a questão do emprego da variável "gênero" como uma categoria de análise na pesquisa histórica foram fundamentais, por proporcionarem uma reflexão sobre os impasses decorrentes da adoção desse tipo de enfoque.

O conceito de gênero tem sido utilizado, via de regra, para referir-se a modelos explicativos que possibilitam a análise da situação da mulher como sujeito social e histórico. Para Almeida, o conceito de gênero deve ser entendido num sentido mais amplo:

...como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais. Portanto, o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou outro sexo, mas sobre as relações que são socialmente construídas entre eles. Essas relações são imbricadas, por sua vez, com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcaram a sociedade. (1998, p. 40)

Gênero, aqui, está sendo usado como uma preocupação social, histórica e cultural de superar as explicações biológicas acerca das relações entre os sexos. Cláudia Viana, ao analisar como a socialização interfere na forma como homens e mulheres se relacionam, nas profissões que escolhem e na maneira como atuam, afirma que

...as expressões masculinidade e feminilidade são historicamente construídas e se referem aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto. (VIANA, 2002, p. 53)

As considerações acima sobre um gênero ou outro em uma determinada sociedade ocorrem como uma primeira forma de fornecer um significado para relações de poder e contribuem para a compreensão dos aspectos da feminização da docência, indo além da mera composição sexual da categoria e permitindo a análise das relações escolares e da atuação docente.

Para melhor compreender a situação da mulher, sua educação e o papel que lhe foi permitido desempenhar na sociedade, nos diversos momentos e espaços, buscou-se aprofundamento em algumas obras; entre elas, destacam-se: o artigo de Marcus Levy Albino Bencostta, “‘Mulher virtuosa, quem a achará?’ O discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951)”; *Clotildes ou Marias*, livro de Etelvina Maria de Castro Trindade, que tem como ponto de partida a educação formal da mulher e também sua participação e atuação no ambiente curitibano da Primeira República (1890-1930); a coletânea organizada por Mary Del Priore, *História das mulheres no Brasil*, sobressaindo-se os artigos de Maria José Rosado Nunes, “Freiras no Brasil”, e de Guacira Lopes Louro, “Mulheres na sala de aula”; o livro de Ivan Aparecido Manoel, *Igreja e educação feminina*; o livro de Antonio Morga, *História das mulheres de Santa Catarina*; o livro *Mulheres na História: séculos XIX e XX*, organização de Etelvina Maria de Castro Trindade e Ana Paula Vosne Martins; a obra de Norberto Dallabrida, *a Fabricação escolar das elites: o ginásio*

catarinense na Primeira República; *Modelo católico* (1991), de Michela de Giorgio; e muitas outras contribuições que serão acrescentadas e citadas ao longo deste trabalho.

O objetivo principal deste estudo é analisar a formação oferecida pela instituição estudada. Portanto, esse objetivo foi tratado de forma a contemplar a memória dos sujeitos que, de alguma forma, vivenciaram esse processo educativo. A problematização do conceito de memória, recentemente, tem recebido novo alento, graças às reflexões realizadas por autores como Michael POLLAK (1992), Jaques LE GOFF (1996) e Pierre NORA (1993) .

Para NORA (1993, p. 14)

...tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já é história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.

Para melhor entender Nora, recorre-se a Boschila, que, ao estudar a relação entre memória e história, apoia-se em Paul Ricoeur, o qual afirma que:

...existe uma simetria entre a ciência e a experiência do outro e, nesse sentido não há indissociabilidade entre memória e história. Para esse autor, a memória precisa ser trabalhada a partir da articulação epistemológica entre a verdade (história) e a fidelidade (memória) e essa articulação é que possibilita ao historiador o desvendamento dos sentidos, associando rigor (objetividade) e subjetividade. (BOSCHILIA, 2002, p. 195)

Com base nisso, é preciso ter clareza de que os relatos orais, provenientes da memória, não são transparentes, mas estão continuamente desvelando e ocultando fatos. Daí, a importância de o pesquisador usar o bom senso e o rigor da pesquisa histórica para discernir, nas histórias de vida recuperadas pela memória, aquilo a que se propõe estudar e os fatos que são irrelevantes para o seu estudo.

Michael Pollak dá ênfase às discussões sobre a relação entre memória e identidade social, afirmando a existência de:

...uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade e, nesse sentido, a memória seria um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. (POLLAK, 1992, p. 204)

Seguindo essa direção, Lutz NIETHAMMER (1997, p. 127) aponta Maurice Halbwachs como um dos precursores nas discussões sobre o entrelaçamento da identidade com a memória, mostrando que, ao criar a noção de memória coletiva,

Halbwachs “...atribuiu às estruturas sociais da memória uma identidade coletiva e um caráter subjetivo”, reforçando a idéia de que o indivíduo reconstrói suas lembranças sempre a partir das referências do grupo social a que ele pertence.

Assim, pensando a escola como um espaço de construção de identidade e, ao mesmo tempo, como aponta Le Goff, “um espaço privilegiado da memória” (1996, p. 450-451), foram entrevistadas algumas ex-alunas com o objetivo de analisar suas experiências no espaço do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus. Ao tomar esta decisão, partiu-se do pressuposto de que quanto mais fontes existissem, mais completa seria a análise interpretativa desta investigação histórica, deixando claro, não obstante, que se levou em conta o fato de que a qualidade da pesquisa histórica não é diretamente proporcional à quantidade do material documental utilizado.

Para estabelecer a rede de entrevistados que auxiliariam na pesquisa, foi feito um levantamento dos nomes das alunas que haviam estudado e concluído o último ano do Curso Normal no Colégio Sagrado Coração de Jesus durante o período analisado. A partir dessa listagem, foram selecionadas algumas depoentes, cujos nomes eram citados em documentos encontrados no acervo do colégio ou haviam sido referidos por outras colegas, durante os primeiros contatos. A escolha entre um nome e outro, em alguns casos, foi aleatória e, em outros, foi direcionada, por tratar-se de pessoa citada e indicada pelas demais depoentes como fonte importante. À medida que o trabalho foi sendo construído, fez-se necessário selecionar as entrevistadas por décadas, visto que a motivação para trazer à tona as memórias do colégio foi despertando o interesse de muitas ex-alunas, aumentando o número de depoimentos. Isso tornou necessária a restrição de depoentes, para que fosse possível manter o rigor metodológico necessário no tratamento das fontes, pois “...a história oral é mais do que entrevistas ou, pelo menos, entrevistas tomadas no seu conceito mais restrito. Ela envolve histórias de vida, o que talvez constitua a sua fonte mais rica” (LOURO, 1990, p. 22).

As seguintes ex-normalistas foram entrevistadas: *Leni Costa, Iolanda Trevisani, Avani Dittrich, Norma Seleme, Carmem Welter, Hildegard Thiem, Thereza Uba e Gersi Golanowski.*

A professora *Leni Costa* (1940), pertence à primeira geração de mulheres professoras formadas pelo Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Foi formanda da primeira turma, em 1940, junto com mais quatro colegas, sendo que duas delas já faleceram. A referida senhora tem ainda a voz firme e muita energia. Aposentou-se como alfabetizadora, depois de passar 25 anos ensinando as primeiras letras para várias gerações de canoinhenses. Hoje, com 82 anos de idade, ainda borda, costura e gosta de fazer palavras cruzadas. Lembra com satisfação de seu tempo de professora:

Professora, no meu tempo, tinha status. Não era qualquer uma! Era uma profissão que dava satisfação de poder exercer (...) A comunidade respeitava e apoiava a gente. Era bom, depois tudo foi mudando... (COSTA, 2003)

Das demais professoras que foram entrevistadas, seis seguiram a carreira do magistério, embora duas delas tenham afirmado que almejavam seguir outras carreiras, e uma delas interrompeu a carreira depois de doze anos.

Iolanda Trevisani (1942), como professora, dedicou 30 anos de sua vida ao magistério. Atuou no Colégio Almirante Barroso, de Canoinhas, no curso primário, lecionando de 1.^a a 4.^a série, e no ensino médio, ministrando as disciplinas de Educação Artística, Música e Atividades Econômicas da Região. Aposentou-se como auxiliar de direção. Foi também a primeira mulher eleita vereadora em Canoinhas.

Eu ingressei no magistério porque era meu sonho ser professora (...) Fui feliz, para mim, graças a Deus, ficou a imagem bonita e querida dos ex-alunos, os quais considero estrofes de um poema que ajudei a compor. Quando fala o amor, é gratificante ser professora!

Avani Dittrich (1943), formada em Pedagogia, foi diretora do Grupo Escolar Manoel da Silva Quadros (Canoinhas) e aposentou-se como professora de matemática.

Eu não apreciava o Curso Normal, detestava suas matérias e não pretendia ser professora. Eu planejava estudar ciências, queria ser cientista, mas não era possível. Menina não estudava fora de casa, a não ser em internato. O Curso Fundamental que fizemos não valia como ginásio, o Normal não valia como Científico. Fui ser professora contra a minha vontade. Eu gostava de estudar matemática, física e química e estas matérias não apareciam no Currículo Normal. (AVANI, 2003)

Na década de 1940, fase em que as mulheres ainda eram consideradas “rainhas do lar” e a maioria delas não tinha a oportunidade de fazer escolhas,

muitos talentos foram frustrados. Esse parece ser o caso de Avani, que sufocou seu ideal e seguiu a carreira que lhe foi permitida.

Norma Seleme (1947), dedicou toda sua vida adulta ao magistério. Aposentou-se como professora de português. Mulher dinâmica, alegre e com muita liderança, que, a princípio, não queria ser professora.

Fiz o Curso Normal porque na época não havia opção de escolha aqui em Canoinhas. Mas, aos poucos, fui me interessando e gostando da idéia de me tornar professora, apesar da rigidez da educação daquela época... (NORMA, 2003)

Carmem Welter (1949), natural do Rio Grande do Sul, formou-se no Curso Normal em 1949. Ela fazia parte de uma turma pequena, de apenas seis alunas, mas afirma que tinha um bom relacionamento com as colegas.

Eu me sentia bem integrada com todas as colegas do Curso Normal. Tínhamos um relacionamento de confiança e respeito em sala de aula.

Eu tinha sido interna no colégio e convivi com aquelas irmãs que tinham vindo da Suíça, da Áustria e da Alemanha para trabalhar no colégio. Depois, também me tornei religiosa e estive a serviço da congregação em vários lugares de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Retornei a Canoinhas em 1965, quando assumi a direção do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus por 11 anos e fui também professora de Psicologia no mesmo curso. (WELTER, 2003)

Irmã Carmem contribuiu muito com este trabalho, pois veio estudar no colégio quando ainda era menina. Ela acompanhou grande parte da sua evolução, colaborando muito com sua dedicação e trabalho.

Ela registrou várias passagens da vida no colégio. É autora de *História da Fraternidade* (1921-1993), obra em que estão registrados acontecimentos da trajetória do colégio nos seus 72 anos de vida (trabalho datilografado).

Hildegard Thiem (1950) dedicou toda a sua vida ao magistério na cidade de Canoinhas. Trabalhou com alunos de 1.^a a 4.^a série no curso primário da época e ministrou aulas de matemática para alunos de 5.^a a 8.^a série (curso ginásial). Foi diretora da Escola Básica Almirante Barroso por 11 anos e ali se aposentou. A professora Hildegard fala com entusiasmo da sua vocação para o magistério:

Desde criança eu queria ser professora e também diretora. Me sentia fascinada pela profissão (...) Graças a Deus consegui realizar os meus sonhos. A tarefa foi árdua mas acho que valeu a pena...

Thereza Uba (1954) foi professora do curso primário durante 20 anos e aposentou-se como secretária do Grupo Escolar General Osório, em Três Barras (SC).

Meu sonho era ser farmacêutica. Como aqui em Três Barras e em Canoinhas não havia faculdade na época, optei pelo magistério e acabei gostando muito das crianças. Por doze anos, lecionei apenas para a 1.^a série primária: eu era alfabetizadora. (UBA, 2003)

Gersi Golanowski (1956) foi professora por 12 anos. Abandonou a carreira para trabalhar com o marido no comércio.

Eu desejava ser freira. Como não foi possível, fui ser professora, pois todas as freiras que eu admirava eram professoras. Foi muito bom e todos os anos que permaneci no magistério me senti realizada. (GOLANOWSKI, 2003)

Gersi encaminhou-se para o Curso Normal devido à admiração que tinha pelas freiras. Ao manifestar que se sentia “realizada”, Gersi demonstra o quanto foi importante para sua vida ter cursado o Normal e trabalhado como professora. Sentiu-se valorizada como mulher, numa época de poucas escolhas para ela. A sua vocação para freira também não foi respeitada pela família, que não admitia que a filha saísse da casa e fosse estudar em um internato ou em um colégio fora do âmbito da família. Esse era um tempo em que muitas moças tinham que se submeter às decisões familiares, principalmente às decisões paternas.

Este trabalho não pôde ser contemplado com entrevistas de ex-professoras do Curso Normal, pois todas já faleceram, restando apenas a irmã Maristela, que reside em Porto Alegre (RS) e que, devido à avançada idade, encontra-se enferma e sem condições de dar entrevista.

Os depoimentos das ex-alunas do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus foram tematizados, isto é, houve uma comparação dos testemunhos entre si, fazendo com que a unidade explicativa não ficasse somente no testemunho individual, mas também no testemunho coletivo, que foi devidamente organizado e utilizado nos momentos apropriados. Para Rousso:

...as memórias individuais podem constituir uma memória coletiva quando apresentam “caráter recorrente e repetitivo”, pois é contactar um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional. (1996, p. 64)

A utilização dos depoimentos permitiu a problematização de situações pouco exploradas, a reconstrução de experiências vividas e de projetos individuais e coletivos que levaram as alunas a esse estabelecimento de ensino.

Para a realização das entrevistas, utilizou-se um roteiro com questões abertas, as quais foram sendo colocadas no momento considerado mais oportuno do “diálogo” entre pesquisadora e depoente. Portanto, não foi seguida uma mesma ordem no transcurso das entrevistas, embora haja um núcleo comum em todos os depoimentos. Todas as depoentes mostraram-se solícitas e entusiasmadas em todos os momentos de encontro, revelando muito interesse em contribuir com a pesquisa. Isso remete a Almeida, que supõe que:

...talvez nessa necessidade humana de deixar traços de sua existência e por ter-se consciência de sua transitoriedade resida o prazer de falar do que se viveu e experienciou e, dessa forma, deixar registros da própria vida. (1998, p. 53)

Os encontros propiciaram momentos importantes de aprendizado, não somente sobre o Colégio Normal, mas também sobre o significado que teve para suas vidas o fato de se tornarem professoras. Não houve objeções quanto ao uso de seus depoimentos na pesquisa.

As fontes orais vêm adquirindo, atualmente, uma grande importância em algumas áreas – sobre o uso da história oral na pesquisa, Guacira Lopes Louro afirma que:

Na educação esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos de vida escolar, aponta as formas mais sutis de resistência desenvolvida pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes, permitir uma leitura mais ampla do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc. (1990, p. 23)

Entende-se que o trabalho com a história oral possibilita reconhecer os vestígios de como foram vividos, sentidos e compreendidos certos momentos do cotidiano escolar. No caso do estabelecimento em estudo, como já foi relatado anteriormente, eram desenvolvidas sistemáticas de vivências do cotidiano escolar feminino, em regime de externato e internato, sendo que algumas das ex-alunas entrevistadas vivenciaram as duas situações.

A preocupação com a interpretação das fontes orais e escritas constitui um pólo norteador da produção acadêmica; neste sentido, NUNES (1997, p. 41) afirma que:

...este exercício, quando vira um texto publicado e (ou) lido, manifesta explicitamente o seu poder. Nesse exercício é preciso que lembremos, corremos incessantemente o risco do erro. Mas com o erro aprendemos, desde que tenhamos generosidade e respeito para com o processo vivenciado.

Além de relatos orais, também serão utilizadas algumas fotografias, com intenção de captar um pouco da realidade do universo escolar do Curso Normal pesquisado. Conforme BENCOSTTA (2003, p. 1):

O uso de imagens fotográficas sobre o universus scholaris como fonte de pesquisa nas investigações sobre a história das instituições educacionais tem demonstrado potencial analítico suficiente para colaborar na busca e organização de compreensões e explicações acerca da cultura escolar manifestada nos ambientes em que ela interage.

As fotografias também foram utilizadas como suportes desencadeadores de lembranças durante as entrevistas, pois, conforme Campos, "...a compreensão do outro nem sempre se processa claramente no discurso e a imagem estabelece outros tipos de comunicação não verbal de que é preciso colher os resultados" (1999, p. 85).

A partir das considerações que dizem respeito à metodologia e às fontes utilizadas, vê-se descortinando um trabalho que tem como elementos fundamentais a memória, o uso das fontes orais e escritas e o suporte fotográfico e, por meio deles, as múltiplas faces irão se revelando e possibilitando enxergar um outro tempo, uma outra situação, que aos poucos irão expor a singularidade e a importância daquele contexto histórico.

Sendo esta a primeira dissertação sobre o Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, procura-se apontar com ela dados que venham a contribuir para as discussões da memória e da instituição escolar na formação de professores e na questão da educação feminina, pois entende-se que esta é uma leitura que pode vir a ser – e espera-se que seja – base para outros trabalhos que possam ajudar a aprofundar os aspectos pesquisados.

A leitura das referências bibliográficas e o diálogo com as fontes possibilitaram a organização desta pesquisa em três capítulos, cada um contendo subdivisões.

O primeiro capítulo analisa como se deu a implantação do Colégio Sagrado Coração de Jesus na cidade de Canoinhas e nele são abordados os aspectos históricos do município: a economia, as questões sociais, políticas e culturais e a Guerra do Contestado, movimento messiânico ocorrido no Sul do Brasil no início do século XX. Esse capítulo também contempla a discussão sobre as influências e interferências da Igreja Católica romanizadora na Região do Contestado, onde predominava o catolicismo popular. Para melhor compreender a fundação do colégio religioso no município, abordou-se o histórico da Congregação por meio de sua fundadora, Madre Maria Bernarda Bütler, e a trajetória do Colégio Sagrado Coração de Jesus desde sua fundação até o ano de 1956.

O segundo capítulo trata da influência da Igreja na educação feminina, procurando entender como a Igreja Católica se envolveu e ditou normas para a educação das mulheres. Analisa também como ocorreu a educação das moças do Colégio Sagrado Coração de Jesus no regime de internato, a educação para a sexualidade e a preparação para o lar.

No terceiro capítulo, objetiva-se o entendimento da dinâmica escolar desenvolvida pelo Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus, de 1936 a 1956. Nele, são estudadas as influências das concepções pedagógicas da época, a organização do cotidiano escolar, as normas internas, as festas e comemorações, os uniformes e as memórias e representações das entrevistadas. Ressalta-se que, nesse caso, considera-se tão importante quanto a regulamentação legal a forma como esta foi interpretada e assimilada no dia-a-dia escolar.

Por meio da explanação desses três capítulos, pretende-se possibilitar uma melhor compreensão dos caminhos trilhados pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora na cidade de Canoinhas.

CAPÍTULO 1

A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE MARIA AUXILIADORA SE ESTABELECE NA REGIÃO DO CONTESTADO – CANOINHAS (SC)

FIGURA 1 - CARTAZ COMEMORATIVO DOS 80 ANOS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

*Deus se faz sentir nos acontecimentos,
por isso, respondei aos sinais dos tempos com
dynamismo fecundo dos filhos de Deus.*

Madre Maria Bernarda

1.1 BUSCANDO RAÍZES

O misticismo ideológico dos monges e a formação social turbulenta do planalto sul do Brasil muito contribuíram para que fosse aceso o estopim da Guerra do Contestado, em conflito de grandes proporções que abalou a região entre os anos de 1912 e 1916... (DERENGOSKI, 2000, p. 25)

Francisco de Paula Pereira, antigo proprietário de um engenho de erva-mate em São Bento do Sul, julgara-se perseguido pelas autoridades paranaenses e decidiu estabelecer-se à margem do rio Canoinhas no ano de 1888, porque ali estava a erva-mate que ele comprava dos caboclos. Por esse fato, foi denominado como fundador oficial do povoado. Na década de 1910, Canoinhas era uma jovem ainda na flor da idade quando:

Desencadeou-se nesse tempo, tristíssima tragédia dos fanáticos (jagunços)⁴ – que durou vários anos e que, ao lado do dissídio dos limites, lembra a época sangrenta e heróica do martírio canoinhense que manchou o solo santo e belo deste pedaço do Brasil com sangue inocente dos sertanejos incultos, explorados em seus espíritos simples por aventureiros criminosos que conduziram à rebeldia e à morte... (*Barriga Verde*, 1939, p. 2)

O movimento do Contestado era como um caldeirão em que se misturavam segmentos de vários extratos sociais, que traziam em sua bagagem elementos de cultura como religião e educação; todavia, Queiroz ressalta a forte influência do catolicismo rústico:

Como em outras partes do Brasil rural, havia ali nas vilas, nos arraiais, no meio dos latifúndios pastoris ou nas posses que escondiam no âmago das florestas, um número proporcionalmente enorme de curandeiros, benzedores, mandraqueiras, entendidos, puxadores de rezas, adivinhos, penitentes, capelões leigos. Em outras palavras, abundavam os especialistas para o controle sobrenatural, mágico ou religioso, de diversas atividades humanas ou de fenômenos da natureza. (1981, p. 50)

A formação de vilas esparsas não garantiria um povoamento na Região do Contestado. O processo de colonização ocorreu lentamente assim como tardiamente ocorreu a presença da autoridade da Igreja Católica. Foi somente no

4 Conforme Valentini, as atribuições de termos como “pelados”, “jagunços”, “fanáticos”, entre outros, são adjetivos que evoluíram, pois os primeiros escritos sobre a Campanha do Contestado denominavam os sertanejos como “incautos”, “desordeiros”, “impatrióticos”, “facinoras” etc. (1998, p. 84).

final do século XIX que franciscanos alemães se estabeleceram em Lages para atender à vasta região, praticamente ignorada pela Igreja Católica.

Os frades enfrentavam sérias dificuldades, como percorrer enormes distâncias por trilhas e picadas desconhecidas, além de enfrentar o desinteresse pelo catolicismo manifestado pelos sertanejos. Mas, aliada ao desinteresse geral, havia outra barreira a ser enfrentada pelos missionários: conforme aponta Valentini, “...as pregações dos monges seriam os maiores obstáculos” (1998, p. 57).

Foi nesse contexto, 5 anos após o término dos conflitos do Contestado, que a Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora se estabeleceu em Canoinhas, fundando um colégio. Por se tratar de uma instituição de confissão católica, esta pesquisa pretende investigar como ocorreram os percursos desse colégio numa terra marcada por conflitos, lutas e divergências religiosas.

Este capítulo aborda a presença da Igreja Romana e o Movimento do Contestado em Canoinhas, inserindo a trajetória do Colégio Sagrado Coração de Jesus, desde a origem até sua consolidação como instituição educacional.

1.2 A PRESENÇA DA IGREJA ROMANA E O CONTESTADO EM CANOINHAS

*Santa Cruz de Canoinhas, tua glória
Na Colina Sagrada raiou.
E em lampejos de esplêndida história
Até nós flamejante chegou.*

Estrilho do Hino de Canoinhas

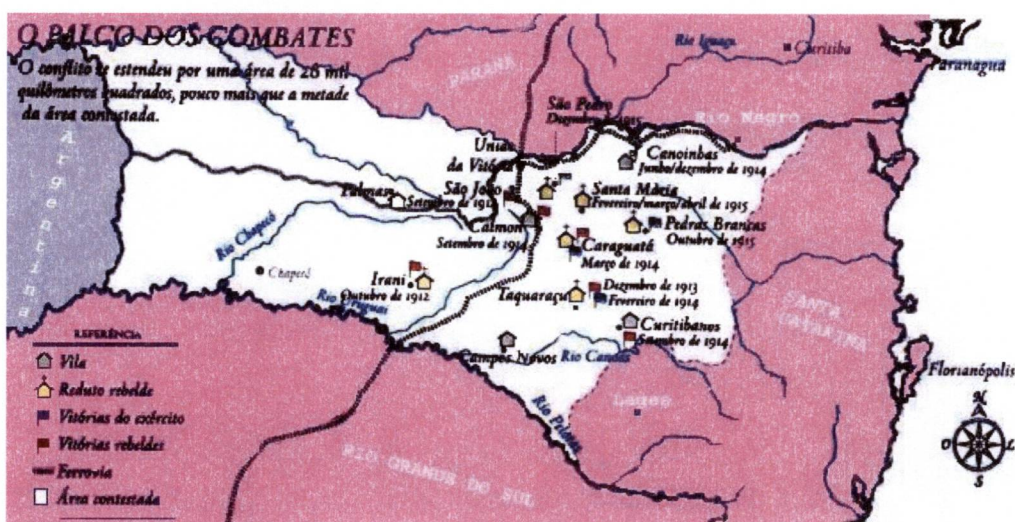
A denominação Canoinhas até hoje é motivo de dúvidas e questionamentos por muitos historiadores. Embora existam muitas versões acerca do nome Canoinhas, a mais aceita é a de que deriva do nome do principal rio do município, rio Canoinhas, cuja denominação origina do nome indígena Canoges Mirins, que significa canoa pequena, em oposição ao Canoges, atual rio Canoas, ao sul do estado de Santa Catarina.

Em época distante, isto é, há mais de 20 anos, comerciantes de Curitiba, de acordo com fazendeiros gaúchos, abriram uma extensa mas estreita picada (...) Na grande picada aberta, para transpor um grande rio, os curitibanos construíram algumas minúsculas canoas que só podiam transportar um homem. Quando se referiam a esse rio diziam “Lá nas Canoinhas”. E foi assim que ao grande rio foi dado o nome de CANOINHAS, denominação com que, muitos anos depois, foi batizada a povoação construída à margem desse rio. (*Barriga Verde*, 1940, p. 2)

Por questões históricas, Canoinhas sempre teve forte ligação com o Paraná e dele se originou a maioria dos colonizadores do município, desde as primeiras incursões ao território desconhecido, na segunda metade do século XVIII.

Situada ao sul do Paraná e ao norte do estado de Santa Catarina, Canoinhas fica a 380 km de Florianópolis, numa região denominada de Região do Contestado.⁵ Essa região faz parte do Território do Contestado, que, no tempo presente, é uma ampla área geográfica integrante das regiões sul e sudoeste do estado do Paraná e do norte e oeste do estado de Santa Catarina, que no passado foi objeto da Questão de Limites.

FIGURA 2 – MAPA DO PALCO DOS COMBATES



FONTE : Sup. Especial do jornal *Gazeta do Povo* (17 nov. 2003): História do Paraná

Segundo Tokarski, autor de *Conografia do Contestado*:

Na Guerra do Contestado, Canoinhas foi um dos principais cenários, embora alguns historiadores e outros menos informados insistam em ignorar a importância que o município teve no conflito que em sua vastidão territorial explodiu notadamente no decorrer de 1914 (...). A vila de Canoinhas foi o epicentro bélico da Guerra do Contestado, marcada pela forte presença das forças militares de repressão e por sucessivos ataques revoltosos... (TOKARSKI, 2003, p. 10)

⁵ Área geográfica localizada dentro do território do Contestado, localizada no centro-oeste de Santa Catarina, formada pelas atuais microrregiões do Planalto Norte, do Contestado, do Meio Oeste, do Alto Vale do Rio do Peixe e por parte das microrregiões do Alto Uruguai, da Serrana e do Irani, somando 3 mil km quadrados.

Mas por que Contestado?

A questão do Contestado refere-se ao conflito armado ocorrido entre 1912 e 1916, entre tropas do governo e sertanejos do interior de Santa Catarina e do Paraná. Essa região era disputada pelos dois estados, daí o nome “contestado”.

Todavia, o grande motivo que levantou a população em revolta, de acordo com Derengoski:

...foi a enorme concessão que o governo federal fez a Brazil Railway Company. Ela pertencia a Percival Farquhar (...) Foi-lhe outorgada uma área imensa de 15 quilômetros de terra, campos e pinheirais para cada lado dos trilhos de uma longa e sinuosa ferrovia que iria ligar São Paulo ao Rio Grande do Sul. Nesse latifúndio estrangeiro ele instalou a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, – a maior serraria da América Latina, na época encarregada de devastar a mata araucária e exportar madeira, além de comercializar lotes de terras... de onde havia desalojado milhares de moradores. (2000, p. 26)

Na localidade de Três Barras, que pertenceu a Canoinhas até 1961, a empresa Farquhar implantou a moderna serraria, capaz de serrar mil dúzias de madeira com quatro metros de comprimento por dia. Na região de Porto União e Canoinhas, a Southern Brazil Lumber and Colonization Company adquiriu 3.248 km² de pinheirais. E, assim, em quarenta anos de atividade, a Lumber devastou quinze milhões de árvores. Queiroz ilustra melhor ainda este fato:

A Lumber montou uma grande serraria em Três Barras, distante de Canoinhas apenas duas léguas, e uma outra menor em Calmon, à margem da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Em torno da primeira formou-se uma pequena cidade na qual, todos os anos, a 4 de julho, via-se flutuar por toda a parte a bandeira dos Estados Unidos. Ali eram serrados diariamente 300 metros cúbicos de madeira e, em dez horas de trabalho, cortavam-se 1050 tábuas. Desde a coleta das toras, no interior da floresta, até o seu desdobramento e armazenagem, todas as operações eram mecanizadas. (QUEIROZ, 1981, p. 74)

Milhares de caboclos que estavam fixados à beira dos trilhos de ferro foram desalojados para sempre de suas roças primitivas, de seus ranchos de pinheiro e até de suas fazendas de gado e porco. Além disso, cerca de oito mil operários, vindos de todo o país para trabalhar na construção da estrada de ferro, foram sendo demitidos à medida que a estrada se completava, aumentando a legião dos descontentes, pois progressivamente caboclos e moradores da região passaram a conviver com a miséria e com a falta de qualquer alternativa de sobrevivência. Eram os pinheirais do planalto de Canoinhas que alimentavam as famílias dos

caboclos sem emprego e garantiam a sobrevivência das pequenas serrarias, mas, com o desmatamento desmedido, tudo foi acabando.

Liderados pelo monge José Maria de Castro Agostinho, mobilizaram-se em armas. Forças oficiais contra-atacaram e José Maria foi morto em combate. Surgiram novos líderes que pregavam igualdade das condições sociais, o que vinha de encontro aos ideais sertanejos. As comunidades se ampliaram e o movimento se reconstituiu. Tropas do governo, sob o comando do general Fernando Setembrino Carvalho, intervieram novamente e os sertanejos foram derrotados. A repressão violenta causou a morte de milhares de pessoas, entre soldados, jagunços, mulheres e crianças.

O município de Canoinhas foi ponto estratégico do sangrento conflito do Contestado, pois a estação ferroviária de Marcílio Dias, construída em 1913 e localizada no distrito do mesmo nome, serviu para desembarque das tropas militares durante a Guerra do Contestado e tornou-se um dos alvos mais atacados e incendiados durante a guerra. Em 1914 e 1915, várias vezes, a vila e os povoados do interior de Canoinhas foram atacados pelos revoltosos.

Para se compreender com mais profundidade o que houve nos sertões do Paraná e de Santa Catarina, é necessário considerar os fenômenos aí registrados como decorrentes do acúmulo, através do tempo, de problemas sociais de toda espécie nunca resolvidos, os quais foram também responsáveis por agravar os conflitos latentes entre os grupos sociais e econômicos envolvidos.

Os conflitos do Contestado ocorreram, conforme Queiroz:

...numa época em que os valores religiosos e mágicos perpassaram toda a ideologia, onde a religião possuía sentido tão pragmático que as roças eram benzidas e se acreditava curar as pessoas rezando sobre as feridas... (1981, p. 249)

Percebe-se que as crenças religiosas e o misticismo impregnavam a população da Região do Contestado. Em contrapartida, no século XIX, o catolicismo romanizado já estava sendo implantado no Brasil, pregando uma nova forma de viver o cristianismo, como afirma Dallabrida:

...este modo mais austero e conservador do catolicismo procurava produzir fiéis disciplinados, piedosos, ordeiros, submissos à hierarquia clerical e civil e praticantes dos sacramentos, que deveriam ser ministrados exclusivamente pelo clero. (2001, p. 64)

No campo da inculcação e da difusão das idéias, a influência romana foi reforçada pela entrada maciça de ordens e congregações européias que levaram adiante o fervor missionário do projeto de europeização e romanização do catolicismo brasileiro.

Marcus Levy Albino Bencostta afirma que:

Com o surgimento dos primeiros traços demarcadores de uma sociedade dessacralizada, que não somente começava a criticar, mas se tornava cada vez mais independente da autoridade eclesiástica, o episcopado brasileiro, em perfeita consonância com Roma, entendeu que a Igreja Católica deveria ser responsável pela elaboração e divulgação de uma doutrina capaz de conservar e restaurar seus valores na sociedade e no Estado ameaçados pelas idéias originárias dessa inovadora e perigosa sociedade. Assim, a romanização, ou europeização do catolicismo, como também é denominado o ultramontanismo, assume características conservadoras, a fim de manter seu poder. (1999 p. 17)

A vinda dessas congregações representou, nos planos cultural e religioso, uma ruptura por vezes bastante drástica, quando não o desprezo pela herança do catolicismo luso-brasileiro. Como pode ser constatado no caso da ação dos franciscanos alemães no Brasil, em especial na Região do Contestado.

De acordo com estudos históricos eclesiásticos, os franciscanos alemães da Saxônia vieram ao Brasil por solicitação de padres da Província de Santo Antonio da Bahia. Entretanto, devido a questões climáticas e à necessidade de dar atendimento a imigrantes alemães espalhados nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, foi decidido que eles deveriam se estabelecer ao sul do Brasil. Gradativamente, eles foram ocupando espaço no território catarinense. Em 1891, fixaram residência em Lages e, em 1900, em Curitiba. Em 1903, assumiram a direção da Paróquia de Palmas. Em 1912, criaram a Paróquia de Canoinhas, desmembrando-a de Curitiba; em 1914, assumiram a Paróquia de Porto União e, no ano seguinte, a Paróquia de São Francisco do Sul.

Os estudos de Douglas Teixeira MONTEIRO (1974, p. 86) confirmam o que foi relatado acima, mostrando que, da mesma forma como o catolicismo popular no território do Contestado esteve ligado à figura milagreira e quase mágica dos monges, o catolicismo oficial vinculou-se à atividade pastoral de frades da Ordem Franciscana, os quais já haviam se estabelecido em Lages e, mais tarde, em outras regiões, como Curitiba, até atingir o Planalto Catarinense.

Foi na região do Planalto Norte Catarinense, cujo povoamento era marcado essencialmente pela presença de luso-brasileiros, que os franciscanos tiveram

que enfrentar embates. Isso se devia à rejeição que eles manifestavam em relação às práticas religiosas dos caboclos envolvidos na chamada Guerra do Contestado.

Elio Catalício Serpa diz que:

Nos municípios em que a questão do Contestado afluía com mais intensidade, os franciscanos, aliados aos objetivos das elites dirigentes, atuaram como mediadores no sentido de fazer negociações, visando à pacificação dos caboclos, e atuavam como informantes para o exército. (1997, p. 210)

Durante todos os acontecimentos da Guerra do Contestado, a Igreja esteve ao lado do poder, condenando os caboclos e denominando-os de bandidos. Veja-se, abaixo, como o Frei Aurélio Stulzer descreve o primeiro ataque, que aconteceu em 1914, em Canoinhas:

Na madrugada de 14 para 15 do corrente a nossa vila fora atacada pelos fanáticos que felizmente foram derrotados. As duas horas da manhã chegaram os bandidos entrenchando-se por todos os pontos da villa, principiando d'ahi há pouco a fuzilaria. As trincheiras ocupadas do Exército e da Polícia responderam às descargas dos fanáticos, que cada vez mais aproximavam mais para o interior da Villa, n'uma vozeria desenfreada. (STULZER, 1982, p. 121)

No livro Tombo da Paróquia de Canoinhas, os caboclos também são rotulados de bandidos, jagunços ou fanáticos.

Ocorre que os caboclos do Contestado estavam revoltados com a situação de expropriação de suas terras e também pela exploração a que eram submetidos; devido a isso, buscaram se organizar a fim de superar a desigualdade social gerada no decorrer do conflito.

Não é de se estranhar que os franciscanos se colocassem ao lado da elite dirigente, pois a forma da Igreja encarar a questão social naquela época, conforme salienta MARCHI (1989, p. 59),

...era permeada por um discurso e uma prática medievalista, opondo à exploração capitalista um comportamento paciente e conformista. A diferença de fortuna não era um mal em si, ao mesmo tempo, a Igreja aceitava com naturalidade o fato de o pobre trabalhar para o rico e o rico assistir o pobre, porque assim se construiria a harmonia da sociedade, embasada na diferença.

A ação filantrópica dos padres católicos era utilizada, nessa época, como uma estratégia para atenuar as desigualdades. Daí, segundo MARGOTTO (1997, p. 40), "a origem do catolicismo dito social, cuja forma de atuação baseava-se em

uma leitura da pobreza como fruto mais da ausência de sorte do que propriamente injustiças sociais.”

Trabalhando nessa política de aceitação das diferenças sociais, de harmonia e de pacificação dos caboclos, era pouco provável que os franciscanos tomassem partido na sua causa, sendo mais fácil envolverem-se com a elite dirigente e até prestarem serviços de informações ao exército.

Essa postura da Igreja frente ao movimento do Contestado deve ter sido um dos primeiros entraves para o processo de romanização tão almejado naquele momento, visto que o catolicismo popular imperava na região.

Outro empecilho foi a falta de tática no relacionamento entre padres e a população que professava o catolicismo popular. Eles rejeitavam abertamente suas práticas religiosas: procissões, promessas, festas, benzimentos, crendices e superstições. Havia uma grande distância entre o discurso oficial da Igreja e as práticas religiosas do povo. Sua fé fundamentava-se em símbolos e ritos, objetivamente significativos, mas não identificados com a orientação da Igreja Romana. Devido a essa situação,

...não foram poucos os esforços desta instituição no sentido de silenciar as antigas práticas religiosas que, no entanto, não puderam ser substituídas pelas “novas” formas devocionais. A falta de entendimento dos rituais oficiais teria levado muitos católicos a abandonarem a Igreja, enquanto local de culto religioso, a fim de manterem suas rezas, suas procissões e, sobretudo, a devoção aos seus santos, muito dos quais, a Igreja nunca consagraria. (MARCHI, 1989, p. 255)

O excerto abaixo ilustra muito bem como se davam as relações entre franciscanos e caboclos:

...Os caboclos eram vistos pelos religiosos como uma multidão que vivia na ignorância e no indiferentismo religioso, independentemente de serem atuantes na questão do Contestado (1912-1916). Estes reagiram à atuação dos padres de diferentes formas (...) Chegaram a criar todo um imaginário religioso capaz de aglutinar forças no sentido de conduzir as vontades coletivas do grupo, no mesmo sentido, contrapondo-se com as práticas e representações da hierarquia eclesiástica, que colada nos seus interesses e das elites dirigentes os viam como fanáticos. Desta forma, criou-se toda uma situação em que os franciscanos e caboclos digladiavam-se buscando consolidar seu campo de ação e suas visões religiosas de mundo. (SERPA, 1997, p. 213)

Os franciscanos não viam com bons olhos as práticas religiosas dos caboclos, que, segundo eles, estavam “contaminadas” com superstições, valorizavam práticas exteriores de culto, promessas, procissões e festas. Esses

caboclos eram controlados pelos leigos, rezadores e beatos, que exerciam grande influência em seu meio.

A intenção da Igreja foi buscar colocar sob sua proteção as igrejas e as capelas, procurando modificar o caráter festivo e profano normalmente presente e substituir leigos pelo clero, para poder controlar o catolicismo popular; entretanto, nas capelas rurais, o processo de romanização foi bem mais difícil:

Não contando com a presença permanente do vigário, a estratégia de substituição gradual das devoções tornou-se pouco eficaz. Isoladas no interior, dispersas, sem contato permanente com o vigário, as capelas rurais permaneciam nas mãos dos agentes religiosos leigos. Os rezadores, capelões, beatos e beatas, em suma, toda sorte de leigos que tomavam conta das atividades religiosas locais, mantinham as tradições ao catolicismo popular. (OLIVEIRA, 1976, p. 288)

Contando com poucos padres, a Igreja não conseguia atender às capelas do interior, as quais permaneciam nas mãos dos leigos, que disseminavam práticas religiosas do catolicismo popular, garantindo, segundo Marchi, “a manutenção de uma fé que a Igreja Oficial não reconhecia, nem controlava” (1989, p. 254).

No entanto, enquanto essa expansão ocorria, a Igreja permanecia voltada para si mesma, ou seja, missa somente em tempo próprio, reza somente em igreja, a não ser em casos extremos de atendimento particular, por motivo de doença ou aconselhamentos a famílias abastadas.

Essa era uma atitude da Igreja representada pelos franciscanos, a qual contradizia a proposta de seu fundador, Francisco de Assis, pois, conforme Le Goff, “A essa sociedade que se imobiliza, que se instala, ele propõe a estrada, a peregrinação” (LE GOFF, 2001, p. 37).

Algumas dessas incoerências dos franciscanos se refletiam na Região do Contestado quando se colocavam ao lado da elite dirigente, das famílias mais abastadas, desprezando as práticas religiosas do povo simples e restringindo o catolicismo oficial às quatro paredes do templo, enquanto o catolicismo popular ganhava forças nas palavras, nos locais e nas longas caminhadas feitas pelos monges. O principal deles foi João Maria Agostini, popular São João Maria.

Marli Auras, ao pesquisar a vida do monge, coletou vários relatos que definiram seu perfil segundo o imaginário popular:

Era um homem de muitos bons conselhos, sendo acolhido pelos caboclos como enviado do céu (...) Cajado sempre à mão, longa e desalinhada barba grisalha, inseparável gorro

de pele de jaguatirica (...) a tiracolo uma guampa com água, às costas um saco com pouca roupa, uma caneca, a cuia e a bomba de chimarrão (...) Aconselhando, pregando o evangelho ao seu modo, distribuindo regras, consolando, curando, arbitrando nas divergências dos sertanejos, batizando, granjeou profunda admiração e respeito dos moradores daquelas bandas, sendo venerado como um santo. (AURAS, 1995, p. 23)

João Maria era carismático e bem acolhido pelo povo, uma liderança que congregava a população da Região do Contestado, o que causava um “mal-estar” nos religiosos franciscanos que ali atuavam, pois o medo da Igreja diante dos movimentos dos “laici religiosos” vinha de longa data:

Já o cânon do segundo Concílio de Latrão (1139) proibira as formas de religião que mulheres piedosas praticavam em suas casas (...). O papa Lúcio III excomungou simultaneamente cátaros,⁶ valdenses⁷ e Umiliati,⁸ em Verona em 1184. Que reprovava a Igreja neles? Essencialmente a usurpação de um dos monopólios dos cléricos, a pregação. (LE GOFF, 2001, p. 36)

Para a Igreja Romanizada, excetuando-se o clero, os demais eram considerados usurpadores e incapazes de pregar. Ela se escandalizava ainda mais quando se tratava de mulheres, pois a elas era vedado o direito à pregação.

A situação de exclusão do leigo vem de longa data, pois, segundo registros de LE GOFF (2001, p. 37),

...à altura do ano de 1200, Francisco de Assis conviveu num contexto de reivindicações de alguns leigos, tais como: acesso direto à Escritura, sem obstáculo ao latim e a intermediação do clero, o direito ao ministério da palavra, a prática da vida evangélica na família, no trabalho, no estado leigo. Aspiravam também igualdade entre os sexos. Francisco foi sensível a essas reivindicações e se colocou ao lado dos leigos, mulheres e crianças.

Uma função essencial para os franciscanos é a pregação. A pregação com tendências para sair da igreja, a se realizar fora, nas praças, nas casas, na estrada, onde houver homens. Essa função essencial do franciscanismo não foi realizada de forma adequada na Região do Contestado, abrindo espaço para os monges, em especial para João Maria, que passou a preencher espaços sociais

6 Cátaros: membros do catarismo, movimento leigo considerado herético pela Igreja. Eles se estendiam pela baixa Renânia, por algumas regiões da França e do Império Romano Germânico, do Loire aos Alpes, por Provença e pela Itália do norte. Eles derrotaram o clero secular e também os cistercienses, aos quais o papado tinha confiado a ação da pregação depois da cruzada.

7 Valdenses: leigos que consagravam suas vidas, por volta de 1170, à piedade e às boas obras, à leitura da bíblia, à pregação e à mendicância.

8 *Umiliati*: grupo de artesãos que, em 1175, constituiu-se em Milão como comunidade de trabalho e de oração, também lendo a bíblia em língua vulgar e pregando.

vazios, como o da autoridade justa, o do médico, o do padre, o do professor, e anunciou a vinda de novos tempos em que a felicidade, a fartura e a justiça se fariam presentes.

A presença de João Maria foi tão marcante que os pais preferiam ter seus filhos batizados unicamente pelo monge e, além disso, que ele próprio fosse o padrinho, isto em clara oposição ao catolicismo oficial e à sua hierarquia, uma vez que João Maria estava sendo preferido frente aos padres e ao coronel. Conforme MONTEIRO (1978, p. 59):

...em 1897, Frei Rogério Neuhaus, o franciscano que mais contato teve com os paroquianos do sertão, encontrou dificuldades em batizar rapazes de 10 a 12 anos de idade, que nem sequer tinham sido batizados em casa, porque os pais estavam à espera do monge (...), aliás, vivo e em andanças pela região.

Um outro personagem bastante controverso, partícipe desse ambiente religioso, foi o frei Rogério, da ordem franciscana. Esse eclesiástico nasceu em Borkeu, na Alemanha, e tornou-se sacerdote antes de ser designado para trabalhar no Brasil. Em 1892, chegou a Lages (SC) como missionário da Igreja, para dar início ao seu sacerdócio nos campos lageanos.

Em suas andanças pelo vasto interior, frei Rogério semeava capelas, permanecendo por alguns dias em cada localidade, a fim de diminuir a ignorância religiosa da população acerca do catolicismo romano.

À medida que os sertanejos, naquele contexto histórico, exploravam mais a autonomia relativa de seu catolicismo popular, frei Rogério aproximava-se explicitamente do Estado, não encontrando, dessa forma, mais espaço junto aos caboclos.

De um confronto entre frei Rogério e o monge João Maria, Osvaldo Rodrigues Cabral relata que:

...durante toda aquela noite o povo ficou ao lado de João Maria, homens, mulheres e crianças e que, supersticioso, guardava cinzas do fogão de João Maria, usando-a como remédio, e no lugar do pouso faziam um cercado, plantando nele uma cruz. (1979, p. 154)

A tendência dos franciscanos, em especial de frei Rogério, de compactuar com o Estado e com a elite dirigente dificultou bastante o relacionamento com o povo, que se sentia traído e explorado por eles. Além disso, os ensinamentos religiosos do catolicismo romano, muitas vezes, não eram entendidos pela

população, pois, conforme relata Augustin Wernet, que pesquisou a europeização e romanização do catolicismo brasileiro:

...não é de estranhar que o povo simples, muitas vezes se afastasse das práticas introduzidas pelo catolicismo ultramontano e pelos padres estrangeiros, cujos sermões não entenderam, e, por causa disso, preferiu continuar o cultivo das práticas do catolicismo tradicional e popular. A Igreja, parcialmente teve consciência disso, percebendo talvez vagamente que ela fez uma certa opção preferencial pelas camadas médias urbanas da sociedade brasileira. (1985, p. 43)

Na doutrina do catolicismo romanizado estão presentes elementos que acentuam a singularidade e individualidade, muito embora estejam vestidos com outras feições. Houve uma boa aceitação desse catolicismo por parte de camadas da classe média em ascensão nos núcleos urbanos, pelo fato de que essas camadas já haviam incorporado certos valores e comportamentos que eram característicos do ideário liberal. Neste sentido, BEOZZO (1992, p. 199) adverte:

O novo catolicismo romanizado é muito mais individualista, no estilo “salva a tua alma”, menos social e mais intimista, com insistência no conhecimento doutrinal e na prática religiosa sacramental: confissão, comunhão e matrimônio cristão.

Essa forma de catolicismo resultava em contraste com os costumes de solidariedade do povo irmanado na luta.

Ao analisar o posicionamento da hierarquia da Igreja com relação à população rústica e também frente ao conflito do Contestado, Nilson Thomé conclui que:

A Igreja Católica aprendeu sua lição, por ter tentado utilizar métodos de evangelização ortodoxos numa população inculta, e por não ter, desde o início, apoiado as manifestações dos oprimidos. Mais paróquias foram criadas, mais templos foram construídos; vieram mais padres, que agilizaram as visitas aos interiores do Contestado. Mas, com todo o respeito, saía o religioso pela mesma porta que entrava, pouco acrescentando à fé rústica: o caboclo ainda venerou por muitos anos o seu santo, o “São” João Maria – e até hoje guarda o retrato e os patuás em suas casas. A conversão demorou, acontecendo bem devagar, à medida que os sertanejos foram se sociabilizando e se aproximando das cidades ou mesmo dos povoados rurais, com os quais passaram a vizinhar com o avanço dos colonos. (1992, p. 104)

A Igreja afirmava, no seu discurso, que o aumento da criminalidade e o mau funcionamento da sociedade era resultado direto da ignorância das verdades da fé e dos preceitos divinos. Assim, era fundamental o ensino da religião para todas as faixas etárias por meio da imprensa escrita, cujas publicações deveriam ser disponibilizadas em hospitais, asilos, escolas, associações, entre outros.

No entanto, dentro dessa dinâmica, a aliança entre os representantes da hierarquia da Igreja e a população da Região do Contestado também estava comprometida, devido aos elevados índices de analfabetismo ou a níveis baixos de escolarização que imperavam naquele período.

Na análise efetuada até aqui, o passo inicial consistiu na apresentação da localidade de Canoinhas, a qual esteve envolvida nos conflitos do Contestado, região onde predominava o catolicismo popular, que entrou em choque com o catolicismo romanizado. A intenção foi contextualizar o meio social, econômico e religioso no qual o Colégio Sagrado Coração de Jesus plantou suas raízes, uma vez que, para tratar da questão da formação oferecida pela instituição, é impossível desvinculá-la do meio social no qual estava inserida.

1.3 UM LONGO CAMINHO ATÉ CANOINHAS

Nossa congregação foi iniciada por Madre Bernarda e configurada por ela mesma a partir de suas experiências pessoais que nos enchem de entusiasmo e nos impelem a segui-la.

ESPÍRITO e Missão..., 1984, p. 9

Como a Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora foi atraída para a Região do Contestado?

Qual a origem da Madre Maria Bernarda Bütler, fundadora da congregação?

Estas são algumas das questões que serão pesquisadas para entender como o povoado de Canoinhas e outras localidades de Santa Catarina foram contempladas com o trabalho dessa ordem.

Um longo caminho a percorrer até Canoinhas... Foi no longínquo ano de 1867 que a jovem Verena Bütler ingressou no convento de Maria Hilf, em Altstätten, Suíça. Recebeu o nome de Maria Bernarda Bütler e se consagrou para viver com toda plenitude e comunitariamente os Conselhos Evangélicos dentro do Carisma Franciscano.

Como Mestra de Noviças e depois como Superiora, elevou o nível espiritual e material do Convento de Maria Hilf, o que atraiu muitas vocações, ultrapassando o número de membros previstos pelas leis civis da Canton St. Gallen, pelos anos de 1886-1887. Foi então que Madre Bernarda teve pela primeira vez a idéia de fundar um convento filial. (ESPÍRITO e missão..., 1984, p. 29)

Nessa época, a Igreja europeia viveu um grande impulso missionário e abriu os seus horizontes a outros continentes, sobretudo para a América.

A notícia das urgentes necessidades nestas terras, chegou como um chamado às Irmãs do Convento de Maria Hilf "o que despertou nas Irmãs um grande zelo missionário e muito entusiasmo, sobretudo na superiora, madre Bernarda Bütler". (ESPÍRITO e missão..., 1984, p. 29)

Imbuída desse espírito missionário, Madre Bernarda se uniu a um grupo de Irmãs dispostas a deixar sua terra natal para trabalhar nas missões.

Superando passo a passo as dificuldades que exige uma mudança de vida contemplativa e claustral a uma vida ativa e apostólica, as Irmãs reconheceram cada vez mais a vontade a uma vida ativa e apostólica, as Irmãs reconheceram cada vez mais a vontade divina nesta decisão. Deus escolheu Monsenhor Pedro Schumacher, então bispo de Porto Vejo, no Equador, para chamar e dirigir as Irmãs deste Convento ao trabalho apostólico na América Latina. (ESPÍRITO e missão...1984, p. 30)

Tomada a decisão, foi solicitada ao Papa a dispensa da clausura e, para cumprir os requisitos legais, Madre Bernarda apresentou uma carta de renúncia e abandonou o convento com seis companheiras, rumo à terra de missões. Isso aconteceu no dia 19 de junho de 1888, que foi considerado como o dia da fundação da congregação.

Ao chegar na longínqua América Latina, irmã Bernarda e suas seis companheiras se instalaram em Chone, no Equador, no dia 8 de agosto de 1888, onde se encarregaram do cuidado dos doentes e da educação da juventude.

Em 1895, as irmãs interromperam o trabalho de evangelização, de cuidados com os doentes e com o ensino nas escolas do Equador devido às desordens que reinavam no país e foram se estabelecer na Colômbia.

Em Cartagena, Colômbia, onde Monsenhor Eugênio Biffi, bispo verdadeiramente missionário, as acolheu paternalmente, elas encontraram condições mais favoráveis, embora nos primeiros anos o país também tenha sido açoitado por guerras e revoluções. (ESPÍRITO e missão..., 1984, p. 32)

No Brasil, desde a segunda metade do século XIX, a ação pastoral administrativa da Igreja procurava modificar paulatinamente e profundamente o modo de exercer o catolicismo para uma vertente mais conservadora e identificada com as diretrizes de Roma. Esse esforço de oficialização necessitava da dinamização das instituições católicas, a fim de propagar a doutrina e a moral

desse tipo de catolicismo, o romanizado. Uma das ações mais visíveis dessa mudança foi a explosão da vida religiosa que se assistiu pela vinda de numerosas congregações européias e também pelo florescimento interno da vida religiosa, sobretudo feminina.

Do final do século XIX até os primeiros trinta anos do século XX, foram fundadas no Brasil ou chegaram aqui, provenientes de vários países da Europa e mesmo de outros países situados fora do continente europeu, 93 congregações. “Das congregações femininas, 22 foram fundadas no Brasil, enquanto apenas uma masculina tem sua origem no Brasil” (BEOZZO, 1983, p. 127).

Esses aumentos no número de congregações não eram de todo alheios ao quadro de mudanças na política da Igreja Católica na Europa, seguidos, por vezes, de medidas bastante duras contra o clero. José Oscar Beozzo assinala:

...a guerra de 1914-18, com o exacerbamento do nacionalismo local e mesmo reações violentas contra congregações de origem alemã, assim como a revolução de 1930 pressionaram as congregações no sentido de uma política de abertura de noviciados e seminários aqui no Brasil e transferência das sedes provinciais para cá. (BEOZZO, 1983, p. 129)

Além dos problemas da guerra e do nacionalismo exacerbado citado acima, diante do avanço da educação leiga, o clero teria a tarefa vital de ocupar espaços possíveis deixados pelo “inimigo”, representado pelos tempos modernos. Essa ação partia do pressuposto de que a crise mundial era resultado da influência dos princípios degenerativos do pensamento moderno, veiculado pela educação leiga, e que a solução para tal crise residia na educação católica.

A irmã Maria Bernarda, apesar de considerar a Colômbia um país com campo de ação bastante fecundo, buscou lançar sementes em outro país. E, assim, no dia 7 de abril de 1911, cinco irmãs chegaram ao Brasil procedentes da Colômbia, estabelecendo-se no norte do Pará, em Óbidos, onde receberam do bispo Dom Armando Bohlmann, o colégio de Óbidos, para trabalharem como educadoras.

Três anos depois, elas se dividiram e algumas religiosas deixam o Pará para trabalharem em Quissamão, no Rio de Janeiro. “A 25 de maio de 1913 chegaram três franciscanas a Quissamão, começaram já em meados de junho a trabalhar em atividades escolares como professoras” (MAYER, 1959, p. 194).

No Rio Grande do Sul, a congregação fundou um hospital na localidade de Barras, em 1914, e uma escola e um noviciado, em 1920, na localidade de Três Arroios. Em Canoinhas, Santa Catarina, a congregação se estabeleceu em 1920, fundando o Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1921.

Durante este ano de 1920 realizou-se finalmente o desejo ardentíssimo do nosso Vigário pois sendo debaldadas as forças empregadas para alcançar o consentimento de alguma e qualquer Congregação das irmãs de fundar nesta villa de Canoinhas residência e collégio de ensino e de educação tão necessário, aceitaram finalmente as Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora, que até então tinham uma casa semelhante aqui no Brasil só em Quissamão, estado do Rio de Janeiro. Com a devida licença e benção do nosso digníssimo Prelado D. Joaquim Domingues de Oliveira chegaram as duas primeiras irmãs no dia 30 de dezembro de 1920, a fim de preparar tudo. (LIVRO-TOMBO..., 1920, p. 37)

Frei Menandro Kamps era vigário e também professor da primeira escola paroquial da “vila de Canoinhas”. Como essa escola era destinada somente aos meninos e ele também preocupava-se com a educação para as meninas, fez solicitação às congregações religiosas para se estabelecerem em Canoinhas, conforme relato do livro-tombo:

Frei Menandro Kamps, primeiro vigário de Canoinhas, que imediatamente, principiou a edificação do Collégio para meninos no terreno da igreja no centro da villa e encaminhou a fundação d'um collégio para meninas pedindo freiras da congregação das Irmãs da Divina Providência. Porém o movimento dos fanáticos e as ameaças deles de assaltar a villa em pouco fez progredir essas obras, de modo que antes do princípio do anno vindouro não se pode abrir um deste estabelecimento, mas com o tempo o vigário tem esperança de contentar o desejo geral de seus parochianos e especialmente dos habitantes de Canoinhas. (LIVRO-TOMBO..., 1914)

Pelo relato, percebe-se que o movimento dos fanáticos, denominação dada aos participantes do conflito do Contestado, atrapalhou os planos do vigário de Canoinhas relativos à educação dos filhos dos seus paroquianos. As solicitações feitas às congregações religiosas femininas foram em vão, só encontrando eco em 1920, quando a Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora aceitou se estabelecer em Canoinhas.

Apesar de a Primeira Guerra Mundial ter impedido, por vários anos, a expansão da congregação no Brasil, percebe-se o seu esforço para tentar multiplicar a sua messe. A propósito da expansão da Congregação das Missionárias de Maria Auxiliadora no Brasil, a Madre Maris Stela, diretora da Escola Normal São José de Erechim, assim se pronunciou em 1957:

Nossa Congregação é muito simples. A maioria de nossas irmãs trabalha em escolas e hospitais do interior (...) para a formação das irmãs temos três Escolas Normais, localizadas nas cidades de Erechim (RS), Canoinhas e Chapecó (SC). Nessas escolas também são matriculadas jovens e senhoras (...). Recentemente foi criada uma Escola Normal Rural em Gauroma (RS). Além das escolas primárias, ginásios e cursos de formação de professoras, nossas irmãs dirigem 9 hospitais, 2 asilos e cuidam dos serviços domésticos de uma casa de retiros e um seminário diocesano. A sede da congregação no Brasil é na Escola Normal São José, Erechim (RS). (MAYER, 1959, p. 324)

Assim, aos poucos, a congregação foi se expandindo pelo território catarinense e rio-grandense como instituição educacional católica encarregada da difusão das orientações do catolicismo. Segundo MANOEL (1996, p. 31), por meio dessas instituições, a Igreja teria a possibilidade de "...recuperar o controle sobre a educação escolarizada ou, no mínimo, o direito de organizar seu próprio sistema educacional."

Manoel assinala que as diversas congregações religiosas masculinas e femininas européias vieram para o Brasil para estruturar uma organização pedagógica destinada à educação das elites, para tal utilizou:

...uma estratégia que podemos denominar de "teoria dos círculos concêntricos": da mãe cristã para filhos cristãos, de filhos cristãos, para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna. (MANOEL, 1996, p. 49)

A educação feminina foi uma das metas para essa prática – educando as mães, estas criariam seus filhos de acordo com os princípios católicos.

CUNHA e LEAL (1991, p. 27) observam que:

Em tempos modernos de oportunidade de educação escolar para mulheres, é inegável que a ação dessas ordens religiosas francesas, alemãs, italianas no Brasil representou uma notável ampliação. No entanto, deve-se lembrar que eram quase que exclusivamente as filhas das elites e dos extratos mais privilegiados que se beneficiavam desta expansão, dado o caráter privado de suas escolas, bem como seu custo elevado.

Parece um tanto contraditório que uma congregação franciscana também se beneficiasse dos extratos mais privilegiados da população, pois quando Francisco apareceu com sua "novidade" evangélica foi saudado como o enviado, aquele que trazia uma resposta a tantas buscas e vinha complementar um trabalho espiritual iniciado há vários anos. Ele propõe "um 'único modelo, o Cristo, um único programa, 'seguir nu o Cristo nu'"(LE GOFF, 2001, p. 38). E, baseando-se na simplicidade e acessibilidade, apontava para os seguintes valores:

comunidade, penitência, vida evangélica e vida apostólica, conversão contínua, paz e pobreza aos moldes da Igreja primitiva.

1.4 FINALIDADES DA CONGREGAÇÃO

Nossa Congregação fundamentada na Espiritualidade Franciscana também é um dos dons de Deus à sua Igreja.

ESPÍRITO e Missão..., 1984, p. 9

A constituição dessa congregação, em seu primeiro capítulo, no conjunto das finalidades, está assim definida:

A Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora é um dom que o Espírito do Senhor concedeu à Igreja, por meio da Madre Bernarda Bütler, sua Fundadora. É uma Instituição Religiosa de direito pontifício, regido pelas normas de Direito Universal, pela Regra e Vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis, pelas presentes Constituições e Diretório Geral. (...) Nosso patrimônio espiritual inclui o espírito franciscano, tem como norma suprema viver o evangelho em fraternidade, minoridade e apostolicidade, em seguimento a Cristo pobre, humilde e crucificado, e em obediente serviço à Igreja. (REGRAS E CONSTITUIÇÕES..., 1982, p. 49-50)

Organizada sob a tutela da Santa Sé, portanto identificada com as diretrizes do catolicismo romanizado, a congregação apresentava, em termos hierárquicos, a seguinte composição:

- 1) Supervisora Geral (primeiro lugar em todas as casas da congregação em que se achar);
 - 2) Provincial (primeiro lugar nas casas de sua jurisdição);
 - 3) Assistentes (supervisora geral e provincial, substituindo-as quando delegadas);
 - 4) Irmãs por ordens de antigüidade da primeira profissão (quando fez profissão dos votos);
 - 5) Noviças;
 - 6) Postulantes (por ordens de antigüidade na admissão ao noviciado e postulado).
- (REGRAS E CONSTITUIÇÕES..., p. 108)

Uma premissa importante, mencionada na organização da congregação, é a de que todas as irmãs pertencem a uma só classe,⁹ não havendo, portanto, diferenciação dada pela riqueza ou pobreza. Embora possa não prevalecer o princípio da condição de igualdade dada pela situação socioeconômica, a hierarquia superpõe-se como grande diferenciador nas relações sociais e

⁹ Esse termo é utilizado no livro das regras da congregação sem nenhuma conotação ao segmento social.

religiosas em qualquer que seja a congregação, fato que demarca também diferenciação nas funções que demandam relações de poder.

A congregação era bastante rigorosa na admissão de futuras religiosas e exigia determinadas qualidades às interessadas a participar da ordem.

Além dos critérios do Diretório e Linhas Gerais de Formação, para a admissão ao postulado, observaremos: a) Capacidade de relacionamento, tomar decisões e adaptação à vontade dos superiores; b) Responsabilidade e disponibilidade; c) Crescente maturidade afetiva; d) Gosto pela oração; e) Interesse pela missão. (DIRETÓRIO PROVINCIAL, 1992, p. 12)

Não se exigia da pretendente apenas propensão à submissão. Era preciso que tivesse também bastante saúde para desempenhar as atividades na congregação. “Serão estudados os casos de jovens procedentes de famílias: onde tem havido ou há enfermidades incuráveis, contagiosas ou mentais” (DIRETÓRIO PROVINCIAL, p. 11).

Observe-se que, além das exigências anteriormente citadas, requisitos para a submissão hierárquica, subentendida como um pressuposto disciplinar, não se admitia que a candidata possuísse uma linhagem comprometida em termos de saúde. Em certas congregações, as candidatas eram excluídas se portassem defeitos físicos graves. Na ordem franciscana, essa atitude seria um contra-senso, pois São Francisco buscava os pobres, os humildes, os discriminados e todos aqueles que precisavam de apoio.

As Constituições das Religiosas Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora em muito guardam lembranças do *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus, devido à maneira como se acham estruturadas. É importante destacar que, tal como o *Ratio Studiorum*, as constituições foram organizadas no sentido de regular toda a vida cotidiana das religiosas.¹⁰ É interessante observar o modo

10 A semelhança deve-se ao formato das constituições no que tange a sua organização: inicialmente constam de uma parte introdutória – “Palavras de São Francisco a seus seguidores”. Em seguida, um capítulo que aborda “Regra e vida dos Irmão e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco”, em que, numa seqüência, estão elencadas oito regras assim distribuídas: “da aceitação desta vida; do espírito de oração; da vida em castidade pelo reino dos céus; do modo de servir e trabalhar; da vida em pobreza; da vida fraterna; de obediência caritativa; da vida apostólica”. As constituições propriamente ditas dividem-se em duas grandes partes: a primeira dedicada à natureza da congregação, abrangendo os votos de perfeição, obras e virtudes; a segunda parte versa sobre a organização da congregação e nela acham-se prescritos dez capítulos dedicados às “regras para diversos ofícios” (ver, neste sentido, *Regras e Constituições da Congregação das Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora, Roma, 1982*. Ver também FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas – Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: Agir, 1952).

como está prescrito cada passo delas, do deitar-se ao levantar-se. Neste sentido, prima-se pela eficácia no controle do tempo. O tempo para dormir, para acordar, para as primeiras orações e refeições, para o trabalho. Esse regulamento no cotidiano da vida das religiosas lembra Foucault,¹¹ quando se refere à disciplinarização do corpo ao tempo e também ao espaço e como, à medida que o corpo é disciplinarizado, há também sujeição, visando torná-lo dócil. No caso particular das congregações religiosas católicas, o espaço do isolamento dos conventos torna-se um instrumento fundamental para tal conformação e, portanto, sujeição. A arquitetura, os corredores longos, as paredes grossas, as imensas janelas, tudo expressa secularidade, que, em união com o silêncio, compõe um conjunto de mecanismos que constroem um modo particular de adestramento.

1.5 GRUTA DE BELÉM: CANOINHAS É AGRACIADA COM UM COLÉGIO

*Assim foi, com a benção de Deus, o começo em
Canoinhas, sem música, sem sinos, mas sim, um cântico
para os anjos e para os mais profundos olhares humanos.*

CRÔNICAS..., 1921, p. 2

A população rústica do Contestado não reivindicou escolas antes do início do século; na verdade, a instrução informal lhe era suficiente.

Essa realidade iria se modificar com a vinda dos primeiros imigrantes estrangeiros que formaram núcleos urbanos mais concentrados, influenciaram com seus hábitos e costumes, gerando outras expectativas em relação à educação e à vida em geral.

De acordo com a tradição, o povoado de Santa Cruz de Canoinhas foi fundado em 3 de maio de 1888, pelo lavrador paranaense Francisco de Paula Pereira, egresso de São Bento do Sul. A partir de 1890, quando sucessivas levas de imigrantes eslavos chegaram ao Paraná, logo atingiram o território de Canoinhas, promovendo a diversidade étnica e drástica mudança cultural. Poloneses e ucranianos espalharam-se pelo sertão, ainda sob a mira da disputa pela posse administrativa do território, empreendida por Paraná e Santa Catarina, que na segunda década do século XX eclodiu na Guerra do Contestado. Nessa mesma época, alemães, sírio-libaneses e alguns italianos também chegaram em Canoinhas, ampliando seu contingente étnico tão diversificado. (TOKARSKI, 2003, p. 5)

11 Neste sentido, ler: A arte das distribuições e o controle da atividade. In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 130-146.

Com a chegada dos colonizadores europeus ocorreram algumas mudanças na parte cultural da Região do Contestado, posto que poloneses, ucranianos, italianos e alemães – as principais etnias colonizadoras da região – sofreram um processo de miscigenação cultural, adotando alguns hábitos, usos e costumes do homem do Contestado e também influenciando com os seus. Foi a partir daí que surgiram as iniciativas de construir escolas para instruir os filhos, pois os imigrantes trouxeram embutida a mentalidade europeia da necessidade familiar da educação escolar aos filhos.

As primeiras notícias sobre a instituição de ensino em Canoinhas, de acordo com Thomé, “...aludem à criação nessa vila, da ‘Sociedade Escolar’ que, numa iniciativa particular foi fundada em 1907. O comerciante e ervateiro Roberto Ehlke, descendente de alemães, presidiu a escola que funcionou até 1916” (2002 p. 69). Para ilustrar isso, Thomé recorre a Fernando Tokarski, autor de *Cronografia do Contestado*:

Não há registros sobre o número das matrículas iniciais desta escola que ensinava as primeiras letras, uma vez que dela nenhum documento foi preservado. Porém calcula-se que a quantidade de matrícula era bastante reduzida, uma vez que nesse tempo a vila tinha população diminuta. (2002, p. 69)

Encontrou-se registro de mais escolas em Canoinhas na localidade de Salto do Água Verde, onde, desde o início do século XX, predominava a colonização polonesa. Em 1908, João José de Barros mantinha uma escola particular, uma das primeiras de Canoinhas. Nessa mesma localidade, Miguel Bento Sobrinho fundou outra escola particular em 1912.

Em 1920, foi criado o primeiro estabelecimento escolar mantido pelo Estado: as “Escolas Reunidas de Canoinhas”, sob a direção do professor Alinor Côrte. O referido estabelecimento originou-se da fusão de duas primitivas escolas isoladas da vila e, em 1935, foi transformado em Grupo Escolar “Professora Ana Cidade”, funcionando, em anexo, uma “Escola Normal Primária”. Sobre essa escola, Rozana Ferraz de Deus, apoiando-se no jornal *O Triunfador*,¹² declara o seguinte:

Recentemente construído, temos, na cidade, o prédio do Grupo Escolar Professora Ana Cidade e a Escola Normal Primária anexa, todo de alvenaria, amplos pátios, instalações

12 *O Triunfador*: jornal que circulou em Canoinhas por volta dos anos de 1934 e 1937.

higienicas, enfim, com os requisitos indispensáveis a um bem organizado estabelecimento deste genero, cuja construção custou cerca de 100:000\$000, dispendidos pelos cofres do Estado. A matricula é atualmente de 208 alunos no Grupo Escolar e 40 na Escola Normal Primaria... (*O Triunfador*, 06 dez. 1936)

Pelos registros encontrados sobre essa primeira escola normal primária conclui-se que ela teve pouco tempo de funcionamento e depois foi incorporada à Escola Pública Almirante Barroso, passando a chamar-se Curso Normal Regional.¹³ No decorrer deste trabalho, será mencionada outra escola normal que marcou época em Canoinhas.

Até aproximadamente 1915, a Igreja não tinha tomado a iniciativa de fundar escolas, pois contava com poucos padres, que faziam algumas visitas esparsas a Canoinhas.

Quando os franciscanos abriram o convento em Curitiba, no ano de 1894, de lá consoante o desejo do bispo diocesano davam assistência religiosa à Canoinhas (...) inicialmente se fazia uma viagem por ano. Desempenhavam este ofício principalmente Frei Osvaldo Schelenger e Frei Rogério Neuhaus. Posteriormente faziam-se duas viagens por ano. Os frades desse período foram Frei Lamias Wolf, Rogério Neuhaus, Gaspar Flesch e Humiles Thiele. (STULZER, 1982, p. 99)

A pouca assistência dos padres ao povo de Canoinhas e região é que facilitava a prática do catolicismo popular e a adesão aos monges, os quais participavam mais ativamente dos problemas da população, davam conselhos, benziavam, curavam, enfim eram os guias espirituais para o povo carente de orientação religiosa.

A situação começou a se modificar em 1909, quando, no mês de novembro, veio a Canoinhas D. João Becker, um dos líderes do episcopado romanizador¹⁴ e bispo da diocese de Santa Catarina (Florianópolis), e tomou posse oficialmente da Paróquia de Canoinhas. Em 1911, foi designado para

13 Curso Normal Regional era um curso de curta duração, que possibilitava dar aulas, mas não prestar concursos, por isso muitas alunas complementavam com o Curso Normal.

14 Ao examinar as ações pastorais, administrativas e políticas de alguns membros da hierarquia católica no início do século XX, Bencostta percebeu que, antes da chamada restauração dos anos de 1920, destacaram-se pela sua ação episcopal os arcebispos D. Duarte Leopoldo e Silva, D. Silvério Gomes Pimenta, D. Joaquim Silvério de Souza, D. José Marcondes Homem de Mello e D. João Becker, assim como, os bispos D. João Batista Corrêa Nery e D. Francisco de Aquino Corrêa e o padre redentorista Júlio Maria. Tais líderes "...já vinham desempenhando papéis importantes nos governos de suas mitras, que seguramente podem ser interpretados como o prenúncio daquelas ações que conduziram a Igreja no sentido de atuar junto às elites políticas, a fim de tornarem o Brasil uma nação plenamente católica em suas estruturas e leis" (BENCOSTTA, 1999, p. 233-234).

iniciar as atividades Pastorais o frei franciscano Menandro Kamps, que encontrou 14 capelas e uma população de 10 a 12 mil pessoas. No mesmo ano, o governo de Santa Catarina criou o município de Santa Cruz de Canoinhas. O primeiro governador municipal, major Tomas Vieira, teve uma administração bastante acidentada porque, como já foi relatado anteriormente, no período de 1912 a 1916, Canoinhas foi ponto estratégico na Guerra do Contestado, comprometendo por alguns anos o desenvolvimento do município. Contudo, nessa época, a Igreja estava mais atenta e melhor estruturada em Canoinhas e tomou a iniciativa de fundar a escola paroquial.

Em 1916, no dia 15 de janeiro foi aberta a minha escola Parochial para o sexo masculino, e faltando um professor, ensino eu mesmo enquanto me é possível e não prejudicar a administração da paróchia. Esta escola era uma necessidade para ensinar religião aos meninos, pois o chefe escolar sabia me arranjar um obstáculo de ensinar o catecismo na escola pública depois das aulas, como permitiram seus antecessores, e pelos meninos espero ganhar para religião os pais deles. (LIVRO-TOMBO..., 1916, p. 20)

Está bem explícito, no relato acima, que o objetivo maior da Escola Paroquial do Frei Menandro Kamps era pregar religião às crianças para, por meio delas, ganhar seus pais. É interessante observar que o próprio vigário se incumbia da tarefa de educar as crianças, alegando falta de professor. Isso se justifica, segundo Rogério Souza, porque, para trabalhar nas escolas paroquiais,

...havia uma preocupação com a formação intelectual do professor. Além de ser diplomado pela Escola Normal, deveria dar provas suficientes da sua instrução para ensinar às crianças o conteúdo elementar dentro dos princípios da doutrina cristã. (2003, p. 168)

Catequizar crianças e “ganhar os pais para a religião”, como dizia o frei Menandro Kamps, é uma forma da Igreja, por intermédio da Escola Paroquial, da catequese e do controle das mentes e dos corpos pela escolarização, tornar-se um referencial cristão. Agindo dessa forma, a Igreja estaria, entre outros objetivos, trabalhando para enfraquecer o cristianismo popular, bastante disseminado na Região do Contestado.

Quatro anos depois, em 1920, quando os conflitos da Guerra do Contestado já haviam terminado, o frei Menandro Kamps demonstrou sua angústia em relação à educação das meninas de seu povoado:

...pedia todos os dias a Deus que lhe enviasse educadoras religiosas para auxiliá-lo na obra da religião e do ensino e que as mesmas ministrassem à crescente juventude de Canoinhas uma boa educação cristã. (CRÔNICAS..., 1921, p. 1)

Por ação de D. João Becker, que se preocupava com o fato de seu rebanho estar ou não sendo conduzido por bons pastores, fiéis a Roma, foi que, em dezembro de 1920, chegaram à Região do Contestado, mais precisamente em Canoinhas, as primeiras Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora, aquela mesma congregação da irmã Maria Bernarda Bütler. Foram elas: Maria Fidelis Marder e Maria Gertrudes Gruber. Logo em seguida, no início do ano seguinte, juntaram-se a elas mais três religiosas da mesma congregação, a superiora madre Maria Coleta Holleinstein e as irmãs Lucia Maluche e Maria Carolina Gross. Essas cinco irmãs, juntamente com o frei Menandro Kamps, fundaram o Colégio Sagrado Coração de Jesus no dia 15 de janeiro de 1921, ficando a Escola Paroquial de Frei Menandro Kamps incorporada ao colégio.

Na primeira página do livro de crônicas, escrito no ano de 1921, ainda em alemão, consta o seguinte título: Fundação da Filial Canoinhas – Colégio Sagrado Coração de Jesus das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora.

Era o ano do Senhor – 1920. Quando este já estava no seu último dia, chegaram a este pequeno povoado, duas simples e silenciosas irmãs. Eram elas: Irmã Maria Fidelis Marder e Irmã Maria Gertrudes Grüber, filhas do seráfico jardim franciscano, da congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora, que partindo do longínquo Óbidos, das longas correntezas do Rio Amazonas, chegaram a esperançosa Canoinhas. (CRÔNICAS..., 1921, p. 1)

Sobre a fundação do Colégio, encontrou-se um artigo no jornal *Barriga Verde* do ano de 1951, que assim se referia:

A 15 de janeiro de 1921, no então “soberbo” sobradinho de madeira da praça Lauro Muller, onde funcionou Prefeitura, cinema, Bouquet Clube, cadeia, tipografia, e tantas outras coisas; hoje desaparecido, instalou-se o Colégio: missa colegial, solenemente ouvida pelo nosso povo, e a seguir a abertura das aulas com 137 alunas externas e 6 internas. Estava lançada a semente... (*Barriga Verde*, 1951, p. 1)

FIGURA 3 - PRIMEIRA RESIDÊNCIA E ESCOLA DAS IRMÃS EM CANOINHAS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

Na figura 3, aparece o sobradinho fotografado em 1920 por Claro Gustavo Janson, na época em que servira de cadeia pública. Era uma construção de três pavimentos: no primeiro ficavam quatro salas de aula e uma salinha que servia de secretaria; o segundo era a residência das irmãs e o terceiro era um sótão para guardar materiais. A casa era bem localizada, no centro do povoado, na rua Eugênio de Souza, em frente à praça Lauro Müller. Apesar de ser uma casa bastante antiga, era a única com espaço suficiente para abrigar o expressivo número de 130 alunas externas e 6 internas. É oportuno registrar que o internato abrigava apenas alunos do sexo feminino.

Somente no ano seguinte, em 14 de maio de 1921, foi transferido do antigo prédio da cadeia pública para o local onde até hoje funciona. Primeiramente foi construído um casarão alto, de madeira, com recursos emprestados pelo frei Menandro Kamps, os quais, posteriormente, foram-lhe devolvidos pela congregação.

Com muito afã, o povo de Canoinhas trabalhou para oferecer, às tão zelosas missionárias, uma casa mais condigna: um casarão alto, de madeira, de dois andares, e por sinal muito bem construída (...). Pequena parte, a então chamada clausura era reservada exclusivamente para as irmãs. Chamavam-na Gruta de Belém, devido a rigorosa pobreza que nela existia: uma simples cama de madeira, colchão e travesseiro de palha de milho, mesa rústica, louça e com grande alegria, com a presença dos alunos e a ajuda do povo, fez a mudança para a nova casa, no dia 14 de maio de 1921, situada à rua Barão do Rio

Branco, cercada de potreiro e mato. Havia os chamados carreiros, pois as ruas ainda não estavam traçadas. (CRÔNICAS..., 1921, p. 3)

A inauguração da nova casa se deu em 16 de maio de 1921, sendo concedida a sua direção à irmã Maria Carolina Gross, nascida na Áustria. Essa foi uma das religiosas que mais tempo permaneceu em Canoinhas: 43 anos ininterruptos, desempenhando o papel de educadora.

O enorme casarão de madeira, com dois pavimentos e um sótão, era um bom investimento para a época. Percebe-se isso ao analisar a figura 4, do fotógrafo Gustavo Janson. Com esse investimento, a congregação parecia revelar intenção de se fixar em Canoinhas por muito tempo.

Me lembro que neste prédio havia 4 salas de aulas, dormitório das irmãs e Secretaria da Supervisora no 2.º piso. O dormitório das internas ficava no sótão, 3.º piso. No 1.º piso, havia uma capela espaçosa, refeitório, cozinha, portaria e sala de piano. Os banheiros ficavam fora de casa, eram pequenas casinhas com fossa no chão, pois não havia rede de água e esgoto na época. A lavanderia também estava localizada numa dependência fora da casa. (WELTER, 2003)

A descrição da casa feita pela irmã Carmem, que morou nela em 1938 como aluna interna, chama atenção em dois pontos: capela e sala de piano foram colocadas no 1.º piso, ganhando um espaço de mais evidência e de acesso fácil. Nessa distribuição do ambiente escolar, estava presente a concepção religiosa e cultural da congregação. Dessa forma, deve-se considerar que “o espaço não é neutro, sempre educa” (VIÑAO FRAGO, 1993-1994, p. 25). Conforme Escolano:

Os espaços educativos estão dotados de significações e transmitem estímulos, valores e conteúdos do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõe suas leis como organização disciplinar. (ESCOLANO, 1993-1994, p. 100)

Assim, a existência ou ação de determinados ambientes já reflete sua importância nessa concepção de escola.

FIGURA 4 - O SEGUNDO PRÉDIO DO COLÉGIO – 1921



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

A construção da casa foi possível porque Frei Menandro Kamps pediu ajuda da prefeitura e da Província dos Franciscanos em São Paulo. A prefeitura doou 4 lotes em zona considerada urbana e a província deu auxílio financeiro. As madeiras para a construção foram doação do povo de Canoinhas (...) Tudo era caro naquele tempo, e é difícil precisar os custos devido à moeda da época que tinha outro valor (...) Aos poucos, a congregação das irmãs foi pagando a dívida e para liquidar veio um auxílio da Colômbia, onde fica a Casa Geral das Irmãs de nossa congregação. O bom desse auxílio foi que sobrou dinheiro para pequenos melhoramentos. (WELTER, 2003)

O casarão foi construído numa zona considerada urbana, mas a figura 4 revela que o local foi desmatado para a construção e que o casarão parece um tanto isolado.

A escolha da zona urbana e o isolamento para a construção do prédio relacionam-se a questões práticas: o isolamento permitia proteger as crianças da agitação dos moradores, bares e comércio e a localização em zona urbana facilitava o transporte e oferecia uma certa comodidade pela proximidade de moradias e de casas de comércio. Este último aspecto refletia também a questão econômica: a escola prestava serviços a uma população que pagava. Assim, a localização da escola deveria considerar a existência, nas proximidades, de famílias de condições econômicas suficientes para pagar os estudos de seus filhos.

Quanto à questão da urbanização e ao desenvolvimento econômico do município, a fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus ocorreu num período bastante propício. De acordo com Argos Gumbowsky:

Durante a administração de 1919-1923 foi inaugurada a iluminação elétrica. O extrativismo madeireiro e o preço compensador da erva-mate trouxeram grande progresso ao município. Estradas cortavam seu território e linhas telegráficas eram instaladas. Foram três os fatores que contribuíram para a intensificação do desenvolvimento do município: a construção do ramal ferroviário Porto União-São Francisco, o comércio da erva-mate e a extração da madeira. A erva-mate foi, inicialmente, o grande fator de atração, sendo durante um longo período a principal atividade dos canoinhenses, pois em face dos preços compensadores, representava riqueza e prosperidade. Influenciando a população a um hábito que persiste até os dias atuais, o chimarrão. (1995, p. 252)

De acordo com a referência acima, pode-se perceber que Canoinhas teve uma fase de grande progresso devido aos bons preços da erva-mate e à extração da madeira: duas riquezas abundantes na região. Isto favoreceu o colégio, pois a congregação dependia do poder aquisitivo dos pais para arrebatar novas matrículas e expandir a escola.

“No sistema educativo da época, os meninos deviam ser educados de forma diferente das meninas” (CRÔNICAS..., 1928, p. 10) e, por isso, construiu-se, em 1928, outra casa, para o chamado “Colégio dos Meninos”. Esse colégio possuía 4 salas de aula e um sótão, onde eram praticados trabalhos manuais. Ele não ficava muito distante do casarão destinado à educação de meninas, mas os dois eram separados por uma grande horta que recebia o nome de “Clube Agrícola”, a qual era cultivada pelas religiosas com ajuda dos meninos. Devido a isso, os meninos e as meninas não se encontravam, pois permaneciam em pátios diferentes.

FIGURA 5 - COLÉGIO DOS MENINOS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

No registro fotográfico de Álvaro Uhlig (figura 5), aparece mais um investimento da congregação em Canoinhas: o casarão destinado à educação de meninos. Um olhar mais atento leva a perceber que os meninos da foto usavam roupas e chapéus diferentes, indicando que o uso de uniforme ainda não havia sido adotado nessa época.

Foi construída essa Escola para meninos porque naquele tempo não se considerava certo educar meninos com meninas (...) Essa escola tinha 4 salas de aula sendo 2 no primeiro piso e 2 salas no segundo piso. No sótão funcionava uma oficina de trabalhos manuais utilizando madeira para carpintaria e uma sala para criação de bichos de seda (...) Os casulos eram vendidos para uma pequena firma localizada em Mafra e o dinheiro era destinado para pagar mensalidades de alunos pobres que estudavam no Colégio de Meninos. (WELTER, 2003)

Pelo exposto, percebe-se que havia uma diferenciação para educar meninos e meninas, o que remete para a questão de gênero, uma vez que tanto a religião quanto a moral tinham um peso distinto para homens e mulheres.

...dentro dos princípios da Igreja, a convivência entre indivíduos de gêneros distintos era aceita somente para fins de procriação, e, sendo assim, a co-educação era prejudicial à criança e, principalmente, ao jovem, porque a fragilidade “natural” do ser humano poderia levá-lo a transgredir os princípios morais (...) O papel da Igreja e, também da escola, deveria ser o de impedir que os cristãos ficassem suscetíveis ao pecado. A proximidade com alguém do sexo oposto era um perigo a ser evitado. (BOSCHILIA, 2002, p. 42-43)

Registros e documentos do colégio apontam que o decênio de 1931-1941 foi de grandes aspirações e também de conquistas. A escola não ficou apenas com o curso primário. Em 1932, foi construído mais um prédio para iniciar o trabalho com o jardim de infância e com o pré-escolar. Depois de grandes esforços por parte das irmãs, implantou-se, em 1932, o Curso Complementar, de dois anos de duração. Assim, em 1934, formou-se a primeira turma de complementaristas. O ano de 1936 foi auspicioso para o colégio e para a população local devido à criação do Curso Normal pelo Decreto n. 147, de 20 de junho de 1936, pois assim o colégio conquistou o direito de formar professores.

O Curso Normal e a educação feminina serão tratados com mais intensidade nos próximos capítulos.

O livro de crônicas (1939) registra que:

...com a criação do Curso Normal, o Colégio se tornara pequeno. Então sob a sábia orientação da Madre Albertina Bishop, em 1939, iniciou a construção do primeiro pavilhão de alvenaria, atendendo a todos os requisitos da pedagogia e técnica educacional.

Quando a obra foi concluída, a imprensa se referiu a ela da seguinte forma:

Uma destacada afirmação do progresso citadino (...) Canoinhas prossegue belamente na sua incontida marcha para o engrandecimento (...) E entre as suas mais valiosas afirmações de progresso urbano, Canoinhas exhibe agora o belo e suntuoso edifício, recém concluído, do "Instituto de Educação Sagrado Coração de Jesus". Esse estabelecimento de ensino, o maior do município, e um dos mais importantes do Estado, no qual mais de quinhentas crianças recebem as luzes da instrução, e onde dezenas de jovens aprimoram a sua cultura nos cursos Complementar e Normal secundário, alia agora a sua valiosa contribuição ao nosso progresso cultural o seu destacado auxílio ao embelezamento material da cidade. (*Barriga Verde*, 1940, p. 1)

O texto acima revela admiração pelo Instituto de Educação Sagrado Coração de Jesus. Situado num dos pontos mais altos da cidade, favorecendo a sua visibilidade, ele desponta como uma referência para a educação, sobretudo a educação religiosa.

FIGURA 6 - PRIMEIRO PAVILHÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

A figura 6, fotografia registrada pela lente da máquina de Álvaro Uhlig, documenta a evolução e o progresso da gramática¹⁵ arquitetônica do Colégio

15 Segundo Wright, a "palavra gramática mantém o mesmo sentido, qualquer que seja o gênero da construção, trata-se de palavras, pedras ou madeira, são as relações formais entre diferentes elementos que entram na composição do todo. A gramática de uma casa é a articulação de suas partes" (apud PERMATIRI, 1984).

Sagrado Coração de Jesus, mostrando um enorme prédio com inúmeras janelas, que ocupava quase toda a extensão de uma quadra, isto é, da Rua Barão do Rio Branco até a Rua Marechal Floriano Peixoto. É uma construção de presença para a cidade de Canoinhas, pois, conforme relata Iwaya sobre a arquitetura de prédios escolares na época:

...no final século XIX que se acentua a preocupação dos administradores com a arquitetura dos prédios escolares. Prédios que não se caracterizassem somente pela sua funcionalidade, mas que “falassem” sobre a sua importância e seu papel social, que simbolizassem os novos valores de uma dada sociedade que buscava dar um novo lugar à cultura e à educação. (IWAYA, 2001, p. 38)

A ampliação do colégio foi necessária para abrigar alunos do Curso Primário, Complementar e Normalistas. Mas o livro de crônicas salienta que foi a criação do Curso Normal, em 1936, que impulsionou a Madre Albertina a iniciar a construção do enorme pavilhão de alvenaria.

Segundo Antonio Viñao Frago, a necessidade de prédios especialmente construídos para abrigar escolas é resultado da conjugação de várias forças. Algumas mais amplas, como a especialização e a autonomia das funções sociais, e outras mais específicas, como a própria profissionalização do trabalho docente.

Da mesma forma que para ser professor ou mestre não servia qualquer pessoa, tampouco qualquer edifício ou local servia para a escola. O edifício escolar deveria ser configurado de modo definido e próprio, independente de qualquer outro, em um espaço também adequado para tal fim. (1993, p. 25)

Considerando a valorização da qual eram dignos os professores no início do século passado, não é surpresa que uma escola de formação de professores, local onde se reuniam mestres e futuros mestres, fosse bastante valorizada e merecesse destaque no meio da configuração urbana.

O jornal *Barriga Verde*, na época, assim se expressava sobre a construção do Colégio Sagrado Coração de Jesus:

Sem usarmos de exageros, podemos afirmar que Canoinhas é uma cidade em franco desenvolvimento, em marcha para um futuro não muito remoto em que há de ser uma das mais belas e importantes do interior barriga-verde (...). A febre de construção de grandes prédios é deveras animadora. Grandes edifícios serão construídos em 1939, como o centro de saúde, à rua Vidal Ramos, com 29,6 metros de frente, novo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em frente a Rua Curitibaanos, ambos, de tijolos. (1939, n. 56, p. 1)

Essa fase de “Canoinhas em franco desenvolvimento” encaixa-se no período de 1930-1945, período em que, no Brasil, construíram-se prédios para atendimento à saúde e à educação. Ao tomar posse na chefia do Governo Provisório, em novembro de 1930, Horta relata que Getúlio Vargas anunciava:

Um “programa de reconstrução nacional”, no qual inclui a criação de um Ministério da Instrução e Saúde Pública cujas tarefas seriam o saneamento moral e físico, através de uma “campanha sistemática de defesa social e educação sanitária”, e a difusão intensiva do ensino público, através de um “sistema de estímulo e colaboração direta com os Estados” (HORTA, 1994, p. 1)

O mesmo autor assinala ainda que, no período de 1930-1945, no Brasil, privilegiaram-se as propostas educacionais dos militares, da Igreja e do Estado (HORTA, 1994, p. 289). Era nesse clima que o Colégio Sagrado Coração de Jesus ia crescendo e, de acordo com o livro de crônicas (1940), com a concretização da construção do primeiro pavilhão de alvenaria, passou a chamar-se Instituto de Educação Sagrado Coração de Jesus, cujo letreiro aparece ainda no alto da ala que fica de frente para a rua Curitibanos.

É interessante observar que o nome “Instituto de Educação” não se popularizou e, em 8 de novembro de 1946, ele passou a denominar-se Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, pelo Decreto n. 3.644.

Com base econômica na exploração de erva-mate e madeira, Canoinhas ia crescendo. No final dos anos 40, já tinha uma população de aproximadamente 52 mil habitantes. A cidade urbanizou-se: ruas largas e pavimentadas, agências bancárias, consultórios médicos, inúmeras casas comerciais e indústrias beneficiadoras de mate e madeira.

O Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus acompanhou a evolução da cidade e, assim, em 1949, uma nova ala foi construída para abrigar cozinha, refeitórios e lavanderia para as irmãs da congregação e alunas internas.

A figura 7 apresenta a construção de uma ala com 4 pisos, sendo dois deles guarnecidos de amplas varandas. Sua localização é de frente a um terreno que serve de quintal e pomar. Essas varandas eram liberadas para as alunas internas ficarem nas horas de recreio ou em certos períodos dos domingos, por serem consideradas como locais apropriados e sem riscos – “...quando terminávamos nossas obrigações, corríamos para as varandas, lá a gente conversava e apreciava os passarinhos no pomar” (DITTRICH, 2003).

FIGURA 7 - NOVA ALA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

FIGURA 8 - ALUNAS INTERNAS NA VARANDA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

Percebe-se, por essa afirmação da aluna, que os espaços eram destinados de acordo com a sua adequação e com a citação de Montesino apropriada por Viñao Frago, apontando que a escola deveria estar distante de atividades que poderiam “estremecer a moralidade e a saúde, como tabernas, cemitérios, hospitais, quartéis, casas de jogo, bordéis e etc.” (1993-1994, p. 31).

O Colégio Sagrado Coração de Jesus, estando situado longe de bares, casas de jogos e vizinhança, era o espaço perfeito para a educação de crianças e jovens dentro dos princípios da moral cristã. Espaço este aproveitado por alunas de outras localidades. O livro de crônicas (1949, p. 12) registra que o Colégio Normal recebia alunas para o regime de internato de vários lugares de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul. Segundo a irmã Carmem,

...o trabalho das irmãs franciscanas em Canoinhas foi se propagando e a procura do internato acontecia por indicação das pessoas que conheciam o trabalho das irmãs nesse colégio. (WELTER, 2003)

Em 1953, apesar de Canoinhas estar em franco desenvolvimento, grande parte de sua população não tinha condições de pagar os estudos no colégio e somente os filhos das camadas sociais média e alta tinham acesso a ele. Em 1953, o curso primário (1.^a a 4.^a série) foi estadualizado, passando a chamar-se Grupo Escolar Sagrado Coração de Jesus. Os Cursos Ginásial e Normal continuaram sendo particulares.

A estadualização foi benéfica para a população de Canoinhas, já que grande número dela não podia pagar os estudos de seus filhos, pois, até aquela data, só os filhos das camadas sociais média e alta é que tinham acesso ao curso primário. Dessa forma, passava uma imagem de colégio para a elite, o que vem ao encontro da indignação de Dallabrida frente ao caráter elitista da educação escolar em Santa Catarina e em todo o país: "...pelo fato de constatar que colégios religiosos contribuíram para distribuir de forma desigual o capital cultural na sociedade catarinense" (DALLABRIDA, 2001 p. 31).

Conforme relato da irmã Carmem, "...os recursos de manutenção de sua estrutura não cobriam mais os gastos e por isso, a saída foi a estadualização do ensino primário em 1953" (WELTER, 2003).

Os representantes da Igreja Católica afirmavam que a finalidade das escolas confessionais era formar cristãos. Assim, o Colégio Sagrado Coração de Jesus também se preocupava em evidenciar seu caráter religioso, oferecendo catequese e retiros espirituais, dentre outras atividades.

Propiciar boa educação cristã aos jovens, nossos alunos. Eis a nossa missão, caminhada iniciada em 1921. Mesmo na catequese paroquial, na ornamentação do templo, na orientação do apostolado, na fabricação de hóstias, nas construções que surgiram, tudo até o mínimo trabalho tinha como pano de fundo o farol a iluminar a Educação Cristã. Percebe-se isto claramente em cada página da crônica. (WELTER, 1993, p. 11)

O livro de crônicas registra que:

As primeiras irmãs como mulheres de fé e do Evangelho, inculcaram nos alunos grande confiança e amor ao "Sagrado Coração de Jesus", cuja imagem lhes foi enviada pelas irmãs de Gaissau (Áustria) para a data da inauguração do Colégio. Como ela dependeu da bênção do Papa, só chegou em fins de agosto de 1921. Hoje é venerada como relíquia. Nela está escrito: "Sacratíssimo Coração de Jesus, tende piedade de nós, concede-nos trezentos dias de indulgência, ao fiel que recitar três Glória ao Pai, diante de uma dessas imagens do Sagrado Coração. 17 de julho de 1921. S.S. Benedito XV". (CRÔNICAS..., 1921, p. 5)

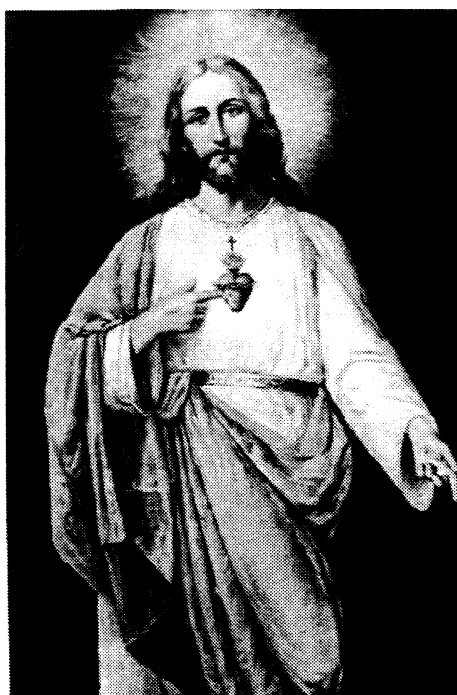
A missão regeneradora adotada por essas irmãs não difere do papel das demais ordens e congregações religiosas estrangeiras masculinas e femininas, as quais tiveram papel significativo na reelaboração e até mesmo nas substituições dos símbolos devocionais do catolicismo tradicional. Um exemplo bastante contundente é a devoção ao Sagrado Coração de Jesus:

...que na Europa se tornou, uma das formas de combater o materialismo, o modernismo e o liberalismo, no Brasil, progrediu rapidamente e consolidou-se em quase todas as paróquias através do apostolado da oração. (MARCHI, 1989, p. 148)

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus se constitui num símbolo contumaz para a expansão do catolicismo romanizado, contrapondo-se ao catolicismo luso-brasileiro. Nessa época, muitas instituições religiosas foram agraciadas com o nome de “Sagrado Coração de Jesus”.

O “Sagrado Coração de Jesus”, símbolo máximo do catolicismo ultramontano, procurava inverter a polarização da modernidade que busca olhar, viver, sentir, fazer e saber pelo “cadinho da razão”. A Igreja concentrava sua atenção no sentimento. O fazer e o ser estavam intimamente relacionados com aquele que foi eleito o órgão máximo do corpo: o coração, mas o coração sagrado e milagroso, escolhido pela Igreja. Foi um símbolo que a Igreja romanizada trouxe para competir com outras devoções dos leigos que se relacionavam com São Sebastião, São João Batista, São Cosme e Damião, numa relação festiva, sem um conteúdo doutrinário sistematizado. (SERPA, 1997, p. 44)

FIGURA 9 - SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

À medida que o ultramontanismo avançava, adotou-se a estratégia de trazer a guarda das imagens dos santos de devoção popular para os templos paroquiais (matriz ou capela), em substituição às ermidas e oratórios, onde as imagens eram guardadas por leigos. Assim, a Igreja passou a se ocupar com festas religiosas, especialmente as dos santos padroeiros, por considerar esses momentos uma boa ocasião para a pregação religiosa ultramontana, já que as romarias, lideradas por leigos, eram consideradas pelo clero romanizado como superstição e ignorância religiosa.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus¹⁶ foi um dos cultos romanizados de maior expressão destinado a substituir as cerimônias populares, pois, segundo a Igreja, elas haviam se tornado paganizadas devido a interesses externos que superaram a crença e a devoção que as havia originado.

As irmãs franciscanas, adeptas do cristianismo romanizado e devotas do Sagrado Coração de Jesus, prestaram-lhe uma homenagem ao denominar em Canoinhas um colégio com o seu nome.

A figura 10, logo abaixo, do fotógrafo Uhlig (1955), passa a sensação de “Pronto! Agora o monumento está acabado. Ficou enorme, tem muito espaço e a cidade de Canoinhas tem onde educar seus filhos.” Mas logo surgiu uma pergunta inquietante: quais filhos? Ou filhos de quem?

Por tratar-se de uma escola privada de ensino primário, ginásial e normal, era destinada aos filhos das elites e das classes médias. Os filhos dos menos favorecidos deveriam buscar as escolas públicas, onde teriam ensino gratuito. Daí a admiração de alguns frente a quem estudava nesse colégio, como se refere COSTA (2003): “...as pessoas olhavam para mim e diziam: – Que tal, você estuda no Colégio Sagrado!” Dessa forma, os colégios religiosos contribuíam para a discriminação dos menos favorecidos pela sorte, pois lhes era vedado o acesso por não ter condições de pagar.

16 Em 1889, por decreto de Leão XIII, toda a humanidade foi solenemente consagrada ao Sagrado Coração, sendo que esta devoção, surgida na França, foi implantada no Brasil pela ordens religiosas de origem francesa, sobretudo pelos lazaristas (MICELI, 1988, p. 131).

FIGURA 10 - TERCEIRO BLOCO DE ALVENARIA



FONTE : Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

A semente germinou viçosa e hoje qual pinheiro imponente de nossas florestas que orgulham nosso reino vegetal, o instituto é o gigante do nosso progresso educacional, moral e intelectual. (*Barriga Verde*, 1951, p. 1)

Majestosamente bem situado, no alto da Rua Barão do Rio Branco, com uma arquitetura sóbria e bonita... Esses eram elementos que condiziam com o padrão e o estilo de outras Escolas Normais construídas na época. Construções planejadas para se destacar em meio às demais, para provocar admiração naqueles que as observavam de fora e nos que tinham o “privilégio” de conhecê-las por dentro. “A gente achava o colégio tão bonito e imponente que dava prazer de contar que se estudava lá. Era um orgulho ser normalista” (TREVISANI, 2003).

Pedro Reitz, em 1956, escreveu um artigo sobre estabelecimentos de ensino da cidade no jornal *Correio do Norte*:

Quando se fala na evolução de Canoinhas, no seu ininterrupto andamento material, quer seja industrial, comercial ou social, não se pode silenciar e não é possível esquecer que, a par deste desenvolvimento acelerado do progresso material, corre igualmente, em ritmo acelerado, o seu desenvolvimento cultural, isto é, a formação intelectual e moral da mocidade de Canoinhas. Queremos nos referir aos seus dois grandes estabelecimentos de Ensino: o Instituto de Educação “Sagrado Coração de Jesus”, e o Ginásio “Santa Cruz”. (*Correio do Norte*, 1956)

Dados estatísticos do mesmo jornal revelam que, em 1956, ao completar 35 anos de atividades educacionais, podia-se registrar um movimento global de 14.070 alunos assim distribuídos: 10.293 alunos do Curso Primário; 1.016 do

Curso Complementar; 1.313 alunas do Ginásio; 448 alunas do Curso Normal; e 1.000 do Jardim de Infância.

Conforme foi citado no artigo de Pedro Reitz, mais um colégio católico se instalou em Canoinhas. Era o dos Irmãos Maristas, que, em conjunto com um grupo de canoinhenses, fundaram o Ginásio Santa Cruz, destinado à educação de meninos. Então maristas e franciscanas se uniram para semear a educação católica nessa terra, que outrora foi Santa Cruz de Canoinhas.

Para uma cidade que, em 1950, tinha 52 mil habitantes, a presença de dois colégios católicos tinha uma representação significativa para a educação e formação da infância e juventude. Isso remete a Dallabrida, o qual assinala que:

...no início do século XX, a educação transformou-se no principal alvo de investimento político de vários grupos sociais, especialmente das instituições religiosas, que concebiam a escola como estratégia moderna de conversão e manutenção de seus fiéis. A Igreja Católica procurava expandir a rede de escolas paroquiais de ensino primário em todo o território catarinense. (2001, p. 44)

O controle do sistema de ensino foi fundamental para a Igreja. Isto porque, para a implantação da romanização no Brasil, não bastavam as práticas relativamente difusas dos sermões, das atividades missionárias ou dos periódicos católicos. Era preciso educar a infância e a juventude, porque, se à Igreja não era possível controlar toda a produção do saber e subordinar à sua doutrina todas as novas idéias, o controle do sistema educacional lhe permitiria forjar as crianças e os jovens nas suas concepções de homem, sociedade e natureza, bem como selecionar o que deveria ser ensinado, evitando a difusão das idéias contrárias ao pensamento ultramontano.

O catolicismo ultramontano concentrava o poder religioso no mundo clerical e, como assinala Augustin Wernet, "...visava transformar o clero num grupo coeso e disciplinado, capaz de influir com eficiência na moralização do povo" (1987, p. 86). Essa moralização seria trabalhada pela doutrina cristã e as escolas eram excelentes canais para dar bases cristãs ao ensino básico e garantir sua inserção e permanência na sociedade.

No Brasil, a separação da Igreja Católica e do Estado, estabelecida em 1891, trouxe alguns dissabores para essas instituições e, de acordo com Rogério Luiz Souza, "...já a partir da década de 1910, que se anuncia uma etapa de reaproximação e de combinação de forças –, ficou patente a necessidade desse

mesmo estado contar com sua colaboração” (2003, p. 159). Isso se evidencia pelos grandes vazios existentes na área educacional e também pela não interferência nas escolas primárias particulares e confessionais, o que, segundo Rogério Souza, “...deixa transparecer a vontade do governo de dar autonomia à Igreja e aos Estados de expandirem e promoverem uma política educacional popular apropriada às suas especialidades” (2002, p. 159).

Com essa abertura, a doutrinação religiosa foi se propagando em escolas de todos os estados brasileiros. Em Santa Catarina, Rogério Souza aponta que:

...o governo catarinense estimulou e subvencionou escolas particulares, principalmente as católicas, que investiam na ordem e na hierarquização social. Eram comuns escolas públicas e subvencionadas terem doutrina cristã todos os dias fora das horas de expediente e, algumas vezes, adotarem manuais de catecismo durante o horário normal de aulas. (2002, p. 159)

E assim a Igreja foi conquistando espaço na educação brasileira, difundindo o propósito de formar o bom cidadão, o bom republicano e o bom cristão. Para ela, nenhum poder temporal teria força suficiente para governar um país e educar suas crianças sem um referencial ético-cristão que imprimisse os ideais de ordem e progresso. Baseado nesse ideário, o episcopado brasileiro procurou se relacionar com o Estado republicano, apresentando-se como parceiro no trabalho de engrandecimento material e moral da nação.

Alguns republicanos lutaram para reduzir, no Brasil, a interferência da Igreja na área educacional, mas, com a dificuldade de viabilizar um sistema de ensino que atingisse todas as camadas da sociedade, acabaram aceitando a contragosto que se proliferassem redes de escola particulares e confessionais.

A Igreja aproveitou o espaço aberto no período republicado para buscar reconhecimento do Estado e se legitimar diante de outros estabelecimentos de ensino particular, procurando aproximar-se dos programas das escolas do governo para dar ênfase ao caráter moderno de sua instrução, deixando de ser apenas um centro de preparação catequética.

Assim, a educação católica e moderna no Brasil rezou a litania da educação para o povo, voltada e dedicada a fazer trabalhar e moralizar as crianças. Educar significaria portanto, na própria concepção do primeiro bispo diocesano de Florianópolis, D. João Becker, “dirigir, formar e proteger cuidadosamente as qualidades físicas, bem como as faculdades da alma, de sorte que se possam elas se desenvolver na mais bela harmonia e que possa o menino neste mundo cooperar para o bem da sociedade humana e a glória de Deus.” (SOUZA, 2003, p. 165)

Lê-se, nessa instrução do bispo, a intenção de cooperar com o progresso do país, educando o corpo e a alma dos alunos. O espaço escolar era um mecanismo eficiente para isso, principalmente para o cultivo das virtudes da alma, levando-se em conta que as escolas não confessionais talvez não se esmerassem tanto nesse sentido. Para isso, era necessário criar uma atmosfera favorável ao desenvolvimento da fé, da virtude e também a disciplinarização do corpo. Isso remete a Foucault, segundo o qual, o processo de dominação pode ser efetivado a partir de duas modalidades distintas de tecnologias de poder: as “disciplinas” e a “biopolítica”. Enquanto a disciplina procura atuar sobre os espaços da ordem social, a biopolítica age sobre o corpo, ou seja, enquanto as disciplinas procuram intervir no espaço das instituições, utilizando recursos externos ao indivíduo, a biopolítica caracteriza-se pelo uso de técnicas que procuram exercer o poder por meio de dispositivos que agem diretamente sobre a conduta dos indivíduos.

Para esse tipo de educação, a Igreja precisava contar com o olhar vigilante do professor bem formado ao ensinar às crianças o conteúdo elementar dentro dos princípios da doutrina cristã. Daí a iniciativa da Igreja em fundar, a partir da década de 1910, Escolas Normais Católicas que, conforme assinala Souza, “...preparassem de acordo com as leis eclesiásticas e civis, um professorado devidamente instruído” (2003, p. 168).

Outro fator preocupante para a Igreja, nesse momento, era o afastamento cada vez maior da juventude em relação à família. Isso, segundo Pio XI (*Divini Illius Magistri*), devia-se às inovações trazidas pela modernidade, que aumentavam “...as ocasiões de naufrágio moral e religioso para a juventude inexperiente”, mergulhando a sociedade numa “...lastimável decadência hodierna da educação familiar” (PIO XI, 1965, p. 36-37). Esse papa enfatizava ainda como perigos do mundo moderno certos livros, considerados por ele, como ímpios e licenciosos, os espetáculos do cinema e as audições radiofônicas. Ele apontava a necessidade de uma vigilância cuidadosa por parte dos pais e educadores. Nesse cenário, os colégios católicos adquiriam um papel relevante a ser desempenhado junto à sociedade: o de subsidiar a família na educação dos adolescentes e complementar as funções do Estado e da Igreja na formação de cidadãos cristãos.

Diante desse quadro, a Igreja passou a investir numa política de disseminação dos colégios católicos em todo o mundo, procurando, a um só tempo, legitimar o seu domínio no plano educacional e minimizar as conseqüências trazidas pelos avanços do mundo que se transformava. No Brasil, durante a década de 1920, muitos colégios foram fundados por diferentes congregações, com a clara intenção de oferecer educação católica e assegurar os princípios morais e a preservação dos costumes. Dentro desse panorama é que, em 1921, nasceu o Colégio Sagrado Coração de Jesus de Canoinhas.

CAPÍTULO 2

A IGREJA CATÓLICA FRENTE À EDUCAÇÃO DAS MULHERES

No final do século XIX e início do XX, em especial após o advento da queda do Império e a instalação da República, com a conseqüente separação entre Estado e Igreja, houve uma significativa vinda de congregações religiosas femininas para o Brasil. Como a Igreja já não poderia contar com o aparato estatal, fazia-se necessário criar condições para o fortalecimento de sua atuação. Os colégios religiosos se prestavam a esse serviço, pois

...veiculavam uma educação fortemente conservadora, fundamentada no modelo familiar cristão tradicional, o que permitia à Igreja um certo controle na organização da sociedade, do sistema educacional e, possivelmente, no sistema de difusão de idéias. (MANOEL, 1996, p. 21)

As mulheres tornavam-se, então, as principais divulgadoras das novas devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas, que tinham como uma das suas principais características a supervalorização da figura da Virgem Maria. Wernet afirma que as "...congregações femininas eram verdadeiros canais de transmissão e de divulgação das práticas devocionais e da visão ultramontana do mundo junto ao sexo feminino" (1991, p. 49).

Foi no início do período republicano que se fundou o maior número de escolas e as idéias sobre a educação feminina começaram a ganhar importância. Mas, ao mesmo tempo, o *locus* da mulher continuava a ser o espaço privado do lar e segundo TRINDADE (1996, p. 173):

Predomina ainda uma herança conservadora (muito de acordo com os princípios católicos) que se manifesta contra qualquer tentativa de emancipação feminina. Isso, porém, acontece justamente no momento em que as exigências da urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial solicitam a presença da mulher nos espaços exteriores.

A sociedade brasileira, sentido-se insegura diante da solicitação da mulher para participar dos espaços exteriores, ou seja, da vida pública, entrou em consonância com os ideais da Igreja Católica, a qual recomendava que a mulher se dedicasse ao lar. Caso ela fosse obrigada a trabalhar fora, deveria lembrar sempre que "...a mulher católica deve ser constantemente uma 'marca cristã' nos

ambientes que freqüente” (TRINDADE, 1996, p. 174). Isto significa que deveria ter um comportamento exemplar, pois, conforme o imaginário social da época, atributos como generosidade, pureza, moralidade, abnegação e resignação eram considerados qualidades inerentes à mulher.

Manoel (1996, p. 32) aponta que:

...para o catolicismo conservador, as leis divinas e naturais estabeleciam as tarefas domésticas como domínio das mulheres e as atividades sociais e cívicas, como domínio dos homens. Assim, a mulher deveria ter uma educação inferior à do homem.

Os limites estabelecidos para a educação dos sexos podem ser ilustrados com uma parte do discurso proferido por Gustavo Capanema, em 1937, por ocasião do aniversário do Colégio Pedro II, quando então era ministro da Educação e Saúde no Brasil:

...se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida no lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social, e por isso colocada sob a proteção social do Estado. Ora é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhes ministra, prepará-la conscientemente para esta grave missão. (REIS, 1993, p. 88)

Estado e Igreja, pareciam afinados nos seus princípios na educação feminina. Na encíclica *Divini Illius Magistri*,¹⁷ do papa Pio XI, a Igreja Católica divulgou sua concepção de educação e de escola:

...a escola, considerada até nas suas origens históricas, é por sua natureza instituição subsidiária e complementar da família e da Igreja e, portanto, por lógica necessidade moral, deve não somente não contraditar, mas harmonizar-se positivamente com os outros dois ambientes, na mais perfeita unidade moral possível, a ponto de poder constituir, juntamente com a família e com a Igreja, um único santuário sacro para a educação cristã, sob pena de falir no seu escopo, e de converter-se, em caso contrário, em obra de destruição. (PIO XI, 1929)

O Estado e a Igreja, reconhecendo a família como “instância privilegiada na formação do homem” (MARGOTTO, 1997, p. 46) e cientes da influência da mulher

17 Na encíclica *Divini Illius Magistri*, Pio XI tece considerações sobre a incompletude da formação oferecida pela família, por ela não dispor de todos os meios necessários para levar esta tarefa a cabo (p. 40), para, em seguida, afirmar que a Igreja tem como missão complementar essa educação, por ser uma Instituição proveniente de Deus (p. 46). Cf. PIO XI (1929, p. 40 e 46).

nesse meio, passaram a se preocupar com a sua educação. Segundo a mesma autora:

O ensino faz parte de uma estratégia na qual as mulheres não eram o objetivo último, mas instrumental: por serem consideradas a base da família, era necessário que elas adquirissem uma formação cristã através da escola. (MARGOTTO, 1997, p. 45)

A escola passa a ser um lugar privilegiado de aprimoramento e também de formação, pois “a lógica que orientou a escolarização das mulheres calcava-se na concepção de escola como ‘formadora’” (MARGOTTO, 1997, p. 52). Era preciso dar uma formação adequada à mulher para que ela viesse a desempenhar o papel que se esperava dela:

A nossa escola sempre primou pela formação que dávamos às nossas alunas (...) Do Jardim de Infância até ao Curso Normal, as meninas eram preparadas para ter uma postura digna na sociedade, cumprindo seus deveres para com Deus e o próximo. Ensinávamos o respeito que deviam ter com os mais velhos, as autoridades, os pais (...) Era lembrado sempre a elas que deviam se espelhar em Nossa Senhora, modelo de virtudes como: obediência, caridade, justiça (...) para mais tarde se tornarem boas esposas e boas mães... (WELTER, 2003)

A escola passou a ser um lugar privilegiado de aprimoramento do indivíduo e com condições de capacitá-lo para ocupar o lugar almejado pela família na sociedade. A escolarização das mulheres assentava-se, na concepção da escola, como “formadora”, juntamente com o apoio da família.

O modelo de educação como “formação” está presente em toda a proposta educativa tomada como ponto de referência pelo Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus. O objetivo da educação não se restringia apenas aos conteúdos didáticos, mas apoiava-se numa proposta cujas diretrizes estavam voltadas principalmente para formar a aluna para ocupar o devido lugar na sociedade e desempenhar adequadamente o seu papel de acordo com a visão da Igreja Católica.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus educou várias gerações de mulheres nos sistemas de externato e internato. A seguir, verificar-se-á como isso ocorreu, abordando a questão da educação para sexualidade, a preparação para o lar, a educação no regime de internato e a reação das alunas frente ao modelo de educação da época.

2.1 COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: A EDUCAÇÃO DAS “HERDEIRAS DE EVA” E A MULHER VIRTUOSA

Era um colégio nos moldes da época... era uma educação que se afinava com o tempo em que ela ocorreu. Ela exigia das alunas um comportamento condizente com a fé católica... As irmãs queriam formar autênticas cristãs...

WELTER, 2003

Desde os primórdios de sua história, a Igreja Católica organizou sua doutrina a respeito da mulher baseada em concepções altamente misóginas. Muitos são os textos bíblicos que sugerem a inferioridade da mulher e a necessidade de sua submissão ao homem. No capítulo 5 da *Epístola aos Efésios*, por exemplo, São Paulo afirma:

As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja (...) Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos.

Fundamentada por concepções como essa, a Igreja propagou um ideal de comportamento feminino que deu rumo à educação da mulher por muitas gerações.

Em pesquisa sobre sexualidade da mulher no Brasil colonial, Araújo lembra que:

...a mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade as condições de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher participava da essência de Eva deveria ser permanentemente controlada. (1997, p. 46)

Diante disso, entende-se porque, por muitos séculos, a mulher do mundo cristianizado fora vista como o objeto de todos os males e pecados do mundo, pois, rotulada como a herdeira do comportamento de Eva, à mulher restava apenas redimir-se por meio da maternidade, o que lhe permitiria aproximar-se do ideal de Maria. Essa aproximação, no entanto, era possível apenas no âmbito do matrimônio, sendo socialmente impensável a maternidade fora desse sacramento, o que permitia que a Igreja interviesse no controle da sexualidade feminina. Thereza Uba, aluna do Curso Normal em 1954, lembra das várias advertências em relação ao namoro e ao casamento: “Nós éramos sempre alertadas pelas

religiosas para namorar com muito respeito, pois deveríamos chegar puras ao casamento” (UBA, 2003)

Enaltecida como esposa e mãe, a figura da mulher tornou-se o suporte fundamental do catolicismo no século XIX:

...a mãe tutelar e pacificadora é figura mítica do imaginário universal, tornada extrema no transcorrer do século XIX e prolongada até meados do XX, sob uma roupagem cada vez mais simbólica, religiosa e poética. (TRINDADE, 1996, p. 33)

O modelo apontado pela Igreja para as mulheres como exemplo de pureza e de docilidade era a Virgem Maria. Chornobai, ao analisar a “feminização do catolicismo”, que pode ser entendida como o aumento do número de praticantes do sexo feminino, aponta que:

Uma vez que o homem passa a se relacionar com a religião quase como mais uma forma de opção política, cabe à mulher a retomada do entendimento da religião como um fenômeno da alma. Esta expectativa cabe perfeitamente ao comportamento feminino, uma vez que justamente em função de seu pouco preparo intelectual a mulher não dispõe, via de regra de um grande cabedal de conhecimentos que lhe permitam uma opção, mais sim uma entrega. (2002, p. 45)

Na falta de opções em outros campos e com o afastamento dos homens das práticas devocionais católicas, aumentou bastante o número de praticantes do sexo feminino. Na realidade de Canoinhas, o *Livro-tombo da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas* registra como os espaços da Igreja Católica foram abertos às mulheres:

No dia 15 de abril de 1921, penúltimo dia das santas missões nesta Matriz, o missionário, em conformidade com o nosso vigário e com autorização de S. Ex.a, o Bispo Diocesano, fundou, nesta matriz, as Congregações Marianas; para os moços, na qual foram admitidos 50 aspirantes e a Pia União para as moças, recebendo 30 moças a medalha de aspirante à Filha de Maria. (LIVRO-TOMBO..., 1921, p. 38)

A Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora abria as portas do Colégio Sagrado Coração de Jesus e incentivava suas alunas a participarem dos movimentos marianos.

As associações como o Apostolado da Oração, a Pia Associação das Filhas de Maria, a Liga Católica, a Congregação Mariana, entre outras, embora fossem associações leigas, tinham, segundo OLIVEIRA (1976, p. 136), “...sua direção subordinada ao vigário local que por sua vez se remetia ao bispo e este ao papa, fechando o círculo, segundo o modelo romano e universalista”. Essas

associações auxiliavam a Igreja a difundir a prática do catolicismo romanizado e, dessa forma, contribuíam para enfraquecer as devoções populares.

Os retiros espirituais¹⁸ também eram freqüentes e as alunas eram incentivadas a participar deles.

Na Paróquia de Canoinhas, encontrou-se o seguinte registro: “Nos dias 5, 6 e 7 de dezembro, o padre Vigário pregou retiro espiritual às Filhas de Maria no Colégio ‘Sagrado Coração de Jesus’” (LIVRO-TOMBO..., 1936, p. 89).

Os sistemas de retiros favoreciam a vivência da religiosidade, mantendo as alunas ligadas a Deus e aos ritos da Igreja Católica. Era mais uma forma de cultivar a santidade para formar a mulher virtuosa,¹⁹ modelo de mulher descrito por Salomão em Provérbios (31:10-31).

Bencostta comenta que:

...nessa passagem bíblica a mulher virtuosa é uma primorosa dona de casa que governa seu pequeno império com autoridade e diligência. Seria ela possuidora de virtudes como a ordem, economia, delicadeza, simplicidade, dedicação e respeito. (2001, p. 127-128)

Para favorecer a educação das jovens e formar a mulher virtuosa, o sistema de internatos, tradicionalmente adotado pelos colégios, mas não ausente nos estabelecimentos públicos, foi um regime em que se resolveram as aspirações da família e da sociedade, preparando as educandas para cerimônias

18 “O retiro espiritual é uma velha prática na vida religiosa. Nascido nos mosteiros, sob formas as mais diversas, ele encontrou nos exercícios espirituais de Santo Inácio uma expressão concreta que o tornou prática costumeira da Igreja inteira, fazendo-o extravasar os muros conventuais (...) Ler-Meditar-Rezar-Contemplar são quatro dimensões interligadas que fazem parte dos retiros. Na palavra está a espinha dorsal da espiritualidade de qualquer retiro, pois ela é fonte perene e pura da vida espiritual” (LIMA, 1992, p. 13).

19 “Mulher virtuosa, quem achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias de sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda de noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas de seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os seus braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende suas mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao afilto; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlata. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quanto se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está em sua língua. Atende ao bom mandamento de sua casa e não come o pão da preguiça. Levantam-se os seus filhos e lhe chamam ditosa, seu marido a louva, dizendo: muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto de suas mãos, e de público a louvarão as suas obras” (BÍBLIA, 1999, p. 767).

piadosas e afastando, temporariamente, as adolescentes das influências maléficas do mundo profano.

Avani Dittrich, ex-aluna que formou-se no Curso Normal em 1943, relata alguns fatos sobre o regime de internato no Colégio Sagrado Coração de Jesus:

No internato orávamos o dia inteiro. Na hora de levantar, na missa, antes e depois das refeições, antes e depois das aulas e o terço antes de dormir. A missa era diária e tínhamos que comungar. Eu era Filha de Maria. Acho que todas as internas também eram (...) Penso que as freiras nos incentivavam a fazer parte desses movimentos, como o de Filha de Maria, com o objetivo que a moça permanecesse fiel aos ensinamentos da Igreja até o casamento e que depois continuassem como membro do Apostolado da Oração até a morte. (DITTRICH, 2003)

Em todos os colégios religiosos, a oração fazia parte da rotina escolar. No colégio Sagrado Coração de Jesus, era impossível que ela não fizesse parte da formação das alunas, pois a fundadora da congregação, ao falar sobre o valor da oração, assim se expressa: “ A oração foi sempre meu báculo, minha defesa, meu repouso e meu consolo” (Madre Bernarda).

Rezar o terço e cultuar Maria era uma das formas de lembrar às alunas o modelo de mulher a ser seguido. Maria era exaltada pelas religiosas como modelo de pureza, de obediência e de disponibilidade para Deus. No mês de maio, eram intensificados os cultos e as orações a ela:

O mês de maio consagrado à nossa Mãe do Céu, medianeira das graças e bênçãos celestiais. Cada aluna devota a S.S. Virgem sente-se atraída ternamente, por aquela que se chama a mãe do Redentor; dedica-lhe oração especial, mortificações salutare e propaga à medida de suas forças, o culto mariano. Nossas Filhas de Maria, internas, demonstraram esses dias um fervor e entusiasmo todo singular, figurando cada uma no programa das declamações e preleções, quase diário, sacrificando até um pouquinho de seus folguedos no recreio. O último dia do mês abençoado, houve na sala do internato, coroação da imagem de Maria Auxiliadora, com cânticos sacros e poesias em louvor a Mãe de Deus. (CRÔNICAS..., 1943, p. 5)

A valorização das noções de recato, castidade e resignação era freqüentemente apresentada nos artigos de jornais católicos. A Igreja instituiu a figura de Maria como modelo de submissão, de resignação e de silêncio obediente a ser seguido. Por meio do símbolo mariano, apelava-se tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral e até aceitação de sacrifícios.

Os relatos das ex-alunas Norma Seleme e Hildegard Thiem evidenciam como era grande o controle das religiosas sobre a questão do namoro e do casamento no Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus:

As alunas não deviam chegar com o namorado perto do Colégio. Havia sempre alguém vigiando e, se elas tentassem chegar acompanhadas, nesse caso, levavam uma chamada da Madre Albertina ou das irmãs: Amanda, Felicitas ou outras que eram nossas professoras. (THIEM, 2003)

Em 1947, eu cursava o último ano do Curso Normal e queria ficar noiva (...) Para poder continuar freqüentando as aulas do Curso Normal, foi necessário que meu noivo pedisse autorização à Madre Albertina, a qual teve uma longa conversa com ele, falando do namoro e casamento cristão (...) Como meu noivo era protestante, teve que ser orientado por um padre católico sobre os procedimentos para poder se casar comigo que era católica, sendo uma das exigências que os filhos fossem batizados na Igreja Católica. (SELEME, 2003)

A Igreja Católica, nessa época, não olhava com bons olhos para os casamentos mistos.²⁰ Veja-se o que dizia monsenhor Thiamér Toth, no seu livro *Casamento e família*:

Os casamentos mistos desgraçadamente existem. Digo desgraçadamente, porque são a conseqüência da deplorável divisão religiosa. Quantos atritos daí resultam, quantas energias dissipadas, coisas das quais não é necessário mais falar (...) Vejamos pois, a doutrina da Igreja quanto aos casamentos mistos. É uma coisa bem conhecida que ela lhes é aberta e categoricamente contrária e que seu desejo é que o jovem católico casa-se com moça católica e vice-versa (...) mas se os jovens, dos quais um é católico e outro não, tem apego um pelo outro, e possuem sérias razões para se casarem, a Igreja ainda que com o coração desolado, concede-lhes a dispensa do impedimento do casamento misto, com a condição de que os filhos sejam católicos. Se ambas as partes não se comprometerem por escrito a respeitar essas cláusulas eles não podem obter a dispensa, não poderão casar-se na Igreja Católica, e não poderão contrair um matrimônio em uma religiosamente válido. (1942, p. 80-81)

A importância concedida pela Igreja, a partir do início do século XX, ao casamento religioso e à família para manutenção da fé católica foi uma reação às novidades como o casamento civil, a liberdade de culto e o ensino público.

²⁰ *Dos matrimônios mistos*: Cân. 1124 – o matrimônio entre duas pessoas batizadas, das quais uma tenha sido batizada na igreja católica ou nela recebida depois do batismo, e que dela não tenha saído por ato formal, e outra pertencente a uma Igreja ou Comunidade Eclesial que não esteja em plena comunhão com a Igreja Católica, é proibido sem a licença expressa da autoridade competente. Cân. 1125 – o ordinário local pode conceder esta licença, se houver causa justa e razoável; não a conceda, porém, se não se verificarem as condições seguintes: 1ª) a parte católica declare estar preparada para afastar os perigos de defeção da fé, e prometa sinceramente fazer todo o possível a fim de que toda a prole seja batizada e educada na Igreja Católica; 2ª) informe-se tempestivamente, desses compromissos da parte católica a outra parte, de tal modo que consta estar verdadeiramente consciente do compromisso e da obrigação da parte católica; 3ª) ambas as partes sejam instruídas a respeito dos fins e propriedades essenciais do matrimônio, que nenhum do contraentes pode excluir. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. 497)

Maria Teresa dos Santos Cunha analisa, com o exemplo abaixo, como a literatura na década de 1950 perpassava a idéia do casamento:

Era concebido diferentemente nos romances de M. Delly e Concórdia Merrel. Em M. Delly, as heroínas castas e puras não exerciam atividades fora dos limites privados do lar, nem antes, nem depois do casamento. Todos os enredos encaminhavam-se para forjar “uma esposa de Deus antes de ser do homem”, uma mãe cristã, enfim, uma imagem viva da Virgem Maria. Em Concórdia Merrel, a cena era outra: as mulheres trabalhavam fora antes e depois do casamento e a própria noção de casamento era diferente. Ana, protagonista do romance de Concórdia Merrel (...), via o casamento sob outro ângulo e explicava isso as suas amigas: “Uma noiva do século passado encarava o casamento como a solução necessária do problema de sua vida. Casar era vencer, ficar solteira era o desastre. As moças de nossos dias não casam mais por necessidade. A mulher conquistou uma situação social e econômica em que pode deliberar sobre questões de sentimento com liberdade que outrora era privilégio dos homens (O casamento de Ana, p. 130). (CUNHA, 1999, p. 102)

Maria Teresa Cunha reflete e questiona se esse exemplo não vinha a demonstrar certa crise quanto ao casamento, ao passo que os livros de M. Delly procuravam reforçá-lo, mantendo padrões estabelecidos para as mulheres no século anterior.

Para manter o casamento nos moldes cristãos é que os colégios religiosos femininos se preocupavam com a formação e o cuidado em relação às moças, orientando para se manterem “puras” e “recatadas” para assumirem o casamento dentro dos princípios da Igreja. Para que isso ocorresse, “...as instituições religiosas, sobretudo a escola, foram unânimes em admitir a necessidade de um olhar vigilante sobre a mulher e sobre as educandas” (TRINDADE, 1996, p. 49)

Havia um cuidado constante sobre a ação das alunas, controlando-se as leituras, as companhias, as correspondências, as conversas e tudo mais... Com isso, elas perdiam a autonomia de seus atos. Uma ex-interna relembrou o controle sobre as companhias:

As freiras procuravam aprimorar nossa educação (...) Mas havia proibições que nós não entendíamos (...) Lembro que era proibido duas meninas ficarem isoladas das outras ou andar só as duas sempre juntas. A gente obedecia, mas achava esquisito. (UBA, 2003)

As afeições cultivadas no colégio podem ser entendidas como determinadas, em parte, pela segregação das moças e rapazes em espaços diversos, o que dificultava o contato com o sexo oposto e tornava a amizade o caminho mais fácil para manifestações afetivas. Margotto assinala que:

Tal fenômeno, analisado por Walkowitz, como estando na raiz das chamadas “amizades românticas”, torna possível entender o temor, por parte das irmãs, das relações afetivas entre moças desaguarem em homossexualismo. (1997, p. 97)

Como será verificado a seguir, a educação da sexualidade não era contemplada no currículo do colégio, assim também a homossexualidade não fugia da regra e as alunas nem sempre entendiam as precauções que eram adotadas no sentido de prevenir atitudes que podiam gerar problemas para a escola.

Pelo relato das ex-alunas Norma Seleme e Thereza Uba, percebe-se que as alunas pouco questionavam as recomendações das religiosas, pois, embora achassem “esquisitas” algumas dessas recomendações, acabavam obedecendo:

A gente, às vezes, tinha vontade de reclamar, de não aceitar certas coisas... Mas o medo não deixava, pois a gente foi educada desde pequena para aceitar e não ficar questionando e assim tinha que se “engolir” algumas coisas e ficar quieto. Se a gente reclamasse, podiam considerar falta de respeito e daí vinha as conseqüências. (SELEME, 2003)

Essa atitude pode ser reflexo de respeito à hierarquia ou medo de infringir o regulamento, que, pelos relatos das entrevistadas, parecia ser bem rigoroso. A censura era outro mecanismo usado para manter as alunas sob vigilância, pois, conforme DITTRICH (2003), “...algumas internas recebiam cartas dos namorados e podiam responder se fosse de acordo com os pais. Mas as cartas que iam e vinham eram censuradas”. Thereza UBA (2003) complementa: “...não adiantava se queixar para os pais porque eles estavam de pleno acordo com as irmãs”.

Havia uma relação de parceria entre a família e o Colégio que refletia-se também na forma como ambos exerciam um controle efetivo sobre as moças. Era considerado que, para bem educar as filhas, seria indispensável o controle das companhias, das correspondências e dos demais aspectos de suas vidas. Sendo assim, o colégio atribuía grande importância à vigilância exercida sobre o comportamento das alunas, para manifestar uma educação cuidadosa.

No internato e também na escola, as religiosas ficavam atentas ao movimento das alunas e exerciam um controle em todos os seus atos:

O regime no internato era rigoroso e devia ser obedecido pontualmente. O único horário em que eram permitidas as conversas era o recreio. Na capela, no refeitório, no estudo, no dormitório só se podia conversar com a permissão da irmã. Havia um quadro na parede com o nome de todas as internas. A cada infração do regulamento, era marcado um

pontinho para as faltas menores e um traço para as maiores. Somados no final do mês, baixava-se a nota do comportamento. (DITTRICH, 2003)

Diante dessas declarações e para um maior aprofundamento sobre a normatização daquele educandário religioso, procurou-se o seu regimento, mas a busca foi frustrada, pois, segundo as freiras que ainda residem no colégio, os documentos que ficavam obsoletos eram eliminados por falta de espaço para guardá-los. Sendo assim, apenas as fontes orais podem contribuir para o conhecimento de algumas normas aplicadas na época, o que é de se lamentar, pois, conforme afirma TRINDADE (1996, p. 50):

...essa pedagogia 'restritiva', encontrada também em muitos estabelecimentos laicos, masculinos e femininos, sustentava-se na vigilância e expressava-se pelos regulamentos, verdadeira medula do sistema de ensino nos colégios católicos.

Neste sentido, veja-se o lamento de uma ex-aluna:

Tudo era baseado no regulamento (...) Quando a infração a um regulamento abrangia um grupo, perdíamos o recreio das 18 horas e a irmã responsável pelo internato reunia as internas; o grupo faltoso ficava em evidência, de pé, e o restante fazia a vez da platéia (...) E vinham as recriminações, muitas vezes com ironias, o que proporcionava risos e chacotas... (DITTRICH, 2003)

O regulamento é que sustentava as ações das religiosas e também: "...conforma um acompanhamento exato e contínuo que estabelece uma verdadeira justiça penal, concretizada em castigos e prêmios, conceitos e notas, classificando as pessoas em boas ou más" (TRINDADE, 1996, p. 51).

A educação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, como dos demais colégios católicos, era direcionada para a formação da mulher virtuosa, buscando atingir na mulher o aperfeiçoamento moral e a transmissão de virtudes que garantissem uma mulher com integridade espiritual e que não se desviasse da missão da maternidade.

Para preservar essa educação da mulher virtuosa, o colégio chegou a fechar as portas a uma candidata não adaptada aos padrões estabelecidos de educação recatada e devolveu ao lar a responsabilidade de reconduzi-la à trilha da virtude. No relato abaixo, há a ilustração desse fato:

L. G. cismou sair do povoado e morar na cidade (...) Seu irmão a trouxe para ficar interna no Colégio (...) Pobrezinha, é digna de lástima não ter recebido uma educação adequada ao caráter rebelde (...) Agora tem 18 anos e não sabe comportar-se como gente de juízo. Quando lhe dá na venta, não faz um passo, nem para frente, nem para trás. Ainda outra:

sabe prostrar (...) e de quê? – namoros, bailes, etc., coitada! Se não tivéssemos internas menores em casa, poderíamos experimentar treiná-la na pedagogia de S. Dom Bosco, sempre esperando algum resultado favorável. Mas como ela já se meteu na “confusão do mundo”, era forçoso enviá-la a seus pais. Que lá aprenda a viver e, queira Deus, um dia morra como cristã, alcançando a felicidade eterna. Nossa missão não terminava com o despacho, pelo contrário, rezamos por ela, que nosso Senhor mesmo a eduque e transforme. (CRÔNICAS..., 1945, p. 15-16)

A congregação era bastante rigorosa na admissão de suas alunas internas e externas. Exigia qualidades, virtudes e uma reputação inatacável. Não se admitia que a candidata possuísse desvios de conduta. Percebe-se aí uma certa rigidez e dificuldade para lidar com as contradições próprias da condição humana.

Contudo, é possível entender as exigências do colégio para a seleção da clientela como circunscritas à necessidade de preservar não somente a moral das alunas, mas também a própria imagem da instituição. Deve-se levar em conta que Canoinhas, naquele período, tinha uma população reduzida, em que, por meio de murmúrios e boatos, tudo se ficava sabendo, o que tornava possível a existência de uma preocupação constante com “o que os outros iam falar”. Assim, a seleção da clientela obedecia a esses parâmetros vigentes na sociedade local. O depoimento de irmã Carmem deixa transparecer o quanto a avaliação da clientela por determinados parâmetros de conduta era considerado um critério importante pelos pais na escolha daquele colégio:

As irmãs procuravam ser rigorosas na seleção das candidatas porque os pais daquela época se preocupavam muito com as amigas de suas filhas e só procuravam o colégio porque sabiam que lá só se aceitava alunas de boa índole e que as religiosas estavam atentas no acompanhamento das meninas. (WELTER, 2003)

A mesma vigilância e controle da casa paterna era repetida na escola. Todas as ações das alunas eram acompanhadas atentamente pelas professoras religiosas e, como na educação recebida em casa, havia pouca ou nenhuma informação a respeito da sexualidade. “Nas aulas, não se tocava no assunto sexualidade humana e, sobre o casamento, o que me lembro é que era enfatizada a sua indissolubilidade e a criação dos filhos dentro dos princípios católicos” (COSTA, 2003).

É estranho que uma educação que valorizava o casamento e a maternidade pouco ou nada informasse sobre sexualidade. Jane Almeida, em sua pesquisa (*Mulher e educação: a paixão pelo possível*), em que relata como

ocorreu, no estado de São Paulo, o percurso profissional feminino no campo da Educação, constata que:

Apesar de alguns estudos afirmarem que a Escola Normal, freqüentada pelas jovens nessas décadas, era uma espécie de curso preparatório para o casamento e para a maternidade, isso me parece uma redundância. Para ser mãe, necessariamente, a jovem normalista teria de passar pela experiência sexual e, nesse campo, tanto a escola de qualquer nível como a família, eram deliberadamente omissas. As jovens poderiam até receber os ensinamentos necessários de como cuidar da casa, bordar, cozinhar, alimentar os bebês, mas sobre sexo eram mantidas na mais extrema ignorância, aliás, não só sobre sexo em si, mas como em tudo que se referia à sexualidade, como menstruação, concepção e gestação. (1998, p. 181)

A formação religiosa contribuía para manter as moças desinformadas e ausentes de qualquer conhecimento acerca de seu corpo e da sua sexualidade. A maioria das jovens se encaminhava ao matrimônio na mais completa ignorância, pois nem a escola e nem a família tratavam das questões sobre a sexualidade. Como afirmou Thereza UBA (2003), "...as questões sobre sexualidade eram consideradas tabus, a gente tinha que aprender com a vida".

Assim, embora o silêncio e a precaução fossem a norma para qualquer aspecto referente à sexualidade, era justamente essa "lacuna" e a existência de regras que as alunas não compreendiam que deixavam transparecer um temor, por parte das irmãs, de que a sexualidade se fizesse presente. Margotto analisa esse temor da seguinte forma:

...a opção por uma vida celibatária pressupõe que o sujeito não está vivenciando sua sexualidade nas formas usuais, fato este, que pode ser entendido como determinado pela dificuldade do sujeito em lidar com esses aspectos. (1997, p. 156)

Assim, a educação das moças era direcionada para o casamento, para formar um lar dentro dos princípios cristãos, mas sem uma educação sexual que as preparasse para isso. Apesar disso, a educação para o lar era bastante intensa no período pesquisado. Veja-se o que pensavam os educadores religiosos:

Para esses educadores a boa formação de mulher é um núcleo de irradiação da fé, da virtude e da moralidade cristãs, centrado no recinto doméstico, onde com sacrifício, disciplina e renúncia, ela atua pela salvação dos filhos e contra a descrença do cônjuge. Nessa intenção, as educadoras religiosas induzem as alunas ao trabalho e, sobretudo, ao dever, no intuito de fazer germinar em seus corações as sementes do amor ao estudo, à ordem, à economia e às virtudes da modéstia, docilidade, doçura e bondade – qualidades indispensáveis à felicidade de um lar. (TRINDADE, 1996, p. 38)

Tais modelos foram amplamente divulgados pelo catolicismo romanizado e, nas décadas de 1930 e 1940, foram produzidas muitas cartas pastorais e encíclicas que refletiam, ainda, o ideário desse tipo de catolicismo. Na introdução à encíclica *Casti Connubu*,²¹ aparece a afirmação de que:

...é combatida a falsa emancipação da mulher, com que, de várias maneiras no campo legal, econômico e fisiológico, se procurava destruir praticamente a sociedade familiar e subtrair às famílias a função de esposa e de mãe. (1930, p. 4)

A visão da educação da mulher voltada para o lar está explícito no livro de crônicas da seguinte forma: “...de nós, irmãs missionárias de Maria Auxiliadora, Jesus pede a colaboração para este fim sublime, educar mães cristãs nos cursos superiores, preparando-as ao ideal de santidade do lar” (1949, p. 48).

O lar ganhava uma “aura” de espaço religioso, onde a esposa virtuosa cuidava do bem-estar dos demais, esquecendo-se de si própria, pois, para a Igreja, a realização pessoal da mulher era possível apenas na medida em que sua existência significasse a felicidade e o bem-estar de sua família.

O trabalho de Wolf – *Como se forma uma “boa dona de casa”*: a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia de Blumenau (1850-1900) – relata que o próprio fundador da colônia de Blumenau escrevia aconselhando os novos imigrantes a trazer “uma mulher e uma boa dona de casa”. E acrescenta que alguns “candidatos ao casamento” tiveram a idéia de publicar as principais “qualidades” necessárias em um jornal da cidade:

Uma lei recentemente entrada em vigor em Blumenau exige que cada moça que pretende se casar deve apresentar um certificado autêntico sobre suas capacidades em cozinhar e administrar a casa, bem como ter a necessária habilidade na costura, lavar roupa, bordar e tricotar, antes que lhe seja colocada a coroa e o véu. Bonito seria se fosse verdade. Ass. Alguns candidatos ao casamento. (WOLF, 2001, p. 161)

Apesar da ironia da fonte, pode-se perceber a importância que se atribuía à boa dona de casa e a preocupação dos homens para conseguirem casar com mulheres prendadas.

21 A encíclica *Casti Connubi* foi publicada em 1930 e escrita pelo papa Pio XI, versando sobre o sacramento do matrimônio e das condições em que ele deveria se organizar. A encíclica estabelece ainda normas de conduta para o sexo feminino dentro da instituição do casamento, refletindo as usas concepções sobre o papel da mulher.

A introdução da mulher nos trabalhos manuais e, portanto, tão presentes nas instituições religiosas quanto nas simples salas dos estabelecimentos públicos ou nos ambientes da Escola Profissional Feminina tinha a função de prepará-la não somente para a perfeita execução desses trabalhos, mas também para a administração e o controle do bom andamento doméstico.

O ensino das disciplinas voltadas para o lar era, portanto, recomendado e, inclusive, justificado no discurso da época, tanto pela sociedade quanto pelo meio educacional e pela imprensa em geral. Essa situação era constante nas propostas de educação feminina no Brasil; para as camadas privilegiadas, por meio de propostas específicas, e, nas escolas públicas, por meio de disciplinas como Economia Doméstica.

No caso de escolas particulares com propostas específicas, cabe lembrar aqui o Colégio de Educação Familiar do Paraná, conhecido em Curitiba como “caça-marido”. Cleusa Fuckner, por meio de uma retrospectiva histórica, analisou a educação desenvolvida por esse centro na formação feminina e constatou que “...fazia parte de seu currículo a preparação para o matrimônio”. Segundo ela, “...a preparação para o casamento foi um dos fatores que motivava a escolha da escola pelas mães, visto que o Colégio de Educação Familiar era o único a ter esta especificidade em Curitiba” (2000, p. 20).

No Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, as disciplinas de Trabalhos Manuais e Puericultura é que proporcionavam esse aprendizado de preparação para o lar.

Em Trabalhos Manuais, tínhamos aulas de pintura em telas, tecidos e papel. Aulas de bordado, crochê, tricô, filé. Nessas aulas, as alunas podiam organizar seu enxoval para o futuro lar. Nas aulas de Puericultura, aprendíamos como cuidar do bebê: higiene, amamentação, etc. (THIEM, 2003)

Embora as religiosas fossem omissas no trato da sexualidade feminina, como foi citado anteriormente, havia a preocupação em formar a dona de casa prevenida e orientar as moças para a maternidade.

A identificação entre maternidade e feminilidade fazia com que as virtudes desejáveis numa boa mãe estivessem presentes nas representações sociais da mulher naquele período. Rocha-Coutinho aponta que:

...dedicação, abnegação e docilidade, por exemplo, são representadas como características femininas, enquanto perspicácia intelectual, pensamento lógico, interesses

profissionais e políticos são vistos como antifemininos, ou melhor, como características naturalmente masculinas. (1994, p. 41)

Em um estudo sobre domesticidade e imaginário feminino na década de 1950, Silva afirma que a divisão tradicional dos papéis de gênero, nessa época, ainda não era alvo de debates e contestações, sendo o trabalho doméstico encarado como atribuição natural da mulher. A autora aponta "...a dona de casa, ainda feliz com seu papel, como figura característica dessa década" (1989, p. 14).

Contrariando Silva, Archanjo, que fez um estudo com o objetivo de verificar de que forma a educação escolar contribuía para legitimar e disseminar o conhecimento da diferenciação sexual, assegurando os significados que apareciam como inerentes às categorias "homem" e "mulher", relata que "...os jornais curitibanos abordam com freqüência a questão da mulher que trabalha fora, discutindo as vantagens e desvantagens de uma carreira para a mulher" (1997, p. 160). Percebe-se a imprensa daquele período preocupada com o crescente ingresso da mulher no mercado de trabalho, mas, de acordo com Archanjo, os textos afirmam que:

...apesar da maior participação feminina no mercado de trabalho, ainda não se põe em questão a exclusiva obrigação da mulher para com as atividades domésticas. E, ao mesmo tempo em que o trabalho do lar é visto como responsabilidade exclusivamente feminina, o trabalho fora do lar não é encarado como meio de realização pessoal ou de independência econômica da mulher. Ele se torna socialmente aceito se for para evitar tensão e conflito doméstico ou quando é imprescindível para suprir as necessidades financeiras da família, ou seja, por necessidade de complementar a renda familiar. (1997, p. 161)

É possível entender essa situação levando em conta que, de acordo com as representações sociais da época, não se pensava em dividir despesas, sendo o homem o provedor financeiro da família, cabendo à mulher a função de cuidar do lar, organizando a vida doméstica.

À medida que as mulheres ganhavam espaço, elas iam encontrando muitas adversidades pelo caminho, uma delas era a imprensa curitibana, que, segundo Trindade, desqualificou as condições do trabalho feminino, enfatizando "os riscos morais" representados por atividades que levavam as mulheres a deixar a esfera privada da vida doméstica para buscar no mundo sua subsistência:

Todo um discurso moralista e filantrópico acena para elas, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do maior deslize. Não é a mulher, essa carne

fraca, presa fácil das paixões que sucumbe sem resistência ao olhar insistente ou os galanteios envaidecedores do sedutor... (TRINDADE, 1996, p. 275)

Esse era o discurso que defendia o lar como espaço apropriado para as mulheres, onde elas estavam isoladas das tentações mundanas ou de certos perigos, como a prostituição.

Numa época em que as mulheres estavam estreando no mercado de trabalho e possivelmente questionando seus direitos, tornava-se interessante manter o foco para o lado de rainha ou soberana do lar, pois evitaria choques ou confrontos no mundo do trabalho.

A Igreja defendia com veemência que o papel principal da mulher era o de educadora – independente do seu estado civil, estivesse dentro ou fora do lar –, para o benefício da família e da sociedade.

Bencostta, no artigo “Mulher virtuosa, quem a achará?”, que trata do discurso da Igreja acerca da educação feminina e do VI Congresso Interamericano de Educação Católica (1951), assim relata:

A Segunda tese da 10ª temática do Congresso – Considerações sobre a Educação Familiar das Adolescentes – tenta focalizar o problema da educação feminina daquele tempo, reforçando seu tipo ideal da mulher moderna marcada pelo estigma de educadora (...) Apoiando-se nas palavras do Papa Pio XII (1915, p. 26) sobre a condição da mulher no mundo moderno, os defensores dessa tese entendiam que um dos grandes problemas daquela atualidade era o chamado feminismo moderno, responsável pela perda de senso de que a missão específica da mulher na sociedade estava vinculada ao lar. Ao querer imitar o homem em todos os terrenos – como o uso de traje masculino, o hábito de fumar, participar da vida pública e esportiva –, ela estaria provocando, entre outras conseqüências, a deserção do lar, a limitação da natalidade, o desprezo ao trabalho doméstico. (2002, p. 126-127)

Segundo a orientação desse pensamento, a participação feminina nas modificações sociais só iria ocorrer pelo seu atributo maternal: de geradora e educadora dos seus filhos ou de outrem.

A Igreja Católica aborda a questão do trabalho feminino na encíclica *Quadragesimo Anno*, de 1931, na qual Pio XI posiciona-se, com relação ao trabalho feminino fora do âmbito doméstico, declarando que:

...as mães de família devem trabalhar em casa ou nas suas adjacências, dando-se aos cuidados domésticos. É um péssimo abuso, que deve a todo custo cessar, o de as obrigar, por causa da mesquinhez do salário paterno, a ganharem a vida fora das paredes domésticas, descurando os cuidados e deveres próprios e, sobretudo, a educação dos filhos. Deve, pois, preocupar-se com todas as veras, que os pais de família recebam uma paga bastante a cobrir as despesas ordinárias da casa. (1931, p. 32)

Para Pio XI, não era natural que a mulher trabalhasse fora e o trabalho feminino era entendido como uma exceção. Nessa perspectiva, apenas as necessidades financeiras justificavam o trabalho extradoméstico da mulher casada. Tido como provedor, ao homem cabia o sustento da família e, uma vez que estivesse bem remunerado por seu trabalho, não seria necessário a mulher correr o risco de expor-se aos perigos do mundo moderno, já que a fraqueza feminina devia ser lembrada. Ainda na encíclica *Casti Connubii*, Pio XI observa que:

...se em qualquer parte as condições sociais e econômicas da mulher casada tiverem de transformar-se por causa da alteração dos usos e costumes da convivência humana, compete ao poder público adaptar as necessidades e exigências hodiernas os direitos civis da mulher, tendo sempre em vista o que é requerido pela diversa índole natural do sexo feminino, pela honestidade dos costumes e pelo interesse comum da família e desde que também a ordem essencial da sociedade doméstica permaneça intata, como instituída que foi por uma autoridade e sabedoria mais alta que a humana, isto é, divina, e que não pode mudar-se por leis públicas ou pela vontade dos indivíduos. (1930, p. 40)

Ainda no tocante ao trabalho feminino, ALMEIDA (1998, p. 31) lembra que para os brasileiros:

...a cultura lusitana foi determinante para esculpir na sociedade brasileira os contornos extremamente definidos dos papéis sexuais. Para os portugueses, a responsabilidade feminina nunca deveria transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho remunerado.

No contexto estudado, o trabalho feminino não é percebido pela ótica da realização pessoal, mas sim vinculado à questão econômica. A relação entre o trabalho ou o estudo e o casamento é entendida mais como uma oposição entre essas atividades, na qual o exercício das tarefas domésticas dificultaria a manutenção de uma outra atividade de ordem profissional.

A seguir, será apresentado como as mulheres transpuseram as atividades estritamente domésticas e passaram a estabelecer novos vínculos sociais.

2.2 MULHERES: BENEFICIÊNCIA E O ESPAÇO PÚBLICO

É preciso considerar que, nos séculos XIX e XX, a presença feminina no espaço público fez-se notar em diversas áreas. As mulheres passaram a atuar na imprensa, nas artes e nas associações beneficentes, ingressaram nos serviços públicos, nos escritórios particulares e nas fábricas e imprimiram novos valores e

comportamentos na vida pública e privada quando transpuseram as atividades estritamente familiares e estabeleceram novos vínculos sociais.

Dessa maneira, justificava-se a preocupação da Igreja em condenar o trabalho feminino fora do âmbito doméstico a partir da consciência de que a saída da mulher do lar poderia significar mudanças profundas no comportamento feminino e na organização da sociedade.

O aumento da demanda de trabalho feminino vinha criando condições para a produção de novas representações de gênero, Archanjo, citando Ana Paula Martins, faz o seguinte comentário sobre tal fato:

No início dos anos 50 o trabalho extradoméstico já era uma realidade que atingia cada vez mais um número crescente de mulheres, derrubando as idéias que associavam o feminino à incapacidade e à fragilidade, e introduzindo uma nova imagem, diferente da dona de casa e mãe. A imagem da mulher trabalhadora vem associar-se a outras imagens que povoam o universo feminino daquele período, como as artistas de cinema, as primeiras-damas, as cantoras de rádio e as misses. Entre o tradicional e o moderno formava-se uma “nova mulher” consciente de que poderia assumir novos papéis além daquele que a “moral mais aceita”, lhe havia concebido como “missão” a ser exercida dentro do lar. (1997, p. 160)

No entanto, apesar do “culto da domesticidade” imposto pelo ideário burguês e pela Igreja Católica, as mulheres, nas diferentes comunidades, ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, desenvolveram estratégias próprias de sobrevivência e laços de solidariedade. Em Canoinhas, isso se evidencia pelo artigo publicado no jornal *Barriga Verde*:

Hospital Santa Cruz: uma obra que honra Canoinhas.
Há cerca de vinte anos, algumas senhoras, tendo à frente D. Rosa Budant, Tereza Gobi, Amélia Ehke, Antonieta Matoso, Margarida Pavão, Emídia Carneiro, Julieta Rauen e outras, que seria longo enumerar, organizaram uma comissão para angariar donativos para a construção de um hospital nesta cidade. (...) Nesse tempo, em uma festa de caridade que teve D. Tereza Gobi à frente, foi angariada a importância de quase cinco contos de réis para a construção do hospital. (*Barriga Verde*, 1939, p. 1)

Os jornais *Barriga Verde* e *Correio do Norte*, da época, constantemente divulgavam notas sobre a atuação das mulheres em movimentos beneficentes. Margotto, apoiando-se em De Giorgio, refere-se à beneficência:

Como uma compensação desenvolvida pelas mulheres por não lhes ser permitida uma atuação no campo político oficial, uma resposta ao “primado do discurso masculino”, apoiada principalmente sobre a religiosidade. Contudo, o certo é que as práticas de caridade casaram-se de tal forma com a imagem da “boa católica” que as associações de senhoras com estes objetivos expandiram-se consideravelmente após o século XIX. A partir de então, afigurou-se como um complemento indispensável para a imagem da mulher cristã, o exercício de obras pias. (1997, p. 76)

A mesma autora busca uma outra leitura a respeito de filantropia como atividade essencialmente feminina apoiando-se no texto de Perrot, que considera:

A filantropia, como sendo a origem de uma “consciência de gênero”, talvez o embrião do feminismo, na medida em que unia as mulheres em torno de objetivos que ultrapassavam o âmbito puramente particular de suas vidas. (1997, p. 76)

Na Escola Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, segundo relato das ex-alunas, a caridade era estimulada verbalmente nas aulas de Religião:

Nas aulas de Religião, as freiras falavam muito para a gente ser caridosa, ajudar o próximo, principalmente os pobres. No inverno, doar agasalhos para quem não podia comprar (...). Não me lembro de ter saído com as freiras para visitar as pessoas mais necessitadas, pois elas moravam distantes umas das outras (...) Então, a gente recebia estímulo, mas a prática da caridade ficava a nosso critério... (TREVISANI, 2003)

As práticas de caridade não estavam presentes apenas sob a forma de estímulo aos desvalidos. Existia, no interior do colégio, aquelas que eram colocadas como objeto de caridade alheia: as juvenistas, isto é, meninas que estudavam mediante a prestação de serviços à instituição, provenientes, em sua maioria, do interior. As juvenistas eram moças que desejavam ser religiosas e não podiam pagar os seus estudos. Havia algumas que também prestavam serviços para pagarem seus estudos e não eram candidatas a religiosas.

...elas nos ajudavam na limpeza e ordem do colégio e recebiam tudo: livros, estudo e roupas. Além dos estudos na Escola Normal, as juvenistas recebiam separadamente uma formação especial que as preparava para serem religiosas. (WELTER, 2003)

Levando-se em consideração o aspecto da caridade, a existência de juvenistas no colégio era garantida, também, pela pretensão, por parte da Igreja, de formar religiosas que dessem continuidade aos trabalhos idealizados pela ordem. Com as demais, atingia-se um duplo propósito: praticava-se a caridade e educava-se pessoas de acordo com os princípios cristãos. Irmã Carmem acrescenta na entrevista: “Essa é a forma que achamos para ajudar as meninas pobres” (WELTER, 2003).

Excetuando-se as práticas beneficentes ou caritativas, as fontes não nos revelaram muitas mulheres que se destacaram na vida pública na cidade de Canoinhas na época pesquisada. Devido a isso, foi surpreendente o depoimento da ex-aluna Iolanda Trevisani:

No período de 1955-59, fui eleita a primeira vereadora de Canoinhas. Batalhei para melhorar a educação no município. Reivindiquei ajuda de custo no transporte de professores do interior para os Cursos de Aperfeiçoamento na cidade. Elaborei e apresentei o projeto sobre o 1º Estatuto. (TREVISANI, 2003)

Os trabalhos beneficentes e a vereança foram formas diferentes que as mulheres encontraram para se organizar e adentrar em novos espaços. Iolanda alçou um vôo mais alto, pois, sendo educada em um colégio religioso que preparava a mulher para a vida do lar ou para ser uma professora de ensino primário, extrapolou esses limites e estabeleceu outros vínculos, tornando-se uma mulher comunitária, ao ingressar na política e ocupar um espaço considerado essencialmente masculino.

Muitas das representações feitas sobre o trabalho de mulheres fora do seu suposto *habitat* (o espaço doméstico) enfatizam imagens idealizadas de uma força de trabalho mais dócil e submissa. Contudo, sobre o ambiente de trabalho das mulheres das minas de carvão de Santa Catarina, Carlos Renato Carola afirma que:

...as imagens estereotipadas diluem-se facilmente da concretude das experiências vividas. Os registros das fichas funcionais das companhias, bem como os relatos de vida das trabalhadoras, demonstram que as mulheres das minas estavam muito além da docilidade, fragilidade e submissão propagadas pela visão masculina dominante. (2001, p. 136)

O imaginário confuso que se criou em função da “invisibilidade” da presença feminina como sujeito histórico ocorreu devido ao fato de a história ser escrita no masculino, evidenciando apenas os feitos dos homens. Nas últimas décadas, no entanto, o uso da categoria “gênero” como perspectiva de análise provocou uma reviravolta geral nas pesquisas sobre mulheres. Ainda que de diferentes formas e por caminhos diversos, todas terminaram por dar visibilidade às experiências e poderes das mulheres na sociedade do passado e do presente; salientando, inclusive, as diferenças étnicas e de classe.

Hoje, pode-se afirmar que já existe uma relativa quantidade de pesquisas históricas sobre as mulheres. Mesmo assim, Carola adverte que “...não é possível ignorar o fato de que toda a história da humanidade foi escrita no masculino, sobretudo, o masculino que fica no topo da pirâmide social” (2001, p. 121). Mas o que importa de tudo isso é que a mulher foi gradativamente conquistando espaços e mostrando que podia ser uma aliada do homem também fora do espaço doméstico.

CAPÍTULO III

3 -EDUCAÇÃO NO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: MANIFESTAÇÕES E ASPECTOS DE UMA CULTURA ESCOLAR

No capítulo anterior, consideraram-se os aspectos da educação da mulher reclusa ao lar, a influência que a Igreja Católica exerceu na educação e na proposta de trabalho feminino, a forma como se processou a educação das alunas do Curso Normal Sagrado Coração de Jesus nos aspectos da sexualidade, da preparação para o lar e do regime de internato.

Na seqüência, serão tratados o fenômeno da feminização do magistério e a manifestação da cultura e prática escolar na formação das primeiras turmas de professoras no Colégio Sagrado Coração de Jesus no período de 1936 a 1956.

Este recorte temporal deve-se ao fato de que, em 1936, o Curso Normal foi implantado pelo Decreto Estadual n. 147, de 20 de junho, e, duas décadas depois, ele se encontrava em franca expansão, formando, ano a ano, turmas de professoras para atuarem na educação de crianças.

Em uma estatística publicada no jornal *Correio do Norte*, o colégio já havia formado 448 professoras desde a implantação do curso até o ano de 1956.

Outro dado interessante é que, durante o período pesquisado, o colégio foi administrado exclusivamente por religiosas que vieram da Suíça, Áustria e Alemanha. Essa informação despertou a curiosidade para saber como realmente se deu a formação das primeiras professoras nessas duas décadas.

3.1 O CURSO NORMAL E A MULHER: DO TRABALHO DOMÉSTICO PARA EDUCAÇÃO FORMAL E O TRABALHO REMUNERADO

Com o advento da República, houve um substancial aumento na oferta da escolarização primária. As condições econômicas, aliadas à visão que os republicanos tinham da instrução como única forma de promover o desenvolvimento do povo e da nação, juntamente com o processo de industrialização e urbanização que passava a tomar conta de alguns pontos do país nessa época, converteram a educação em necessidade e aspiração para um grande contingente da população.

Se, de forma geral, um maior número de pessoas foi beneficiada com esse processo, mais ainda foram as mulheres – construiu-se efetivamente a possibilidade de ingressarem na escola para poderem se instruir. Para atender à demanda da escolarização, era necessário que houvesse cada vez mais professores e, nessa época, ganhou força a corrente que pregava o magistério como atividade essencialmente feminina. Ora, se já no século XIX começava a prevalecer a visão da necessidade de instrução para as mulheres, pois estas, como responsáveis pela educação dos filhos, seriam, também, as responsáveis pela formação dos bons cidadãos da pátria, mais do que nunca era, então, necessário abrir as portas das escolas para dar uma formação a essas mulheres, a fim de que assumissem efetivamente a missão de educar.

A união Igreja e Estado, apesar da separação oficial advinda com a proclamação da República, possibilitou um enorme espaço para a criação de escolas religiosas e, dessa forma, ampliou a possibilidade de parte do universo feminino ter acesso à instrução. Essas escolas, em geral, tinham por finalidade a formação de normalistas.

A feminização do magistério primário no Brasil aconteceu num momento em que o campo educacional crescia em termos quantitativos. O acesso das mulheres à educação foi facilitado, tendo em vista, entre outras razões, os impedimentos morais dos professores na educação das meninas e a não aceitação da co-educação dos sexos, liderada pelo catolicismo conservador.

Alguns historiadores registram que a abertura do espaço do magistério primário para as mulheres ocorreu devido ao abandono dos homens desse campo profissional. Eles partiram em busca de empregos com melhor remuneração e isso resultou em uma grande demanda pela profissão de professora. Esse fenômeno foi denominado de “feminização do magistério”.

Muita polêmica foi gerada em torno desse fato – alguns consideravam a mulher pouco capacitada para educação de crianças e outros defendiam tal efetivação, usando como argumento “...a ‘natural’ aptidão da mulher à maternidade, desenhando a profissão do magistério como um sacerdócio com características ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação, doçura e dedicação” (LOURO, apud DEL PRIORI, 1997, p. 450).

Nesta perspectiva, a mulher seria um instrumento necessário, pois, pela ação das mães e das professoras formadas dentro dos moldes do catolicismo,

seriam levados adiante os ensinamentos e valores cristãos na busca de moralizar a comunidade. Assim, Mary Del Priore afirma que:

A Igreja protege para melhor controlar a mulher (...) interessada em construir famílias onde o papel da mulher fosse o de instruir e educar os filhos cristãmente a fim de propagar os ideais do catolicismo, a Igreja contribuiu para formar uma sensibilidade mais aguda em relação à maternidade e à infância, tanto no mundo da afetividade quanto no do saber. (1997, p. 56-57)

Essa mulher “bela e pura” teria então, segundo a Igreja, maior capacidade para educar seus filhos e conduzir sua vida conjugal, escapando, dessa forma, dos maus costumes e da vulgarização, pois o ensino católico privilegiava a formação da esposa, da mãe e da professora.

Todos esses encargos atribuídos e as expectativas da Igreja e do próprio sistema em relação aos papéis a serem desempenhados pela mulher na sociedade delinearão os objetivos conferidos ao sistema educacional para com o sexo feminino. Maria Cândida REIS (1993) fez a seguinte análise:

Considerou-se como caminho natural das mulheres a opção pelo magistério e pelas profissões que, de certa forma, reproduzissem sua representação na família, tais como: costureiras, cozinheira, floristas etc. (...) Segundo a fala de grupos sociais comprometidos com o restabelecimento da ordem, da formação e do disciplinamento da nova mulher dos espaços institucionais cientificamente ordenados da escola e da família, surgiria a Nova Nação. O papel preponderante da mulher, no que diz respeito à nação e à reprodução de homens de valores, a colocava como “guardiã do lar”, responsável pela geração e criação do homem novo. (REIS, 1993, p. 52-53)

Sobre a educação da infância, o papa Pio XII, na *Alocução Davanti a questa*, de 1941, lembrava da necessidade de preparação daqueles que seriam os futuros educadores e, mais especialmente, das mães. Ainda que o papa, a princípio, estivesse preocupado em estabelecer critérios da educação para a maternidade, pode-se afirmar que as orientações influenciaram também os Cursos Normais da época, uma vez que a preparação para o exercício da maternidade era uma das grandes preocupações das Escolas Normais, especialmente as católicas. Segundo Pio XII:

É certamente arte difícil e laboriosa plasmar bem as almas das crianças, almas tenras, fáceis em deformar-se por impressões imprudentes ou falsos estímulos, almas das mais difíceis e delicadas de se guiarem, nas quais muitas vezes, mais que na cera, uma influência funesta ou um descuido culpável bastam para lhes imprimir vestígios indelévels e malignos. (1941, p. 5)

A Igreja mostrava-se preocupada e zelosa em relação à educação dos pequenos. O espaço escolar era um mecanismo eficiente, que poderia assegurar a formação de uma infância identificada com os princípios do bom cristão. Para isso, ela procurava expandir suas escolas e também buscar o apoio do Estado para manter o ensino religioso nas escolas públicas, pois, conforme coloca Rogério de SOUZA (2003): "...a Igreja mantinha uma concepção de que nenhum poder temporal teria força suficiente para governar um país e educar suas crianças sem um referencial ético-cristão".

A preocupação de Pio XII de "plasmar bem a alma das crianças" sintonizava-se com o pensamento das normalistas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, pois, no jornalzinho *Stela Maris*, elas manifestavam o que pensavam sobre educar:

Enfrento o último ano escolar, colhendo as sementes lançadas pela mão amiga da mestra, guardá-las-ei para semeá-las no coração das crianças um dia a mim confiadas (...). Lutar para combater o mal será também a vida no porvir que me espera. Esperança num futuro risonho, acompanhando passo a passo as palavras do amigo da infância, o Cristo Redentor: "Deixai vir a mim as crianças". Pensando nos dias que se aproximam, vejo crianças sorridentes e em cada olhar o reflexo de uma alma pura e inocente. Caminho para elas, com os braços estendidos, enquanto dentro de mim uma voz lenta murmura: "Queira guiá-las bem, nesse vale de lágrimas". E eu o quero meu Deus! (I.E., II Ano Normal, 1946, p. 1-2)

Hoje primeiro dia de aula do ano de 1946, principiamos com o título de normalistas. O título é bonito, mas devemos antes de tudo, ser dignas dêle (...) "Agora sim", queremos dar bom exemplo. Tudo para nós mudou e nossa vida há de mudar também para o melhor e mais sublime. "Agora sim", queremos olhar fixo para nosso ideal que já acena cheio de esperança... (I.M., I Ano Normal, 1946, p. 3)

Os textos do jornalzinho passam uma imagem da profissão de professora como algo sagrado, sublime, assim como era considerada a missão da mãe, aquela que guia, protege, orienta e dá bom exemplo. As futuras professoras tinham uma visão romântica da profissão, pois afirmavam que tudo parecia que iria mudar, tudo iria dar certo e que elas seriam felizes ao educar crianças inocentes, lembrando a afirmação de Pio XII: "...a mente de uma criança é uma página que nada vem escrito...", cabendo principalmente a elas iniciar as criancinhas no conhecimento das coisas e da fé católica. Para ostentar o título de normalista era preciso se revestir de dignidade e religiosidade. Norteadas e entusiasmadas por esses princípios, as jovens se encaminhavam para o exercício do magistério, conforme observa Jane Almeida:

Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as atividades desempenhadas no lar, pelo menos era esse o discurso oficial no período. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na área da maternidade e da missão. (ALMEIDA, 1998, p. 28)

A valorização da oportunidade de estudo que se abria para as mulheres é muito bem representada na fala da ex-aluna Leni:

A gente sentia-se feliz de ser normalista, era uma grande coisa para aquela época em que poucas mulheres tinham a chance de estudar, pois, para alguns pais, estudo parecia artigo de luxo e outros diziam que suas filhas não deviam estudar muito porque logo podiam arranjar marido e filhos e deviam cuidar do lar, então era bobagem perder tempo com estudo. Graças a Deus que o meu pai pensava diferente e permitiu que eu estudasse. Me lembro que algumas colegas falavam o mesmo e agradeciam o entendimento dos pais delas. É minha filha, as coisas de lá para cá mudaram muito... (COSTA, 2003)

Todas as alunas entrevistadas manifestaram satisfação de poder freqüentar o Curso Normal, mesmo sendo em colégio religioso, em que a disciplina era rigorosa, pois era a oportunidade que tinham de conquistar uma profissão. Para a pequena cidade de Canoinhas, o Curso Normal era um avanço e uma grande conquista na área da educação, conforme os registros do livro de crônicas: “O ano de 1936 foi auspicioso para o colégio e para a população local com a criação do Curso Normal pelo decreto de 20 de junho do mesmo ano” (CRÔNICAS, 1936, p. 25).

Outra aluna, assim se manifesta:

Era bom poder estudar... Ir para o Curso Normal era a oportunidade que a gente tinha de sair de casa, encontrar colegas para trocar idéias, ouvir coisas diferentes. Eu gostava tanto que queria até ser freira-professora, pois achava bonito poder aprender e ensinar, estar sempre em contato com gente... (GOLANOWSKI, 2003)

Pelo depoimento acima, percebe-se que muitas mulheres aproveitaram e valorizaram o espaço que se abriu para elas na esfera pública. Na década de 1940, porém, ainda persistia a visão de que caberia ao homem dirigir os destinos da nação e que a mulher deveria manter-se no lar, com a intensificação da idéia de que o papel de educadora da infância era o ponto culminante da realização feminina. Essa concepção foi enaltecida pela Igreja Católica e pela sociedade como um todo, mas o Estado, ciente da importância da formação da futura educadora, procurou normatizar a existência do curso destinado à formação de

professores com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Normal, de 1946.²² Ocorreu, desde então, um fenômeno de expansão dos Cursos Normais, como parte de uma política de atendimento à população em idade escolar.

O ensino normal tinha como objetivo, preparar o professor para o ensino primário. Tratava-se de um curso destinado principalmente para as mulheres. Nesse sentido, Werebe comenta que:

De fato, além de ser, pela constituição de seu currículo, apropriado para a formação das futuras “esposas e mães”, confere um diploma profissional que, numa eventualidade pode ser útil, funcionando como “seguro de vida”. (WEREBE, 1994, p. 213)

Com este comentário, o autor deixa claro que o trabalho não estava em primeiro plano para a mulher, e sim a constituição da família, e que o currículo do Curso Normal contribuía para isso.

Conforme GONÇALVES e PIMENTA (1990, p. 101), “A Escola Normal que se ampliou a partir da década de 30, e que foi regulamentada em nível nacional pela Lei Orgânica, cumprirá basicamente a finalidade de preparar o professor para atuar no ensino primário de então: seletivo e elitista.” Esses autores declaram que a professora formada na Escola Normal da época acabava compactuando com a seletividade da escola de então e concluem que:

Baseada nos pressupostos da educação liberal-tradicional, a professora tinha em um “aluno ideal”, construído a partir do modelo da classe média alta, dotado dos pré-requisitos e da estrutura familiar que favoreciam a aprendizagem. Sua tarefa, enquanto professora, consistia em traduzir nos planos de aula os conteúdos a serem assimilados pelos alunos. Aqueles que não conseguissem aprender iam sendo “naturalmente” excluídos da escola. (GONSALVES; PIMENTA, 1990, p. 101)

As professoras acabavam compactuando com o ensino seletivo e elitista porque elas eram formadas em uma escola com o mesmo modelo. No caso do Curso Normal Sagrado Coração de Jesus, as alunas tinham que ter condições financeiras para pagar as mensalidades e as moças que podiam frequentá-lo, na sua maioria, eram filhas de comerciantes, ervateiros ou agricultores de boas condições financeiras.

²² A Lei Orgânica do Ensino Normal fez parte das reformas efetuadas pelo Ministro da Educação no segundo período do governo de Getúlio Vargas (Estado Novo), Gustavo Capanema, entre 1942 e 1946. Ao todo, foram oito decretos-lei, que tratavam da criação do Senai, do Ensino Industrial, do Ensino Secundário, do Ensino Comercial, do Ensino Primário, do Ensino Normal, do Senac e do Ensino Agrícola.

As mensalidades do Curso Normal, na época, eram consideradas caras. Algumas alunas tinham dificuldades para pagar (...) Quando havia muito atraso nos pagamentos, não se recebia autorização para fazer as provas mensais. O pior não era ficar sem fazer a prova, mas a humilhação que a gente sentia na frente das colegas. (UBA, 2003)

No período pesquisado, identificou-se apenas um rapaz estudando no Curso Normal, o qual formou-se na quarta turma. Sobre esse caso, Iolanda comenta:

No meu tempo de Normal havia um rapaz matriculado e ele conseguiu concluir o Curso, mas ele tinha aulas separado das moças e nós nunca nos encontrávamos com ele. Eu não entendia o porquê disso (...) Talvez as freiras tivessem medo que algumas moças quisessem namorar o rapaz e como elas eram contra namoro das alunas até nas proximidades da escola, imagine dentro... (TREVISANI, 2003)

A co-educação não é olhada com bons olhos pela encíclica *Divini Illius Magistri*, que apresenta argumentos cujo princípio básico é a inaptidão natural de um sexo para desempenhar atribuições de outro:

...não há na própria natureza, que os faz diverso no organismo, nas inclinações e nas aptidões, nenhum argumento donde se deduza que possa ou deva haver promiscuidade, e muito menos igualdade na formação de dois sexos. (PIO XI, 1929, p. 59)

Por aí, também se explica o fato de o moço estudar separado, pois as religiosas eram influenciadas pela orientação da *Divini Illius Magistri*; além disso, as moças faziam trabalhos manuais e tinham outras orientações de preparação para o lar e, se o moço estivesse presente, talvez as religiosas não soubessem como lidar com a situação. Dessa forma, o Curso Normal, nesse período, permaneceu exclusivamente feminino.

Esta situação é um exemplo de como era diferenciada a educação para os dois sexos, o que pode ser constatado no comentário abaixo:

A formação considerada adequada para as alunas e mestras foi durante bastante tempo distante da ministrada aos jovens, seguindo primeiro a mesma orientação comum ao ensino primário, que tinha um currículo mais simplificado para as escolas de meninas depois (...) o pensamento de que o mister do ensino era um prolongamento das atividades do lar para a mulher e assim, não tinha ela necessidade de um preparo mais especializado. Ao lado disso também, surgia a função de mestra para as mulheres uma forma conveniente de lhes dar destino, desde que não se encaminhassem para o casamento, primeiro fim que as mulheres deviam almejar na sociedade tradicional. (FUSARI; CORTESE, 1989, p. 73-74)

Entretanto, deve-se levar em consideração que, no Brasil, o Curso Normal, inicialmente, era destinado aos homens e que, durante décadas, o magistério primário havia sido desempenhado somente por homens.

A primeira Escola Normal de São Paulo, criada pela Lei nº 34 de 16 de março de 1846, era destinada apenas ao sexo masculino (...) No ano seguinte, pela Lei nº 5 de 16 de fevereiro de 1847, foi criada uma Escola Normal Feminina no Seminário das Educandas (...) Organizada nos mesmos moldes da escola masculina, funcionava como curso de dois anos e possuía um programa restrito composto por Gramática Portuguesa, Aritmética, Doutrina Cristã, Francês e Música. (ALMEIDA, 1998, p. 59)

O currículo restrito dessa primeira Escola Normal Feminina de São Paulo é um exemplo de como era tratada a educação feminina: com pouca formação intelectual. O curso primário para o qual ela se destinava era tido como elementar e simplificado. Dessa forma, os saberes que deviam ser transmitidos ao primário eram saberes simplistas, limitados e, na maioria das vezes, descontextualizados. Por essa razão, a educação nas escolas femininas de modo geral e nos cursos de magistério, de forma particular, era pobre e restrita. Em detrimento do raciocínio intelectual, eram enfatizados, no ensino feminino, as boas maneiras, a vigilância sexual e a formação moral.

O discurso que visualizava a mulher como uma educadora por natureza permeava, nessa época, não somente o senso comum, mas também o meio intelectual; o magistério, porém, era encarado como um sacerdócio, mais um ideal sagrado que uma profissão. Veja-se o que está registrado sobre isso no livro de crônicas do Colégio Sagrado Coração de Jesus:

...a missão sublime do magistério é de tanta e tão grande responsabilidade, que não bastam conhecimentos metodológicos, teoria de psicologia e pedagogia – exige bem mais um coração reto, abnegação do próprio eu, visto que é ideal sagrado. (CRÔNICAS..., 1945 p. 33)

Por ser vista dessa maneira, passou-se a exigir da atividade do magistério a doação e a entrega, construindo uma visão da profissional da educação dócil, dedicada, não questionadora, e isso, segundo Almeida, serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas ao salário, à carreira, a condições de trabalho e outras mais. A autora aponta ainda que:

A aceitação dos atributos de vocação e missão sagrada tinha sua justificativa e essa imagética revestia-se de concretude na vida dessas mulheres, pois a incorporação de atributos maternais à profissão servia, assim, ao poder oficial, à profissão em si e às próprias mulheres, que se viam duplamente beneficiadas, podendo ser mães e ser

professoras, com aceitação e autorização social e sob as bênçãos da religião católica. (ALMEIDA, 1998, p. 69)

Diante disso, a mulher passou a não questionar a ideologia da profissão, talvez por sentir-se agente e cúmplice do processo. Aqueles que defendiam o ingresso das mulheres no magistério alegavam que essa atividade era executada apenas em meio expediente, garantindo, assim, o cumprimento das obrigações femininas domésticas no outro período.

Eram cobradas eficiência e dedicação em ambas as atividades e a professora sentia isso. O depoimento da ex-aluna Norma torna evidente o quanto a mulher resistia para manter o seu espaço de conquista:

Eu acho que a mulher trabalhou muito para conseguir conquistar espaço na sociedade (...) Era bom trabalhar, ter o dinheirinho da gente, mas não foi fácil porque era preciso cuidar da escola, da casa, dos filhos, do marido e tudo mais (...) Mas a gente tinha que ir em frente, não dava para ir entregando os pontos; senão a gente perdia o espaço. (SELEME, 2003)

Frente a uma história de exclusão, a mulher parte para a luta e mesmo com sacrifícios busca reconhecer e ser reconhecida. Dividida e preocupada diante das exigências que a ela são feitas, a mulher reclama, conforma-se e resiste, conciliando o trabalho de casa com o trabalho fora de casa. Sabe que é difícil, mas não quer recuar para não perder espaço, então apela para o “jogo de cintura”:

A mulher casada que trabalhava fora enfrentava muitas dificuldades (...) A gente que não tinha empregada doméstica dava “um duro danado” para conciliar o serviço de casa com o da escola. Era preciso ter “jogo de cintura” para ir levando... (COSTA, 2003)

O ingresso das mulheres no mundo do trabalho, ao contrário das expectativas femininas, significou, antes de mais nada, a dupla jornada de trabalho – acumularam-se as tradicionais tarefas domésticas e as novas responsabilidades do emprego. Entretanto, nenhuma das professoras entrevistadas manifestou-se arrependida por trabalhar fora, pois era essa a oportunidade de sair daquele clima doméstico e enfrentar novos desafios. E, nesse sentido, o Curso Normal, na cidade de Canoinhas, sinalizou a possibilidade de novos rumos para a mulher, conforme a fala da depoente Thereza:

A gente sentia “orgulho” de estar estudando no Curso Normal e ficava feliz de saber que depois de formada poderia trabalhar numa profissão que era considerada “boa” para

mulheres e assim ganhar nosso dinheirinho e não ficar dependendo só dos pais ou do futuro marido. (UBA, 2003)

Na escassez de outras oportunidades, a ex-aluna Thereza passa a sensação de que o Curso Normal foi uma espécie de grito de liberdade, mesmo que parcial, pois era o início de uma certa autonomia para a mulher, que após a formatura se encaminhava para ganhar um salário supostamente seu.

Devido ao fato de o Curso Normal ser uma novidade para Canoinhas, as formaturas eram bem comentadas. Um exemplo disso é a forma como o jornal *Barriga Verde* se expressou sobre a primeira formatura:

É enorme o prazer que sentimos, ao noticiarmos hoje a colação de grau das primeiras professoras normalistas (...). Alunas do conceituadíssimo “Instituto Sagrado Coração de Jesus”, único estabelecimento de ensino secundário, superiormente orientado pelas devotadas e cultas irmãs franciscanas. Pelo muito que esse auspicioso fato representa para o progresso cultural de nosso município e do Estado, o acontecimento é digno de provocar o maior júbilo a todos que se interessam não só pelo nosso progresso material mas, acima de tudo, pela nossa evolução cultural, pela formação de uma elite intelectual que amanhã distinga Canoinhas pela inteligência e pela cultura, pois o progresso econômico, sem o evoluir do grau de cultura espiritual, seria incompleto e sem valia. (*Barriga Verde*, n. 151, p. 7, 1940)

O texto do jornal *Barriga Verde* revela grande consideração pelo Instituto Sagrado Coração de Jesus, como também atribui importância e distinção à turma das primeiras professoras normalistas. Percebe-se também uma certa expectativa ao afirmar que essas professoras viriam contribuir para elevar o grau de cultura em Canoinhas. Pelo visto, essa expectativa não foi frustrada, pois, das ex-alunas entrevistadas, todas dedicaram sua vida ao magistério, exceto uma que desligou-se depois de lecionar por 12 anos. Quanto às demais, algumas trabalharam como professoras, outras se tornaram diretoras e reivindicaram novas escolas ou ampliação das já existentes. A educação dos filhos de Canoinhas foi dinamizada com a presença das mulheres formadas pelo Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Hildegard relata a sua luta para melhorar as instalações da escola em que ela foi diretora na década de 1970:

Juntamente com a Associação de Pais e Professores (APP), batalhei para a construção da quadra de esportes, sala para a biblioteca, sala para laboratório, cantina, concerto dos muros, reforma de banheiros na Escola Almirante Barroso (...) A gente batalhava para melhorar a escola em todos os sentidos: parte física e também educacional (...) E ficava feliz de ver crianças e jovens usufruindo os benefícios de nossas realizações... (THIEM, 2003)

Durante a realização das entrevistas com Hildegard e demais professoras, pôde-se perceber a existência de um brilho diferente no olhar... Era como se elas se transportassem para um outro tempo para focalizar o objeto no qual colocaram afeto e parte de suas vidas. Era transparente a satisfação que sentiam por ter desempenhado uma profissão que tinha um valor social e que representou a possibilidade da concretização do sonho de ser útil e competente. Isto é ilustrado por outro relato da depoente:

Desde criança, eu queria ser professora e também diretora (...) Graças a Deus, eu consegui realizar os meus sonhos. Foi uma luta árdua, mas também com muitas alegrias (...) Quando me lembro o número sem conta de alunos que a gente educou, da organização e ampliação das escolas que a gente esteve presente, vejo que valeu a pena... (THIEM, 2003)

Para as mulheres, a possibilidade de estar interagindo com o mundo exterior e até prestando um relevante serviço social era a oportunidade que se abria num espaço conquistado a duras penas por elas e pelas demais que as antecederam. Sendo assim, a maioria delas procurou defender a excelência no que faziam. Para ilustrar isso, cita-se novamente a professora Avani Dittrich, falecida no dia 23 de janeiro de 2004. Para homenageá-la, o jornal *Correio do Norte* assim se manifestou:

A Guerreira Silenciosa

Nos deixou no dia 23 de janeiro, a professora Avani Dittrich Jurgensen, para se juntar a outros sábios em horizontes para além de nossa compreensão humana. Batalhadora Avani foi professora e diretora da Escola Básica Manoel da Silva Quadros, durante muitos anos. Lecionou no Colégio Santa Cruz e também UNC, local que coordenou a implementação e organização de novos cursos. Em sua trajetória de educadora sempre manteve irrepreensível conduta de ética profissional e muita sabedoria nos encaminhamentos do cotidiano. Justiça, integridade moral e ética para ela não foram bandeiras de luta, mas sim a forma com que tratava os problemas que se apresentavam a cada dia. Trabalho e muito trabalho (...). Sem nunca perder o espírito altruísta no desempenho de sua função (...) Transformou a E.B. Manoel da Silva Quadros em um pequeno oásis de ordem, limpeza e serenidade, em que os alunos e professores sentiam a extensão de seu lar transformado em academia onde se ensinava a viver. Sentiremos a falta da amiga que com serenidade sempre ajudava os que estavam ao seu redor. (*Correio do Norte*, 2004, p. 2)

Avani fez história na educação de Canoinhas. Sua atuação não passou despercebida. O artigo do jornal acima representa Avani como modelo de educadora, formada dentro dos princípios da moral católica. Princípios estes que, segundo o jornal, ela vivenciou durante toda a sua trajetória profissional.

A professora Avani, ao ser entrevistada, declarou que desejava ser cientista e que, na impossibilidade de realizar tal sonho, aproveitou a única oportunidade que lhe foi concedida – fazer o Curso Normal e tornar-se professora. Pelo visto, ela aproveitou bem essa oportunidade e desempenhou um relevante papel na sociedade ao dedicar-se à educação no município de Canoinhas. Não se pode esquecer que ela é um dos frutos do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Foi aluna interna durante nove anos e formou-se no Curso Normal em 1943. A valorização da moral, da ordem e da limpeza eram valores propagados em seu tempo de escolarização e Avani herdou esses valores e os propagou em sua vida profissional. Ela também afirmou, em sua entrevista, que o Colégio Sagrado Coração de Jesus preparava as moças para a vida do lar e isso se refletiu no seu trabalho quando buscou transformar a Escola Manoel da Silva Quadros em extensão dos lares de professores e alunos, por meio de sua presença amiga, serena e protetora, como a de uma mãe.

Os relatos acima tiveram a intenção de revelar a ação educacional de algumas das depoentes, as quais contribuíram, anos atrás, para melhorar a educação na sociedade local. A seguir, verificar-se-á quais as leituras permitidas e o que pensavam as normalistas por meio de seus escritos.

3.2 A LEITURA E OS ESCRITOS DAS NORMALISTAS

*A formação religiosa e moral de nossas alunas era o mais importante.
O ensino era apenas um meio para chegarmos ao fim.*

WELTER, 2003

Na Europa Ocidental, a partir do século XVIII e mais intensamente no século XIX, a imprensa tornou-se a principal forma de expressão e de formação da opinião pública. Era uma época de ouro, pois a imprensa não tinha concorrentes na mídia. Inicialmente, ela reproduzia um mundo masculino, mas, apesar das dificuldades, as mulheres foram lentamente se apropriando desse mundo:

Os cafés, círculos e clubes, as salas de leitura, onde se lêem principalmente os jornais são reservados aos homens. Todavia, as mulheres insinuam-se no jornal pelos rodapés – a parte de baixo das páginas dos jornais – que lhes eram progressivamente reservados, sob a forma de crônicas de viagens ou mundanas e sobretudo de romances e folhetins, cada

vez mais femininos por suas intrigas, suas heroínas e até sua moral. Mesmo assim, esse prazer da leitura continua sendo um prazer escondido... (PERROT, 1998, p. 78-79)

No Brasil, o desenvolvimento da imprensa educacional e feminina, no século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX, contribuiu para divulgar idéias e costumes no país. Almeida observa que:

Com o maior acesso à escolarização e o crescimento do espaço urbano, mais mulheres passaram a fazer parte do público leitor e reproduzir as ideologias e as representações divulgadas. A imprensa serviu para dar expansão aos sufocados sentimentos femininos e, no meio literário, surgiu uma oportunidade de revelação daquilo que se passava no espaço privado. (ALMEIDA, 1998, p. 117)

No início do século XX, a educação feminina, de marcada influência católica, processava-se principalmente nos colégios e internatos religiosos reservados às filhas das camadas privilegiadas. A Igreja Católica conseguiu transpor obstáculos à educação e controlava as leituras das mulheres, prescrevendo bibliografias sob o argumento da necessidade de preservá-las moralmente e mantê-las ao abrigo dos desvios de conduta que certas leituras poderiam possibilitar. No Colégio Sagrado Coração de Jesus, as religiosas também se preveniam nesse sentido:

Os livros que existiam na biblioteca do Colégio Sagrado Coração de Jesus eram recomendados e censurados, pois algumas frases achavam-se apagadas com borracha. Quando líamos, mais ou menos imaginávamos o que estaria escrito (...) Havia coleção de Karl May, Júlio Verne e Madame Delly para as alunas internas. Para as juvenistas, candidatas à freiras, havia os livros religiosos sobre a vida dos santos. Para as meninas, na idade infantil, os livros de fadas e bruxas. Os livros proibidos eram os que tratavam de outros credos, contrários à religião católica e os que abordavam amores livres. (DITTRICH, 2003)

Pelo relato acima, fica evidente a preocupação das irmãs com a leitura das moças, exercendo um controle bastante severo nesse aspecto. Na literatura permitida, o modelo feminino divulgado era o de mulheres que deveriam ser bondosas, castas, puras, discretas, com capacidade de sacrifício e renúncia. Tudo aquilo que contrariava esses princípios era apagado com borracha, conforme o depoimento da ex-aluna Avani.

As leituras recomendadas eram aquelas que deveriam servir para edificação pessoal e que continham bons exemplos que serviriam de modelo para seguir no futuro (...) Houve colegas que acharam livros com páginas arrancadas (...) A gente supunha que lá estava escrito coisas não edificantes conforme era recomendado. (THIEM, 2003)

A Igreja tinha uma concepção de que as mulheres eram seres dotados de imaginação que, se não fosse submetida a alguma forma de controle, seria capaz de deixar-se levar por caminhos perigosos, que proporcionariam ocasiões para maus procedimentos, o que fazia com que as adolescentes do Colégio Sagrado Coração de Jesus fossem objeto de controle intenso. Além dos livros indicados ou selecionados para leitura, as alunas eram proibidas de levar para a escola outros tipos de livros e revistas. Algumas depoentes falaram que havia colegas que emprestavam outros tipos de livros e revistas que não eram recomendados e escondiam das freiras por baixo da blusa ou casaco. Segundo Iolanda TREVISANI (2003), “...tudo que é proibido desperta curiosidade, então elas se arriscavam de emprestar para ler o que era proibido, mas ‘Deus me livre’ que a irmã pegasse, era castigo na certa!”

A constância nas proibições era porque se acreditava que as mulheres eram frágeis e sugestionáveis e, para fortalecê-las, só as leituras edificantes dariam resultados. Os retiros espirituais também eram recomendados, pois se tornavam ocasião para conscientizar as jovens sobre os perigos do mundo. Leni COSTA (2003) recorda que, nos retiros das filhas de Maria, a recomendação sobre leituras e filmes era freqüente:

...a maior parte das normalistas daquele tempo eram Filhas de Maria e participavam dos retiros espirituais (...) Nos retiros, eles falavam muito de pecado e citavam livros, revistas e filmes que eram ocasião de pecado e que por isto a gente devia evitar. Cada uma de nós tinha o manual de Filha de Maria, que também aconselhava sobre isso...

Uma boa forma de controle sobre leituras e filmes era a artimanha do pecado. Assim, algumas moças, com medo de pecar, acabavam abafando a curiosidade e a imaginação e se adaptavam às condições impostas pelas religiosas; outras, como se viu acima, devido à curiosidade, acabavam se arriscando para ler o que era proibido.

As associações, como a das Filhas de Maria, contribuíam para o controle da curiosidade das moças. No manual dessa associação de 1953, assim estava escrito: “Devem, em particular, abster-se de leituras de jornais, de livros e romances que ofendam a honestidade ou a Santa Religião”. As mocinhas catequizadas por este manual ou se adaptavam ou viviam num suplício para tentar burlar essas recomendações.

A preocupação da Igreja com o cinema era grande. No documento pontifício de Pio XI sobre o Cinema (*Vigilanti Cura*), há a seguinte afirmação:

Um povo que, em seus momentos de repouso, se entrega a prazeres que ferem o pudor, a honra, a moral, divertimentos que constituem uma ocasião de pecado, especialmente para a mocidade, corre o perigo de perder a sua grandeza e seu poder. (1946, p. 8)

Para dar conta desse intento, a Igreja chegou a listar os filmes que os católicos podiam assistir sem perigo de se contaminarem com a perversidade ou com os maus costumes que abundavam nas telas do cinema. Para tal, o papa delegou tarefas aos bispos:

Naturalmente, por motivos ponderosos, os Bispos, nas suas respectivas Dioceses e por meio de sua comissão diocesana, poderão aplicar critérios mais severos à lista nacional feita com normas mais gerais, conforme as condições da sua região, mesmo vetando os filmes já admitidos na lista geral... (PIO XI, 1946, p. 14)

Pelo visto, a atuação da Igreja era bastante dinâmica para preservar seus fiéis seguidores dos perigos do mundo, entre eles o cinema. Mas resta questionar se, por trás do argumento da moral, ela não escondia o medo de alguns questionamentos que os filmes levantavam.

Impregnadas por essa educação rigorosa e cheia de proibições, as moças escreviam o que sentiam e revelavam, nos seus escritos, o mundo que lhes era permitido conhecer.

No jornal *Stela Maris*, órgão das normalistas, alguns textos revelam a influência das leituras e da educação da época:

...Sorrir é privilégio das almas puras. O sorriso é a alegria de ser bom, externada pelos corações virtuosos (...) Quantas e quantas são as almas valorosas que sabem sorrir mesmo na adversidade. Este é o sorriso dos que sofrem resignados com a vontade de Deus... (L. P. S., IIº Normal, 1946, p. 4)

Esse texto demonstra como foi bem trabalhada a educação da mulher virtuosa, aquela que se resigna, que cala, que sabe sorrir na adversidade. Para formar a boa esposa, boa mãe e a boa filha, eram esses os valores disseminados pelos colégios religiosos. Vejamos um outro texto:

Ao lado de um belo palacete estende-se o jardim de primaveras. As ruazinhas que perfazem os canteiros finalizam por um único ponto: o castelo. As flores distribuídas por suas qualidades combinam-se atraindo os olhares humanos, incutindo nos mesmos o encanto da beleza. A brisa que passa leva as rainhazinhas a essência do perfume, exalando ao universo aromas edificantes e profundos... (H. P. , Iº Normal)

O texto acima, como muitos outros do mesmo jornal, revela um certo romantismo e encantamento com as coisas, talvez influenciado pela literatura cor-de-rosa, ou seja, aquela literatura recomendada para senhoras e senhoritas cuja moral cristã era conveniente preservar.

Nos anos de 1940, um tipo de publicação que fez grande sucesso entre as jovens intitulava-se Biblioteca das Moças,²³ a qual foi editada pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, a partir de 1935. Em edições populares, esses livros eram vendidos tanto em livrarias como em bancas de jornais, recebiam a aprovação de leitura dada pela Igreja Católica e, por esse motivo, eram considerados romances de família ou literatura cor-de-rosa. Conforme a análise efetuada por CUNHA (2001, p. 209):

Eram do gênero romance açucarado e as estórias narradas privilegiavam o amor como sentimento todo poderoso, capaz de vencer barreiras sociais e fazer a heroína, em geral órfã ou “enjeitada” casar com o herói, aristocrata e rico: um eco da moral dos contos de fada. A punição dos anti-heróis, o reencontro dos abandonados com os abandonadores e o casamento feliz – tão caro à Igreja Católica – confirmavam o caráter de obras edificantes e moralizantes.

A leitura desses livros mexia com um sentimento valorizado pelas mulheres, que era o amor. O final das estórias sempre garantia à leitora curiosa o casamento e o “até que a morte os separe”; o enredo era preparado para os benefícios de um final feliz. Uma das entrevistadas assim se referiu sobre essas leituras:

Era tão bom ler, a gente se emocionava e vivia aquelas estórias (...). Os bons sofriam, mas no final sempre eram felizes e recompensados (...). O casamento era mágico e cheio de encantamento (...). A gente ficava suspirando... (UBA, 2003)

Caracterizada como literatura de entretenimento, incentivada pela família e pela escola, é evidente que esse tipo de leitura mexia com a sensibilidade das mulheres e contribuía para formar visões de mundo, propagar valores e normas e, assim, alimentar o imaginário da leitora. Entretanto CUNHA (2001, p. 211) salienta que:

23 Os mais famosos livros/romances da coleção Biblioteca das Moças eram de autoria de M. Dehli. Pensava-se que M. Dehli fosse uma mulher; no entanto, tratava-se de um pseudônimo de um casal de irmãos franceses e católicos fervorosos. Eram eles que detinham o maior número de títulos da Biblioteca das Moças e também o maior número de edições.

A apropriação das leitoras é uma prática criadora, uma atividade produtora de sentidos singulares e há sempre uma irreduzível liberdade dos leitores que conferem aos textos lidos múltiplos sentidos, podendo-se observar tanto uma interiorização dos modelos propostos como uma resistência e negação aos valores ali veiculados.

A observação de Cunha é ilustrada por Roger Chartier quando afirma que:

...não se consideravam totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que se pretendem moldar o pensamentos e as condutas (...). A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural (CUNHA, 2001, p. 211).

Essa abordagem remete ao momento das entrevistas em que as depoentes contavam sobre seus interesses, expectativas e conclusões sobre as leituras. Foi possível identificar situações bem singulares.

Ao ler os romances de M. Delly, Norma tinha “os pés no chão”: “Aqueles romances me pareciam tão fúteis. Eu comparava com a realidade e não me convencia com aquelas estórias” (SELEME, 2003).

Hildegard, ao ler os mesmos romances, concluía que: “Os romances eram sérios, não havia aquelas libertinagens que hoje se lê por aí. A gente podia aprender boas lições com aquelas estórias.” (THIEM, 2003).

Iolanda, ao ler Madame Dehli e outros romances da época, ficava com alguns pontos de interrogação:

Eu ficava me questionando porque nos romances tudo acabava bem? Era muita fantasia (...) Isso me intrigava muito (...) Mas a gente sempre acabava lendo, pois, era o que ofereciam e permitiam que se lesse. (TREVISANI, 2003)

Os três depoimentos evidenciam que as mensagens dos romances eram assimiladas conforme a individualidade e forma de pensar de cada leitora e que moldar pensamentos e condutas nem sempre era fácil, mesmo censurando ou impondo bibliografias.

Ao finalizar este item sobre leituras e escritos das normalistas, conclui-se que as religiosas do colégio Sagrado Coração de Jesus usavam estratégias evidentes para frear a imaginação de suas alunas por meio do controle de leituras e filmes. Agindo dessa forma, elas pensavam estar contribuindo para formar moças dentro dos padrões da moral cristã. Neste sentido, verificar-se-á, em seguida, como eram as aulas de religião no Curso Normal.

3.3 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

A forte presença da religiosidade no Colégio Sagrado Coração de Jesus era demonstrada pela decoração do ambiente com estátuas de anjos, santos, cartazes com pequenas orações, jaculatórias e lembretes sobre Deus. A ex-aluna Hildegard, que era protestante, explica que:

As normalistas eram seguidamente convidadas para rezar e meditar na capela, que era muito bonita e bem cuidada pelas religiosas. Eu, que era protestante, era dispensada e ficava estudando em sala de aula ou era encaminhada para aulas de piano. (THIEM, 2003)

Por essas considerações, percebe-se que as religiosas abriam espaço e toleravam alunas de outros credos, como no caso de Hildegard, o que suscita uma curiosidade: seria isso tolerância religiosa ou uma forma de manter a aluna no Curso Normal, já que, nessa época, o curso ainda não tinha muitas alunas e Hildegard tinha condições de pagar? Essa dúvida surge ao se levar em consideração que, no internato, só eram aceitas meninas e moças católicas e que também, nesse período, não se falava em ecumenismo religioso, além do fato de a *Divini Illius Magistri* exortar seus fiéis a optarem por uma educação apropriada aos princípios cristãos, isto é, oferecida por religiosos, chegando a condenar qualquer outro tipo de ensino ou crenças: "...é proibida aos jovens católicos a freqüência de escolas católicas, neutras ou mistas, isto é, daquelas que são abertas indiferentemente para católicos e não católicos" (PIO XI, 1929, p. 63).

Além dessas exigências, as congregações religiosas femininas estavam determinadas a passar a visão da Igreja Romana de religião, conforme afirma WERNET (1991, p. 49):

...as congregações femininas eram verdadeiros canais de transmissão e de divulgação das práticas devocionais e da visão ultramontana do mundo junto ao sexo feminino. Isto deu-se através da promoção da freqüente confissão e comunhão, da orientação moral no confessionário, especialmente da orientação em matéria de vida sexual, vista como pecaminosa fora da intenção de procriação. A cosmovisão ultramontana referente à figura da mulher foi também transmitida nos textos e cânticos constantes nas novas devoções, como na do mês de Maria (maio), mês do Sagrado Coração de Jesus (junho), sobretudo para o Apostolado da Oração, e do Mês do Rosário (outubro).

Ao realizar a leitura das crônicas da congregação, percebe-se, desde a chegada das irmãs (1920) até o período estudado nesta pesquisa, a valorização de movimentos que visassem o fortalecimento do culto devocional. As irmãs

articulavam grupos de adoração, cerimônias de exaltação dos santos e, em muitos momentos, arrecadavam fundos em prol das missões.

Surgiu o mês de outubro e com ele o dia de nosso Pai São Francisco de Assis – 4 de outubro – celebramos a festa com cantos litúrgicos com 2 ou 3 vozes e durante a Missa houve a exposição do Santíssimo Sacramento. Estes momentos eucarísticos dão a nossa vida terrestre, algo de doçura celestial, de força e de coragem no combate contra “potestas tenebrarum”. Quase a galope devia ser preparado o Dia das Missões (...) Mãos à obra. Foi levado ao palco um teatro que rendeu Cr\$ 3.561,00 em benefício das missões e bolsa para vocações sacerdotais. (CRÔNICAS..., 1946, p. 83)

As religiosas viviam intensos momentos de vida espiritual e isto, segundo elas, fortalecia para a luta e o combate daquilo que era considerado perigoso para a vida cristã. Batalhavam para difundir o cristianismo, arrecadando fundos para as missões, envolvendo todos os segmentos de alunos, inclusive as normalistas, as quais nem sempre colaboravam, segundo o relato abaixo:

...as menos generosas para as missões foram as normalistas. Por quê? Ora, o culto exagerado do “eu”. A formatura, o anel, o enxoval e outras fulitilidades que as “coitadas” se preocupam e daí deixam de colaborar com o essencial... (CRÔNICAS..., 1945, p. 60)

Pelo visto, o que era essencial para as religiosas não sintonizava com o pensamento das normalistas, as quais já pagavam as mensalidades e provavelmente não sentiam obrigação de colaborar com outras solicitações do colégio.

Havia uma grande preocupação das freiras com as vocações sacerdotais e religiosas. A seguinte passagem do livro de crônicas revela isto:

A última semana de maio foi destinada para conferências, orações e coletas para as vocações franciscanas (...) A nossa Paróquia de Canoinhas é realmente tardia em vocações religiosas. Qual será a causa? A raiz do mal está, sem dúvida, na família, em que os pais não educam seus filhos para um ideal, as orações em comum são quase uma nulidade. As diversões são em geral preferidas à bênção do S:S. Sacramento nas tardes dominicais. Sinto exprimir uma verdade tão triste, é uma chaga para Canoinhas e uma dor profunda para sacerdotes e Irmãs que tantos anos trabalham pelas almas do rebanho de Cristo – Rei nesta cidade. Não desanimemos, brotará a sementeira, mesmo que lentamente. (1943, p. 32)

As religiosas encontraram dificuldades na comunidade de Canoinhas para despertar vocações religiosas para a Igreja Católica. Não se pode esquecer que Canoinhas, na década de 1910, tinha pouca assistência religiosa, predominando o catolicismo popular, em que as crendices e apego aos monges fazia parte da

população, o que dificultou, para o povo, acostumar-se com as novas práticas do catolicismo romanizado e provavelmente influenciou na escassez de vocações.

É interessante que as religiosas se preocupavam e ficavam atentas por algum sinal de vocação nas normalistas, isto foi constatado no livro de crônicas:

Na solenidade de formatura da turma Stella Maris, paraninfada pelo Revmo. Padre Bartholomeu Meurer (...) As vestes brancas e as fitas marianas deram a turma um quê de nobreza virginal, hoje tão raro no mundo corrupto. Será que uma delas tem vocação religiosa para a nossa Congregação? Com a graça de Deus deve unir-se o espírito de sacrifício e fidelidade ao chamado. (CRÔNICAS..., 1943, p. 39-40)

Com essa preocupação, as irmãs procuravam estimular sentimentos de religiosidade e padrões de comportamento que sintonizassem com as expectativas de formar moças cristãs e até despertar, em algumas delas, vocações religiosas. Daí a necessidade de vigiar as alunas em todos os momentos. Para tanto, até o espaço institucional deveria concorrer. O silêncio e as diversas imagens distribuídas pelos corredores, salas de aula, na capela e no pátio lembravam a todo momento a presença divina. Acima do quadro-negro, o crucifixo, símbolo máximo do catolicismo, poderia remeter a idéia de proteção, mas, sem dúvida, era também uma forma de controlar.

Um espaço privilegiado para trabalhar a formação das jovens, dentro da instituição eram as aulas de religião, as quais eram parte integrante do currículo do Curso Normal. Conforme Leni COSTA (2003), "...as aulas de religião eram ministradas por um padre ou uma freira e de acordo com o catecismo para adultos da Igreja Católica."

As orientações do bispo D. Daniel Hostin, da Diocese de Lages, da qual a Paróquia de Canoinhas fazia parte, sobre o catecismo de adultos eram as seguintes:

Na instrução aos adultos deve-se seguir o "Catechismum Romanum ad parochos" de modo a percorrê-lo inteiro dentro de um quinquênio, pregando no 1º ano sobre o Símbolo dos Apóstolos, no 2º sobre o Decálogo, os preceitos da Igreja e os Conselhos Evangélicos, no 3º sobre a graça e a oração, no 4º sobre Sacramentos e Sacramentais e no 5º sobre as virtudes e os pecados. Na pregação feita aos adultos, deve-se também insistir sobre a Igreja, o romano Pontífice, seu primado e magistério infalível. (D. Daniel Hostin, 1945)

No catecismo acima, está explícita a educação religiosa romanizada que era incutida nas jovens normalistas. Por meio do conteúdo desse catecismo, a

Igreja ia catequizando e afastando as moças do catolicismo popular, que ainda era muito forte na região.

A nota ou média escolar de Ensino Religioso englobava o conteúdo e também a participação em rituais como a missa, a confissão e os retiros espirituais. Aos domingos, todas as alunas deviam comparecer à missa na igreja matriz com o uniforme de gala do colégio. O uniforme era uma forma de evidenciar a presença das alunas na missa, ritual máximo do catolicismo.

A religião era a disciplina mais expressiva e que permeava todo o currículo das normalistas, mas o interesse e a maneira de ver a disciplina aconteciam de forma diversa, conforme relato das entrevistadas:

A religião era ensinada com aquele cheiro de bolor da Idade Média e com mais alguns dogmas registrados no decorrer dos séculos. Mas, naquela época era assim, a religião permaneceu estacionária, enquanto o resto do mundo evoluía. Nossas cabeças ficavam saturadas de proibições, que faziam a vida ser impossível de ser vivida, de castigos divinos por faltas, de medos infundados (...). Por anos e anos nossos ouvidos foram torturados com as ameaças de punições e nos sentíamos as maiores pecadoras da paróquia. Isto nos alterava a parte física. Dormíamos e comíamos mal e os nervos se abalavam. Mas acredito que só acontecia para quem levava tudo muito à sério... (DITTRICH, 2003)

O pecado era muito enfatizado nessa época pela Igreja e, nas aulas de religião, sua presença era constante. Isso gerou, em algumas pessoas, medos e até ojeriza pela religião católica. Há registros de pessoas que chegaram a afirmar que tinham medo de Deus e que a imagem que faziam dele era de um ser ameaçador e controlador. Este modo de ensinar a religião levou muitas pessoas a se afastarem da Igreja.

Para algumas alunas, as aulas de religião eram entediantes e opressivas, pois davam muita ênfase ao pecado e a castigos divinos, mas, para outras, nem tanto, pois, conforme Thereza:

O padre João Birkmann, vindo da Alemanha, era nosso professor de Religião (...) Eu gostava da matéria pois ela era ensinada "ricamente" através de exemplos, leituras de livros indicados, visitas à capela, missas, hinos sacros... (UBA, 2003).

Outras ainda usavam o bom humor e até duvidavam ou faziam chacota do que era ensinado:

Irmã Carolina, professora de Religião, em uma das aulas, estava explicando como se comportar ao entrar na igreja (...) Ela disse que, ao entrar na igreja, não era permitido olhar para trás, pois Jesus nunca olhava para trás. Ouvindo isso, uma das alunas

comentou em voz alta: – Pudera! Jesus era Deus e ele não precisava olhar para trás para saber das coisas... (TREVISANI, 2003)

Iolanda Trevisani relata ainda que as aulas de religião tinham um peso muito importante e que, nos estágios realizados na última série do Curso Normal, era obrigatório ministrar aulas de religião para as crianças:

Num desses estágios, uma aluna explicava para as crianças o que era pecado e ela fez a seguinte comparação: uma árvore pequena e carnívora se alimentava de bichinhos e, à medida que foi crescendo, passou a se alimentar de sapos, ratos, cavalos e vacas (...) Assim é o pecado, diz ela, começa com pequenas faltas, depois vai crescendo, crescendo (...) e, conforme as faltas cometidas, se não forem corrigidas a tempo, aumentam e ficam perigosas (...). Ao finalizar a aula, a estagiária perguntou aos alunos: vocês entenderam o que é o pecado? O que é mesmo o pecado? As crianças responderam: – Pecado é inseto, sapo, vaca (...). As crianças não entenderam o simbolismo empregado pela estagiária e guardaram apenas os detalhes e ela foi reprovada pela freira que era avaliadora da aula do estágio. (TREVISANI, 2003)

Como vimos, apesar da seriedade das aulas de religião, elas eram assimiladas de forma diversa pelas alunas: havia aquelas que se apavoravam com as ameaças do pecado e dos castigos, enquanto outras achavam tempo para piadinhas e comentários “espirituosos” sobre elas. É interessante observar a importância que se atribuía ao estágio de aula de religião, ao ponto de reprovar as alunas que não se saíssem bem.

No jornalzinho *Stela Maris*, aparece um artigo sobre religião e ciência em que a autora, aluna do IIº Normal, revela algumas idéias radicais em favor da religião.

Desde eras longínquas, a Religião é o foco em torno do qual convergem os passos da história mundial (...). Levantam-se os livres pensadores querendo criar uma sociedade moderna, inculcando idéias de matéria, átomos, evolução, etc., e dar assim origem a uma mentalidade nova, sem Deus, sem religião (...) Mas o alicerce das crenças religiosas continuam firmes e inabaláveis e vemos ao pedestal cada vez mais fecundo da religião (...). A fé impera na origem de todas as ciências e de todas as civilizações (sic). As águias da alta ciência, nas asas da fé, proporcionam mananciais de benefícios à humanidade inteira. Abaixo a falsa ciência! Honra e glória à religião que unida a filosofia da fé, seguirá avante pela senda do bem com a insígnia gloriosa: “Cristus vincit! Cristus regnat! Cristus imperat!” (S. S. IIº Normal, 1946)

O texto da aluna acima revela que ela foi bem catequizada, ao ponto de tornar fanática pela religião. A confusão entre religião e ciência deve-se ao fato de as alunas não terem oportunidade de acesso a diversas fontes de leitura, o que direcionava para um determinado ponto de vista e justamente para aquele em que o investimento da escola era maior, nesse caso o da religião.

Apesar de o ensino religioso ser um foco marcante no Colégio Sagrado Coração de Jesus, pelos relatos, foi possível perceber que a apropriação desses ensinamentos ocorria de forma diferente, havia alunas que se deixavam catequizar e ficavam até fanáticas, enquanto outras questionavam os ensinamentos e algumas levavam na brincadeira, fazendo piadinhas. Tal análise remete a Chartier, quando afirma que: “A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são objeto fundamental da história cultural” (CHARTIER, 1990, p. 137).

Além da leitura e dos escritos, da religiosidade, outra manifestação na cultura escolar do Colégio Sagrado Coração de Jesus eram os uniformes, os quais identificavam as normalistas em qualquer ocasião ou local em que se fizessem presentes.

3.4 UNIFORMES E A MORALIZAÇÃO DOS COSTUMES

*É impossível usar roupas sem transmitir sinais sociais.
Cada traje conta uma história, freqüentemente sutil, sobre
a pessoa que o usa...*
MORRIS, 1997, p. 213

Para a maioria das pessoas, os sinais de vestuário são o resultado de um acontecimento cotidiano simples, como o ato de vestir-se, executado todas as manhãs. No topo e na base da escala social, essa atividade pode perder a freqüência, com os ricos trocando-se diversas vezes por dia, por uma questão de comportamento, e os paupérrimos dormindo com as mesmas roupas que usam durante o dia. Entre esses dois extremos, a rotina de uma vez por dia, geralmente, só é quebrada para se vestir um traje especializado. O homem que se suja no trabalho usa roupas de trabalho, o desportista usa roupas de alta atividade.

As funções da roupa, tal como concebe MORRIS (1997, p. 213), são três: “conforto, recato e ostentação.” O conforto é a função utilitária da roupa. Entretanto, se o vestir-se fosse simplesmente uma questão de conforto e proteção, haveria muitas ocasiões em que todos nós poderíamos abandonar a função básica do vestuário, a do recato.

Em cada época, as regras sociais de recato foram variando, mas o princípio básico permaneceu o mesmo. Quanto mais anti-sexuais as exigências da sociedade, mais abrangentes eram as roupas. Exemplos extremos eram as mulheres pesadamente veladas de certos países árabes, onde o corpo inteiro era coberto, incluindo toda a cabeça e o rosto. Mas sua forma também era ocultada pela natureza volumosa da indumentária. Expiando pela minúscula fenda do véu denso e sem poder aparecer em público num traje mais revelador, apenas o marido sabia a verdade sobre o corpo dessa mulher.

A partir desses extremos de pudor, é possível determinar toda uma certa gradação de exposição, com certas partes do corpo gradualmente saindo da “categoria de ocultamento”. Nos anos de 1930, era necessário esconder os umbigos despidos nos filmes de Hollywood e mamilos descobertos não apareciam nos jornais até a década de 1960. Daí em diante, o pêlo púbico cresceu na tela cinematográfica, mas se alguém o expõe num local público sujeita-se a processos.

O vestuário e sua adequada utilização já havia sido tema de produção oficial da Igreja; o papa Pio XII, convicto da importância do vestuário na formação da jovem mulher, fez inúmeras observações sobre a utilização adequada da vestimenta por meio da alocução sobre a moda.²⁴

...a pudícia, cujo sinônimo “modéstia” (de “modus”, isto é, medida, limite) exprime talvez melhor a função de governar e de dominar as paixões, especialmente as sensuais. É baluarte natural da castidade, o seu forte antemural, pois modera os atos proximamente conexos com o objeto próprio da castidade (...) É pois justo que a pudícia como depositária de bens tão preciosos reivindique para si uma autoridade preponderantemente sobre qualquer outra tendência ou capricho e presida a determinação dos modos de vestir. (PIO XII, 1958, p. 6)

Em um dos livros indicados pela Igreja – *Lar Ideal* – na década de 1930, aparecem sugestões de vestuário dando ênfase à simplicidade, ao recato e ao valor moral:

Julgamos o caráter de uma pessoa pelo gênero de vestidos que usa. Um gosto apurado, um espírito culto, revelar-se-ão na escolha de uma “toilette” singela e decente (...). A que é simples e despreziosa no trajar e nas maneiras, mostra compreender que a verdadeira mulher se caracteriza pelo valor moral. (WHITE, 1931, p. 136)

24 A alocução sobre a moda foi proferida em 8 de novembro de 1957, no 1º Congresso Internacional de Alta Moda, promovido pela União Latina de Alta Moda.

Na citação acima, está muito presente a preocupação da Igreja com a questão moral na vida das mulheres. Segundo essa concepção, as mulheres foram criadas para o lar, para a maternidade e daí o apelo ao bom senso, à modéstia e à despretensão no trajar, características que combinam com a missão de mãe e de esposa católica.

Ainda na alocução *Sobre a Moda*, Pio XII observava que "...a veste tem uma linguagem própria multiforme e eficaz, por vezes espontânea, e portanto fiel intérprete de sentimento e de costume" (p. 7). Em um outro documento, ele procurava insuflar a juventude feminina contra o que chamava de vestido e atitudes imodestas:

O vosso zelo não contente em reprovar, mas edifique, mostrando praticamente ao mundo feminino como uma jovem pode harmonizar muito bem vestidos e atitudes às leis superiores da virtude com as normas da higiene e da elegância. (Discurso La Letizia, 1943, p. 13)

As observações acima remetem à idéia de que a Igreja buscou nas considerações sobre a moda mais uma forma de controlar comportamentos, de orientar a condução da sociedade. Como o próprio Pio XII já reconhecia. O vestuário tem uma linguagem própria; assim, a utilização do uniforme na escola católica seria uma forma de, a partir do controle do vestuário, remeter aos valores morais estabelecidos pela Igreja.

Mesmo nas escolas não religiosas, a utilização do uniforme representa, além de um caráter prático, uma forma de padronizar comportamentos e até mesmo modelos de condutas. Dussel, citando JOSEPH (1986, p. 119), afirma que:

Desde que as escolas se espalharam para as massas, outras sociedades de jovens, adotaram os uniformes com seus símbolos, como uma associação quase militar (...). De acordo com as histórias das vestimentas, seu objetivo principal era socializar as crianças e adolescentes, para instigar obediência e estabelecer autoridade. O uniforme é superior à roupa comum, por causa de sua grande precisão e facilidade na observância de normas... (DUSSEL, 2000, p. 32)

O uniforme, via de regra, deve simbolizar a escola por intermédio daquele que o utiliza, daí a preocupação das instituições de ensino em controlar a utilização desse símbolo.

Algumas regras de disciplina escolar instituídas no início do século na Argentina prescrevem que os adolescentes usassem uniformes para que todos pudessem "checar" se o menino estava se comportando apropriadamente, se ele estava entrando em um bar

(algo que não deveria fazer), ou até mesmo se ele estava na rua quando era esperado que ele estivesse em aula. (DUSSEL, 2000, p. 34)

No Colégio Sagrado Coração de Jesus, encontrou-se registro sobre uniformes apenas a partir de 1934 e o relato abaixo evidencia a facilidade de controle das ações das alunas pelo uso do uniforme escolar.

A madre Albertina ou outra freira ficava espreitando a chegada das normalistas para as aulas. Quando alguma delas vinha acompanhada pelo namorado (que era proibido), era logo identificada pelo uniforme, então a irmã mandava alguém verificar quem era para depois ter uma “conversinha” com ela. (COSTA, 2003)

O uniforme utilizado pelas normalistas do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus nas décadas de 1940 e 1950 era composto de saia pregueada azul marinho, de comprimento bem abaixo do joelho, blusa branca, com gola e punhos pespontados de azul, gravata borboleta azul, meias e sapatos pretos. Para algumas solenidades, usavam o uniforme de gala, que era composto de saia pregueada e blusa na cor pérola. Cinto vermelho, gola e gravata vermelha. Na cabeça, era colocado um casquete da cor pérola.

FIGURA 11 - UNIFORME DO CURSO NORMAL (1943)



Fonte: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

FIGURA 12 – UNIFORME DE GALA (1951)



Fonte: Álbum de Renate Riede

Na figura 11, a turma de 1943 aparece uniformizada juntamente com o paraninfo, D. Daniel Hostin. Essa é a única turma que formou um aluno do sexo masculino, o qual, conforme já foi relatado, tinha aulas separado das moças. Faziam parte dessa turma: Ney Pacheco (sentado ao lado do bispo), Avani Dittrich (de pé, à esquerda), Fanny Sabbagh, Ilka Ferreira, Leonor Seleme, Maria de Lourdes Wendt, Marta Sfeir e Wanda Faggion (sentada ao lado do bispo). Nesta foto, todos aparecem com um ar solene e compenetrado, conforme pedia a ocasião ou talvez em respeito à figura do bispo.

Na figura 12, a turma de 1954 aparece com seu uniforme de gala, com exceção de duas alunas que não conseguiram colocar o seu uniforme em ordem para a ocasião e fotografaram com o uniforme diário, conforme depoimento da dona da foto, Renate Riede. Essa turma revela um semblante alegre ao tirar esta foto. Observe-se o comprimento das saias, bem abaixo dos joelhos para não revelar o corpo.

O depoimento da ex-aluna Iolanda evidencia um certo descontentamento com o uniforme e revela a intenção de desvios no seu uso:

Acho que nem precisa dizer que as saias eram bem abaixo dos joelhos. Então, muitas enrolavam a saia na cintura para encurtar um pouco mais (...) Mas não dava certo e tinha momentos que elas se apuravam porque quando as freiras percebiam, elas passavam medindo, uniforme por uniforme. Era estipulado um palmo e meio abaixo do joelho, caso contrário, a aluna era advertida na 1.^a vez, na seguinte havia sanções mais sérias que eu não me lembro (...) Tinha também, Deus que me perdoe, um inominável calção de educação física, preto, tipo saia, que ia até os pés, com elástico na ponta, para quando o puxasse para cima dos joelhos, ficasse como uma verdadeira saia balão e quando se abria as pernas para os exercícios, era um calção. Deu para entender? (TREVISANI, 2003)

O “inominável” calção de educação física do relato de Iolanda remete ao disciplinamento sexual, o qual acontece por meio das noções do que é apropriado ver e do que deverá ser coberto. O corpo das mulheres parece geralmente mais suscetível à regulação do que o corpo do homem. O comprimento das saias ou a maneira de usar blusas, camisas e calções para a educação física foram pontos de conflito entre autoridades e meninas e jovens em diferentes campos.

Os depoimentos das ex-alunas normalistas deixam transparecer a preocupação das religiosas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em relação ao uniforme, coerente com as orientações da Igreja Católica. A idéia de que um vestuário inadequado pudesse levar ao pecado ou à intenção dele estava presente no imaginário da Igreja. Em 1957, o papa Pio XII assim se pronunciou:

A Igreja sabe e ensina que o corpo humano (...) foi elevado pelo Divino Redentor a templo e instrumento do Espírito Santo, e como tal deve ser respeitado (...) é inegável que, ao lado de uma moda honesta há outra impudica, causa de perturbação nos espíritos tranqüilos, quando não, incentivo ao mal (...). Mas, por muito vasta e instável que possa ser a relatividade moral da moda, há sempre um absoluto a saber, depois de ter escutado a monitoria da consciência, ao advertir o perigo: a moda não deve nunca fornecer uma ocasião próxima ao pecado. (PIO XII, 1958, p. 12-13)

Está muito clara a intenção da Igreja em preservar o corpo pelo do uso de uma moda recatada, para não se tornar ocasião de pecado e assim garantir a inocência das meninas e moças.

As concepções da alocução de 1957 não diferem das concepções veiculadas pelo jornal *Lar Católico*.²⁵ Gisele CHORNOBAI (2002, p. 96) cita um artigo desse jornal sobre como eram vistas as práticas de atividades físicas e o pudor, sobre o que o vigário Brandão assim se manifestava:

O pretexto de cultura física e dos esportes, eis aí as mocinhas e meninas expostas ao público em trajes de banho e quase como Eva antes da queda. A Igreja não condena, ao invés, incentiva a Educação Física, preconiza mesmo a ginástica, mas condena com toda severidade a exibição nudista e despudorada de moças, expostas aos olhares do povo em praças públicas numa ostentação inconveniente e indigna para uma jovem cristã. A ginástica não pode e não deve ofender o pudor.

²⁵ O jornal *Lar Católico* é um semanário ilustrado, editado em Juiz de Fora, Minas Gerais, pelos Missionários do Verbo Divino, congregação masculina que teve como fundador pe. Arnaldo Jansen, fundador também das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo. Esse jornal é fonte utilizada por Chornobai e contribuiu para o entendimento dos padrões de comportamento estabelecidos pela Igreja Católica na década de 1940.

A severidade em relação ao uniforme, mencionada por praticamente todas as depoentes, pode ser tomada como um exemplo da vigilância sem tréguas que as irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus exerciam, com a intenção da preservação de uma imagem de ordem e uniformidade no colégio, a qual passava pelo controle e observância de detalhes das vestimentas, que exprimiam os valores a serem preservados, como “a decência”, “o asseio” e a “limpeza”. Esses aspectos estão presentes em quase todas as falas das depoentes. No tocante à decência, Leni lembra:

...naquele dia tinha uma apresentação no colégio e eu fazia parte, tinha que declamar uma poesia. A irmã Amanda e Felicitas examinaram o meu uniforme e a blusa branca estava um pouco transparente porque o pano era fino, então pediram para eu buscar um corpete branco em casa para colocar por baixo, caso contrário eu não poderia me apresentar. (COSTA, 2003)

As blusas de uniforme deviam ser alvejadas, para estarem sempre “branquinhas”, e as saias com pregas, muito bem passadas.

Me lembro que, nas aulas de higiene, a irmã sempre enfatizava que seria uma futura boa de casa aquela que mantinha o uniforme impecável, blusa alva e saia com pregas bem passadas (...) Tinha umas colegas que engomavam as blusas e aquilo dava um trabalho para passar... (TREVISANI, 2003)

A adoção da limpeza como um dos itens na avaliação do uniforme tem relação com a incorporação, pela Igreja, dos princípios higienistas a partir do século XIX.

Além da vigilância sobre os uniformes, as irmãs responsáveis pelo Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus procuravam também controlar outras manifestações da moda. O controle sobre os penteados, a maquiagem e o cuidado com as unhas faziam parte também da normatização e, segundo as irmãs, da moralização dos costumes.

Naquele tempo, era proibido pintar as unhas, os lábios, ir na igreja de mangas curtas, comungar sem usar o véu (...) Havia umas colegas que desobedeciam e pintavam as unhas e depois ficavam em apuros para tirar o esmalte quando havia revista para verificar o asseio das unhas (...) Quem era pego com unhas pintadas levava advertência e baixava a nota no comportamento no boletim. (COSTA, 2003)

É importante salientar que a preocupação com vestuário e com adornos que pudessem colocar em evidência a figura da mulher reveste-se da preocupação com trato da sexualidade. O corpo feminino, ainda que colocado

como símbolo da perfeição divina nas publicações religiosas, pela função da maternidade, não podia ser visualizado, tampouco era permitido qualquer comportamento que demonstrasse o desejo de contato entre os sexos. Está aí o motivo da rigurosidade com o vestuário, como, no caso, o uniforme escolar. Ele foi pensado tendo em vista a impossibilidade, dentro da visão das religiosas, de se mostrar partes do corpo consideradas proibidas.

3.5 PRÁTICAS ESCOLARES E CURRÍCULO

Com a concepção de formar moças para serem boas mães, esposas e futuras professoras, as irmãs procuravam estimular sentimentos de religiosidade e padrões de comportamento. Para incutir nas alunas esses padrões, era planejada uma organização espacial adequada. Assim, os ambientes de recreio, os espaços livres, os corredores e os momentos de lazer eram controlados e, para exercer esse controle, sempre havia uma religiosa vigiando.

Os deslocamentos para os diversos ambientes do colégio eram feitos em filas, rigorosamente organizadas e vigiadas pelo corpo diretivo do colégio, que, para evitar desordens, estabelecia fileiras com ordem fixa, isto é, cada aluna tinha o seu lugar, o qual devia manter.

No início das aulas, eram feitas fileiras para o ingresso nas salas de aula, onde os lugares nas carteiras eram determinados pelas regentes de classe. Essas carteiras eram ordenadas de tal forma que evitassem a proximidade das alunas, para evitar conversas, “colas” ou até possíveis desordens.

No interior das salas de aula, a observação permanente era realizada pelo professor ou professora, que, de sua cadeira, localizada no estrado, poderia visualizar cada uma das alunas. Veja o depoimento de Iolanda:

A sala de aula era espaço de autoridade e o silêncio era total. Para falar ou fazer alguma pergunta a gente tinha de apontar o dedo (...) Se a mestra percebia que a gente estava distraída, ela logo surpreendia com alguma pergunta sobre o assunto que estava sendo tratado. Então, com certas professoras, a gente nem piscava de medo de ter que responder alguma coisa que podia não saber. (TREVISANI, 2003)

FIGURA 13 - ALUNAS EM SALA DE AULA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus, 1956

Na foto acima, aparecem alunas da turma de 1956 em aula. A proximidade das carteiras, segundo Thereza, foi em razão da foto, porque normalmente a distância era maior. Elas aparecem todas uniformizadas e compenetradas nos estudos.

Algumas depoentes também relataram que ficavam apreensivas quando havia prova oral, isso porque tinham que se defrontar com a mestra em cima do estrado para responder às questões:

Todas as professoras, no meu tempo, faziam prova escrita e oral. Muitas não gostavam da prova oral porque tinham medo de esquecer o “ponto”, pois tinham que se defrontar com a freira lá em cima do estrado. Mas, com o tempo, a gente foi acostumando, porque seguido tinha prova oral. Só que tinha que estudar, não podia se levar na brincadeira... (COSTA, 2003)

Pelo depoimento da aluna, percebe-se que o Curso Normal utilizava a metodologia da escola tradicional, em que a aluna devia saber de cor o ponto.²⁶ A memorização era bastante estimulada:

Era preciso estudar em voz alta para assimilar o conteúdo e não esquecer na hora da prova oral. A gente lia muitas vezes e pedia para alguém tomar o ponto para ver se não era esquecida alguma parte. (COSTA, 2003)

As professoras eram todas religiosas, sendo a maioria proveniente da Europa. Elas trabalhavam a educação das alunas no modelo do cristianismo romanizado e manifestavam também muito do estilo europeu de educar por meio

26 Ponto: nome dado na época para o assunto a ser estudado.

das exigências que faziam sobre o comportamento das moças, do ensino de línguas, das aulas de piano, do ensino da etiqueta e das atividades manuais.

Iolanda TREVISANI, no mês de outubro de 1995, foi convidada pelo colégio para uma comemoração do Dia do Professor e assim se pronunciou²⁷ ao relembrar de algumas de suas mestras:

No giro do tempo, sempre tão variável e incerto, me vem as lembranças das colegas de turma de 1942. Éramos cinco apenas e ficávamos fascinadas em ver as Irmãs, trajando pesados e sóbrios hábitos franciscanos, percorrendo os corredores do colégio no desempenho de suas funções. (...) Eram muitas, hoje, no entanto, focalizarei apenas as Irmãs que influenciaram, diretamente na formação da nossa turma, facetando o nosso caráter, desbastando as arestas do nosso temperamento, criando nossa personalidade. Foram elas:

Madre Albertina: Pulso forte mas um grande coração.

Irmã Carolina: Primeira na fundação do Colégio, aqui permaneceu aproximadamente 50 anos, acompanhando sempre a vida educacional do estabelecimento. Meiga, irradiava simpatia e seus conselhos eram sempre solicitados. Lecionava: Religião, Matemática, Música e Canto Orfeônico.

Irmã Amanda: Passos leves e ligeiros. Um olhar seu, a sua simples presença, o rumor dos seus passos era o suficiente para impor silêncio à mais buliçosa turma. Era um verdadeiro relógio disciplinador. Com pulso firme nos condizia pelos intrincados caminhos da: Física, Química, Geografia e da Arte de bem viver em sociedade – Etiqueta Social.

Irmã Maristela: Conhecedora em potencial de todos os segredos da Língua Portuguesa. Ensinava com entusiasmo, com ardor e sabia fazer de cada aluna uma fanática pela matéria. Além de Português, lecionava Biologia, Puericultura, Metodologia, Pedagogia e Psicologia.

Irmã Agostinha: Que saudade! Descendente de nobre família européia, ficava escandalizada com o comportamento meio selvagem de suas pupilas. Com muita sabedoria e conhecimento ensinava: História da Civilização e do Brasil.

Irmã Paula: Professora de Bordado. Sua convivência irradiava simpatia e rigor. Mãos cheias de méritos, trabalhava incansavelmente para inculcar, em suas alunas, o amor pela arte de bordar e dos trabalhos manuais. As exposições de fim de ano exaltavam bem a orientação preciosa que recebíamos.

Irmã Ancila: Tão bonita quanto os dons artísticos que possuía. Era professora de Desenho e Pintura. Exibia os mais belos trabalhos de suas alunas e procurava sempre despertar nosso interesse pelo belo.

Estas são as lembranças que, após tantos anos, ainda guardo do que foi a vida no Colégio; das jovens que durante 4 anos caminharam lado a lado e foram pacientemente preparadas para exercerem o magistério... (TREVISANI, 2003)

Pelo relato de Iolanda, as professoras do Curso Normal eram bastante eficientes e zelosas para com suas alunas. Entre as várias disciplinas citadas, aparece a da “Arte de bem viver em sociedade – Etiqueta Social”. Essa disciplina contribuía para refinar a educação das moças e era resultado de uma herança estrangeira, já que a maioria das irmãs eram austríacas, suíças e alemãs. Outro destaque desse relato são os trabalhos manuais e a pintura e o desenho, que,

27 O pronunciamento de Iolanda foi guardado por ela em um caderno, em que estão registrados seus escritos de memórias de tempos passados. Esse caderno foi mostrado para a pesquisadora na entrevista inicial e cedido para consulta.

devido à orientação preciosa das irmãs Paula e Ancila, resultavam sempre em belas exposições no final do ano.

No livro de *Atas de Exames* (1955-1956) e também pelo boletim de algumas alunas, foi possível identificar as disciplinas que faziam parte do currículo do Curso Normal.

DISCIPLINAS	SÉRIES
Português	I
Matemática	I
Matemática Aplicada	II, III
Física e Química	I
Anatomia e Fisiologia Humana	I
Música e Canto Orfeônico	I, II, III
Desenho e Artes Aplicadas	I, II, III
Educação Física	I, II, III
Biologia Educacional	II
Psicologia Educacional	II, III
Higiene e Educação Sanitária	II
Puericultura e Higiene	III
Metodologia Geral	I
Metodologia do Ensino Primário	II, III
Sociologia Geral	II
Sociologia Educacional	III
História da Filosofia Educacional	III
Prática de Ensino	III
Trabalhos Manuais	I, II, III
Religião	I, II, III

O Curso Normal tinha um caráter eminentemente profissional e era fornecedor de pessoal docente qualificado para operar no ensino primário. No quadro de disciplinas acima, o que chama atenção é que as disciplinas mais diretamente ligadas à formação profissional, como Psicologia Educacional e Prática de Ensino, só aparecem na última série, enquanto Religião, Música e Canto Orfeônico, Desenho, Artes Aplicadas e Trabalhos Manuais aparecem em todas as séries do currículo.

A análise desse quadro remete ao pensamento de que a educação geral era maior em detrimento à formação profissional. Daí a queixa da maioria das depoentes de que havia muita teoria e pouca formação para a prática.

Uma experiência muito útil para a vida profissional são os estágios. A respeito deles, irmã Carmem expôs:

Os estágios faziam parte das aulas de Metodologia e eram reservadas poucas aulas para eles (...) Cada aluna dava uma ou duas aulas para uma série do Curso Primário e as demais assistiam na presença da professora de Metodologia que era avaliadora. Acho que

era assim porque a maioria das alunas que fazia o Normal já estava dando aulas devido à falta de professores... (WELTER, 2003)

Lembrando da trajetória do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que desde 1921 iniciou seus trabalhos educacionais com o Curso Primário, a proposta de estágios deixava a desejar, levando-se em consideração que havia a possibilidade de usar o Curso Primário como uma escola de aplicação para os trabalhos educacionais das normalistas, o que viria a contribuir para estabelecer uma dialética entre a teoria e a prática.

Quanto à sistemática de aulas no Curso Normal, uma das entrevistadas assim esclareceu:

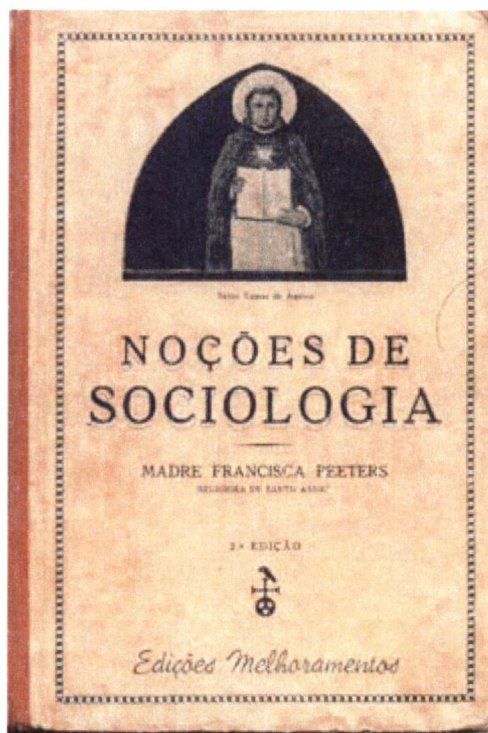
Tínhamos os livros. Fazia-se a leitura. A professora, que era sempre uma das irmãs, comentava e dissertava com muita autoridade sobre o assunto, explanando detalhes no quadro negro. Havia alguns conteúdos que eram copiados do quadro e tínhamos que fazer letra bonita. Havia também uma sala que era meio museu e meio laboratório no colégio e as aulas de Biologia, Física e Química eram dadas lá pela irmãs Amanda e Carolina. Me lembro que aprendemos nesse laboratório muita coisa de ótica, inclusive tinha uma espécie de "Kinemetógrafo", que projetava imagens estáticas... (UBA, 2003)

Algumas alunas guardavam os livros que eram usados nas aulas do Curso Normal da época. A seguir, são citados os nomes de alguns conseguidos com a ex-aluna Avani Dittrich:

TÍTULO	AUTOR	ANO
<i>Didática da Escola Nova</i>	A. M. Aguayo	1932
<i>Noções de Sociologia</i>	Madre Francisca Peeters	1935
<i>Princípios de Sociologia</i>	Fernando Azevedo	1939
<i>Pedagogia Científica</i>	A. M. Aguayo	193?
<i>Psicologia Educacional</i>	Justino Mendes	1940
<i>Filosofia da Educação</i>	Cônego Antonio Alves de Siqueira	1942
<i>Os Milagres da Química</i>	Williams Haynes	1945

Os livros de páginas amareladas guardam silenciosamente os conteúdos que formaram as normalistas no período. Serão registradas aqui algumas passagens do livro de *Noções de Sociologia* (foto abaixo), da Madre Francisca Peeters, para ilustrar a concepção de educação que ele propaga. Ao fazer a apresentação do livro, Martins assim escreve:

FIGURA 14 - LIVRO UTILIZADO PELA EX-ALUNA AVANI DITTRICH NO CURSO NORMAL



FONTE: Biblioteca de Avani Dittrich

É com sumo prazer que escrevo estas linhas de aplauso e encarecimento à feliz iniciativa da benemerita «Congregação de Santo André» incumbindo a uma religiosa – professora de largos recursos – a dar a lume o presente compêndio de *Noções de Sociologia* para uso das normalistas de um manual de sociologia que enfrentando os problemas sociais em seu aspecto real e flagrante, oriente a mocidade no sentido de uma solução elevada que tenha por base a justiça social, a caridade cristã, o Evangelho em fim.

A questão social que assoberba hoje os estadistas e desafia a argúcia dos estudiosos, é em tanta maneira complexa e delicada que toda a solução que se lhe der fora das normas fundamentais do Evangelho será perigosa, contrária em princípios básicos da sociedade, subversiva e anarquizadora. Depois das luminosas encíclicas do imortal Leão XIII sobre o assunto e da recente encíclica de Pio XI, *Quadragesimo Anno*, que desfazem todas as dúvidas e fixam todas as diretrizes que a justiça traça aos momentosos problemas de ordem social, é cegueira, ou perversidade, afastar-se, no ensino da sociologia, da orientação por êles dada, pois sendo a questão social, em última análise, essencialmente moral, nada poderá satisfazer aos seus postulados que não esteja conforme os ensinamentos da moral cristã, única verdadeira, porque única divina e infalível.

Bem haja, pois, a ínclita Congregação de Santo André que, de Jaboticabal, Estado de São Paulo, lança o seu brado de «alerta» aos bem intencionados do ensino de sociologia às futuras formadoras da nossa sociedade.

São Paulo – Junho de 1935.

Aurélio Arrobas Martins.

Pela apresentação de Aurélio A. Martins, pode-se ter uma idéia das noções de sociologia que as alunas do Curso Normal receberam. Todos os problemas eram tratados à luz da moral cristã e, ainda na Advertência Preliminar da primeira edição, lê-se o seguinte:

O programa das escolas normais indica «Pesquisas sociais em nosso meio». Julgamos que estas pesquisas se devem deduzir das obras de atualidade (...) O propósito inabalável de evitar toda a pretensa erudição nos levou a afastar a maior parte dos nomes que gozam de uma certa celebridade. Os elementos de verdade que êsses autores nos oferecem, nós, os católicos, os possuímos com o brilho da luz meridiana nos Ensinamentos do Evangelho e do Decálogo, o insubstituível Código social. O mais são sofismas que se desfazem mutuamente, a ponto de já se acharem envelhecidos os que nasceram ontem, e que a geração de amanhã os envolverá no mais completo olvido. A doutrina que inspirou este desprezioso livrinho é a que atravessou triunfante vinte séculos, que sobreviverá a todos os sistemas e estenderá o seu benéfico influxo até os limites do tempo e do espaço.

Jaboticabal, 11 de fevereiro de 1936.

Havia resistência a autores que não se enquadravam na linha da Igreja Católica e, por isso, eram omitidos e, mesmo para pesquisas sociais, a única indicação eram os ensinamentos do Evangelho.

Esse livro de sociologia é um exemplo da forma como a educação religiosa perpassava todo o currículo.

No “Preâmbulo” do *Livro de Filosofia da Educação*, do cônego Antônio Alves de Siqueira, assim está expresso:

Lamenta Maritain, no prefácio ao “*Essai de Philosophie Pédagogique*” de Hovre, a carência de uma doutrina pedagógica sistemática, ligada estreitamente aos princípios de Santo Tomaz. Deficiência realmente deplorável, não só do ponto de vista da Filosofia perene, que veria assim fecundamente alargado o seu âmbito e aprofundadas em utilíssimo campo os seus princípios imortais, senão também da parte da própria educação, porquanto só uma filosofia universalmente compreensiva e intensamente viva, como o Tomismo, será capaz de oferecer aos labores pedagógicos suficiente embasamento racional, sólido e largo, vivificante e coerente em todas as partes... (SIQUEIRA, 1942, p. 5)

No livro citado acima, no seu segundo capítulo, aparece: “A Filosofia Pedagógica do Catolicismo”, em que estão enumerados os seus oito princípios básicos, e, no terceiro capítulo, “A causa final da pedagogia”, em que estão enumeradas seis teses sobre o assunto. A primeira aparece da seguinte forma:

Tese XVI – O fim absolutamente último do homem, da vida, da educação – é Deus e sua glória.

- a) Seja que se considere o mesmo criador, que nada pode fazer com finalidade diversa de si mesmo
- b) Seja que se estude a criatura racional, nas tendências mais vívidas de sua natureza
 - 1) inteligência e 2) vontade

Assim, os dois livros citados estão impregnados do catolicismo romanizado e foi por essa trilha que as normalistas foram educadas e, com certeza, levaram

para suas vidas, como esposas, mães e professoras, grande parte desses princípios. Veja o que diz a ex-aluna Avani:

Eu só queria reforçar que Canoinhas foi abençoada com a vinda dessas mestras estrangeiras que proporcionaram grandes ensinamentos, nos incentivaram a sermos indivíduos úteis à pátria, à sociedade, vivendo dentro de uma consciência reta e tementes a Deus. (DITTRICH, 2003)

As alunas, não tendo a oportunidade de outras leituras para pesquisa e aprofundamento dos assuntos, acabavam tendo uma visão unilateral dos fatos, o que gerava um certo doutrinamento que não deixava espaço para novos questionamentos.

Os trabalhos manuais eram o forte da educação feminina no período estudado, pois faziam parte de uma preparação para o lar. Como já foi citado anteriormente, no Colégio Normal, as irmãs Paula e Ancila se dedicavam com carinho a essas atividades, as quais resultavam em belas exposições no final do ano. Veja-se o que fala a ex-aluna Thereza sobre isso:

Anualmente, havia exposição dos trabalhos manuais, que atraía os pais dos alunos e também muita gente da cidade e do interior vinham ver os trabalhos expostos: bordados, telas pintadas e bordadas, tricô, crochê, macramê, flores de tecido e tantos outros que nem me lembro (...) Era tudo muito bem organizado, todos os trabalhos eram engomados e colocados os respectivos nomes... (UBA, 2003)

As demais depoentes também relataram que aprenderam com os trabalhos manuais tudo o que uma dona de casa deve aprender: bordar, cerzir meias, fazer bainhas nas roupas, remendar o que podia ser consertado, vários pontos de tricô e crochê, fazer bichinhos com feltro ou pano, flores de tecido e papel, dobraduras de papel etc.

Quanto à presença de Canto Orfeônico e Educação Física em todas as séries do Curso Normal, Horta nos remete a Getúlio Vargas, que evocava a necessidade da preparação de uma raça forte, capaz de amar e enaltecer a pátria:

E será através dos conceitos de pátria e raça que o tema do civismo será reintroduzido na legislação educacional, em julho de 1934. Isto dar-se-á de uma forma bastante estranha, por um decreto que cria, no Ministério de Educação e Saúde, uma Inspeção Geral do Ensino Emendativo e estende a todos os estabelecimentos escolares dependentes deste Ministério a obrigatoriedade do ensino da educação física e do canto orfeônico (...) A obrigatoriedade do canto orfeônico é justificada no decreto não apenas pela "utilidade do canto e da música como fatores educativos", mas também pelo fato de o seu ensino, enquanto "meio de renovação e de formação moral e intelectual" ser "uma das mais

eficazes maneiras de desenvolver os sentimentos patrióticos do povo”. Quanto à educação física, a sua obrigatoriedade se justifica, segundo o decreto, não apenas pelo exemplo de “países de civilização mais adiantada” mas também porque “a nação é um somatório do valor triplice (físico, moral e intelectual) de suas parcelas (os indivíduos)”. (HORTA, 1994, p. 147)

Com a explanação de Horta, fica mais fácil de entender porque, nas aulas de Canto Orfeônico, eram ensaiados os hinos patrióticos e também de entender a presença constante das normalistas nos desfiles cívicos.

Nas aulas de Canto Orfeônico, ensaiávamos vários cantos patrióticos e as letras tínhamos que decorar. Nesse tempo, cantávamos o Hino Nacional com a mão direita no peito (...) Os desfiles cívicos eram preparados com muita antecedência e, em muitos deles, a gente tinha que enfrentar marchando pelas ruas cheias de lama em Canoinhas (...) Muitas vezes, fazíamos apresentações de Educação Física na Praça Lauro Müller. No colégio, nós aprendemos a ter amor e respeito pela pátria (...) Esses ensinamentos eram úteis para mais tarde passarmos para nossos aluninhos. (UBA, 2003)

FIGURA 15 - DESFILES ESCOLARES (1956)



FONTE: Álbum de Thereza Uba

Na foto acima, aparecem as alunas do Curso Normal, num dos desfiles cívicos na Rua Vidal Ramos. Nesta foto, algumas desfilam com uniformes de gala (o de cor clara) e outras com uniforme do dia-a-dia. Com porte ereto, carregam as bandeiras representativas: da nação, do estado, do município, do colégio e outras mais.

Pelo exposto, o Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus também seguia a cartilha do ministro da Educação, Gustavo Capanema, o qual falava em “educar para a pátria” para “formar o cidadão consciente”. Segundo Horta, Capanema, ao presidir uma festa cívica organizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, em agosto de 1940, assim afirmou:

Entre nós, ainda é vigente a teoria que pode resumir-se na fórmula: “educar para a sociedade”. Segundo esta concepção, a educação consiste na socialização da criança e do adolescente, a saber, é o conjunto de processos destinado a adaptar convenientemente o ser humano à vida em sociedade. É fora de dúvida que tal conceito de educação é precário e insuficiente (...) Em nosso país, e principalmente no tempo presente, a educação deve abranger uma finalidade maior. A nossa fórmula de hoje tem de ser esta: educar para a pátria. (HORTA, 1994, p. 176)

Estudos recentes apontam que as festas cívicas constituíam, sobretudo na primeira metade do século XX, uma importante estratégia de educação cívica de adultos e crianças. A escola procurava se responsabilizar por essa formação, ficando em evidência nas festas cívicas que aconteciam, especialmente nas cidades. O Colégio Sagrado Coração de Jesus não fugia à regra, pois os jornais da época retratam as normalistas sempre em frente aos desfiles cívicos e também presentes na recepção de autoridades que visitavam o município.

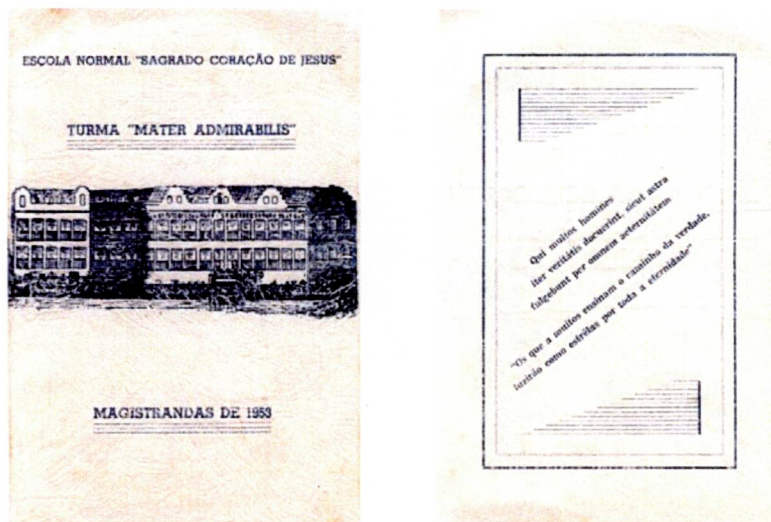
Educar para a pátria, num período de autoritarismo político, restringia-se mais a desfiles cívicos e cantos patrióticos, porque esse período oferecia pouca ou nenhuma oportunidade para questionamentos. Era nesse cenário que o Colégio Normal ia formando as futuras professoras.

3.6 FORMATURA – UM GRANDE MOMENTO PARA AS NORMALISTAS

Concluído o curso, o momento de formatura era mais um espaço para a demonstração da especificidade da escola na formação de suas professoras. As homenagens eram prestadas às autoridades constituídas e os símbolos religiosos estavam presentes.

No convite de formatura da turma do Curso Normal de 1953, o nome da turma era “Mater Admirabilis”, numa homenagem feita à Nossa Senhora, a mãe admirável, modelo a ser seguido pela alunas. Na contracapa, está impressa a seguinte frase: “Os que muito ensinam o caminho da verdade, luzirão como estrêlas por toda a eternidade”. O convite portanto, estava impregnado de religiosidade. Os paraninfos e homenageados, geralmente, eram religiosos. No convite de 1953, eram homenageados seis religiosos, entre padres e freiras.

FIGURA 16 - CONVITE DE FORMATURA DA TURMA DE 1953



FONTE: Arquivo da ex-aluna Arlete M. Voigt

Nas décadas de 1940 e 1950, os jornais davam bastante destaque para as formaturas e, sobre a de 1953, o jornal *Barriga Verde* assim registrou:

Mais uma vez, temos trazido às nossas colunas a expressão de nosso entusiasmo por esse estabelecimento de ensino, verdadeiro gigante na disseminação das luzes do saber, e que goza de justo e merecido renome em todo o sul brasileiro, o Instituto de Educação Sagrado Coração de Jesus. E esse nosso entusiasmo tem sua razão de ser ante a obra verdadeiramente notável das abnegadas irmãs franciscanas que concretizaram e levam sempre avante a sublime missão de dotar a nossa Princesa do Planalto de um estabelecimento de ensino para a infância em geral nas primeiras letras, e para senhoritas nos grandes departamentos que mantêm, constituídos pela escola Normal e Ginásio (...) Dia 05 de dezembro fluente, após a santa missa de ação de graças a ser celebrada na Igreja Matriz Cristo Rei, terá lugar, às 17 horas, no Cine Teatro Vera Cruz, a solenidade da entrega dos diplomas às magistrandas deste ano que integram a luzidia turma "Mater Admirabilis".

Os discursos dos paraninfos e outros homenageados eram bastante eloqüentes e incentivadores para as futuras professoras. Para ilustrar, é transcrito, abaixo, um trecho do discurso de D. Daniel Hostin, quando paraninfou a turma de 1943:

...Que há de mais elevado e mais santo do que dirigir a alma infantil para a verdade, para o bem e para a beleza? É essa a missão da mestra, é essa a tarefa da professora. Jardineira mágica de um jardim de flores vivas, escultora maravilhosa de estátuas que se movem, sentem e que podem amar! Vocação bem-aventurada que entrega à donzela, a varinha de condão com que há de por luz nas inteligências e fogo nos corações. Pois a verdadeira mestra é educadora também. Ensinar sem educar é modelar uma estátua sem cabeça e cultivar flores sem perfume e sem cor. Minhas filhas quão sublime é vossa missão! Sois traço de união entre crianças e Deus. (Arquivo da Diocese da Lages)

Nesse discurso, D. Daniel enfatiza a importância da professora ser educadora e, quando usa os termos “esculptora”, “modelar” e “traço de união”, revela a concepção de que a Igreja Católica tinha da educação: moldar os corações e as consciências de acordo com seus princípios religiosos. Há também, nesse discurso, um certo romantismo quanto à profissão, passando a idéia de que, na profissão de professora, está o que há “de mais elevado e mais santo” e que ela é portadora de uma “varinha de condão”, pois é “jardineira mágica de um jardim de flores vivas”.

Diante disso, pode-se imaginar quanta ilusão e quanto idealismo povoavam as mentes das normalistas. Isto nos remete à fala de Leni Costa:

Quando a gente se formou, tinha a cabeça cheia de ilusões, parecia tudo tão bonito e fácil (...) Mas depois, quando a gente foi dar aula, a coisa mudou, porque surgiam situações que a gente não estava preparada para resolver (...) Havia muita teoria na cabeça, mas, na prática, não funcionavam, e assim, no dia-a-dia, a gente foi aprendendo a se virar, pois o Curso Normal era muito teórico e a prática era muito pequena, quase nada... (COSTA, 2003)

As formaturas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, de acordo com as fontes, eram momentos de requinte, de harmonia, de alegria e otimismo, pois, nessa fase, a profissão de professora detinha *status*, isto é, era prestigiada pela comunidade tanto quanto a profissão de médico, dentista, advogado e qualquer outra que a comunidade valorizava.

Os laços de amizade adquiridos após a permanência no colégio são revestidos de grande importância por representarem, na maioria das vezes, as primeiras relações afetivas fora do espaço doméstico. A intensidade com que esses contatos são vivenciados permite que eles ocupem um lugar especial na trajetória do sujeito enquanto ser social. Tal fato é reforçado pelos depoimentos e pelo recente encontro de normalistas formadas em 1953. Ao completar 50 anos de formatura e unidas pelos fortes laços de amizade, elas se reuniram para recordar aqueles anos vividos no Curso Normal.

FIGURA 17 - ALUNAS NA VÉSPERA DA FORMATURA DE 1953



Fonte: Álbum da ex-aluna Renate Riede

FIGURA 18 - ENCONTRO DAS FORMANDAS DE 1953 EM 2003



Fonte: Álbum da ex-aluna Renate Riede

Na primeira foto, a alegria estampada no rosto das formandas contrasta com a seriedade da colega religiosa. Na outra foto, depois de 50 anos, todas vivas ainda, estampam um sorriso, embora menos espontâneo, enquanto a religiosa continua compenetrada (3.^a de óculos, direita para a esquerda). Fazem parte desta foto as ex-alunas Arlete Voigt (em pé, de óculos à esquerda), Iolanda Pieczarka, Renate Riede, Sivete Budant, Neide Stulzer, Leny Leandro, Irmã Glicéria (atrás, de óculos), Dirce de Oliveira e Maria Eugênia Ferreira.

Os laços de amizade entre as alunas podem ser interpretados como um fenômeno decorrente da própria organização interna do colégio. A rigidez das relações com a hierarquia estabelecida dentro da escola oportunizava a

solidariedade entre as moças, devido à necessidade de manter o grupo unido no papel que lhe cabia. Margotto, apoiando-se em Goffman, declara que: "...a partir desse fenômeno, pode-se explicar o surgimento de laços de solidariedade, mesmo entre sujeitos que em outras circunstâncias não partilhariam do mesmo grupo ou estabeleceriam laços de união entre si" (1997, p. 97).

Todas as depoentes falaram com brilho nos olhos a respeito das amizades, dos encontros e das correspondências que trocaram no decorrer do tempo com as colegas de turma.

Iolanda deu o seguinte depoimento:

Depois de formada, eu fiquei muitos anos me correspondendo com as colegas da turma e com outras que fiz amizade no tempo do Curso Normal. Para a Avani, eu escrevi muitas cartas e nelas trocávamos idéias sobre assuntos da escola e também da vida (...) Eu não esquecia nenhum aniversário das minhas colegas e sempre mandava um cartão de felicitações. Ainda hoje, eu telefono para algumas... (TREVISANI, 2003)

As amizades duradouras que nasceram no Curso Normal também podem ser entendidas como determinadas, a maioria delas, pelo contato constante entre as moças e também pela falta de oportunidade para se relacionar com o sexo oposto.

Quanto às formaturas, abordadas neste item, conclui-se que, por representarem o coroamento da trajetória escolar das alunas do Curso Normal, eram consideradas como um momento muito significativo na vida daquelas moças. A imprensa de Canoinhas aproveitava os eventos de formatura para colocar o Colégio Sagrado Coração de Jesus em evidência na comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canoinhas, terra marcada pelos conflitos do Contestado, onde seu povo sofrido buscava respostas e alívio nas crenças religiosas e nos conselhos dos monges que por ali transitavam. Como bem lembra Queirós, era uma época em que “os valores religiosos e mágicos perpassavam toda a ideologia, onde a religião possuía sentido tão pragmático que as roças eram benzidas e se acreditava curar pessoas rezando sobre feridas...” (QUEIRÓS, 1981, p. 249).

Foi nesse tempo, em que as crenças religiosas e o misticismo impregnavam a população que os franciscanos alemães, vindos da Saxônia, estabeleceram-se na região, no ano de 1900 em Curitiba e em 1912, em Canoinhas. Traziam em sua bagagem os princípios do catolicismo romanizado e, sem muitos rodeios, quiseram impor as novas práticas ao povo, com intenção de controlar e assumir os centros de irradiação do catolicismo popular. Entretanto, foi muito difícil tentar impor o processo de romanização, porque, em primeiro lugar, a região era grande e o número de padres era pequeno e outro ponto que dificultou bastante foi que o povo, não entendendo os sermões dos padres estrangeiros e também sentindo-se desprezado por eles em suas práticas, preferiu continuar com suas crenças e os conselhos de João Maria, o monge que tanto admiravam. Entretanto, a Igreja Católica foi persistente e implantou em Canoinhas dois colégios religiosos – em 1921, o Sagrado Coração de Jesus e, em 1952, o Colégio Santa Cruz.

A Igreja estava convencida de que o controle do ensino era fundamental para a implantação da romanização e que somente as práticas difusas dos sermões, das atividades missionárias eram insuficientes. Portanto, era preciso educar a infância e a juventude, porque, se à Igreja não era possível controlar toda a produção do saber e subordinar à sua doutrina todas as novas idéias, o controle do sistema educacional lhe permitiria formar as crianças e os jovens em suas concepções de homem e sociedade, bem como selecionar o que deveria ser ensinado, evitando a difusão das idéias contrárias ao pensamento ultramontano.

Enveredar por uma instituição de educação e ensino para moças, sob a tutela da Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora, implicou em percorrer uma trilha desde a fundação da congregação, perpassando por todos os meandros de sua vinda para o Brasil, das resistências sofridas, dos objetivos

propostos, para, neste momento, tecer algumas breves considerações, as quais deixam um espaço aberto para futuros estudos e aprofundamentos.

Todavia, cabe inferir que uma instituição fechada, como a que foi investigada, procurando concretizar os ideais da congregação que visava à educação cristã, tinha como característica fundamental orientar a educanda para o caminho da virtude: formar a mulher virtuosa.

Pela fontes consultadas e pelos depoimentos, revelou-se que, pela rigidez da rotina cotidiana, pelo regulamento austero, pelas práticas pedagógicas, pelos exercícios espirituais, pelo respeito às autoridades institucionais, pelo controle das manifestações externas dos sentimentos e pelos rituais escolares, as alunas eram direcionadas a um aprendizado que primava pela formação moral e que submetia sempre a razão à fé, o intelecto ao espírito.

A circulação do colégio era vigiada para representar o controle contra amizades isoladas e a presença das alunas em espaços públicos de Canoinhas só ocorria em datas especiais, como nos desfiles cívicos, e nas celebrações, como participação em missas, procissões ou novenas. Essas atividades eram configuradas como momentos de piedade, que, com a graça de Deus, talvez suscitasse algumas vocações religiosas.

Também muitas estratégias eram utilizadas repressivamente, como a censura da correspondência, dos livros, revistas e filmes, dos temas tratados em sala de aula, dos uniformes sóbrios, encobrendo na íntegra o corpo da aluna, as imagens, a capela; tudo fazia do colégio um espaço destinado a transformar as moças em damas cultas, plenas de virtude e religiosidade, capazes de constituírem uma família íntegra.

A música, a pintura e os trabalhos de agulha constituíam, para essas alunas, os complementos obrigatórios da instrução e do refinamento intelectual. Estavam presentes no decorrer de todo o currículo do Curso Normal.

As Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora, além do catolicismo romanizado, traziam também, para a pequena cidade brasileira de Canoinhas, uma formação européia, o que vinha a se contrapor ao catolicismo popular, que agregava, ainda nesse tempo, grande número de famílias que eram apegadas a credices e veneravam as imagens dos monges que por ali passaram e deixaram marcas ao atuar na vida espiritual de muitas pessoas.

Dessa forma, a educação das normalistas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, no período de 1936 a 1956, foi centrada nos moldes de educação do catolicismo romanizado. Era uma educação austera e na qual as alunas não achavam “brechas” para reagir, porque, segundo elas mesmas, essa educação estava em consonância com os princípios das famílias da época. Como diz Thereza Uba na sua entrevista: “...não adiantava se queixar em casa, porque os pais estavam de acordo com o que acontecia no Colégio”.

Numa época em que o magistério era encarado como sacerdócio, um ideal sagrado mais que uma profissão, a formação da professora do Colégio Sagrado Coração de Jesus deixou a desejar por ser muito teórica e com poucas oportunidades de práticas docentes. Nas disciplinas escolares, os assuntos eram tratados à luz da moral cristã e as alunas, não tendo acesso a outras leituras, acabavam ficando com uma visão unilateral dos fatos, o que gerava um doutrinamento.

As práticas efetivadas no Curso Normal permaneceram no imaginário de muitas de suas ex-alunas como referência para padrões de comportamento, expressão da força da religiosidade que marcou a mente, o espírito e o corpo de várias gerações.

A percepção da capacidade educativa do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus em Canoinhas é inegável no plano da difusão da educação feminina, embora tenha introduzido uma cultura diversa da visão de mundo local. Por outro lado, houve adesão a essa pedagogia tradicional e conservadora de valores, sendo possível mesmo afirmar que a produção do conhecimento e o método próprio de educação se mesclaram, ainda que houvesse a contribuição explícita da promoção da educação feminina em Canoinhas e no Brasil.

FONTES

FONTES ORAIS

COSTA, Leni. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 22 abr. 2003.

DITTRICH, Avani. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 10-11 abr. 2003.

GOLANOVSKI, Gersi. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 27 maio 2003.

SELEME, Norma. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 5 maio 2003.

THIEM, Hildegard. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 26 maio 2003.

TREVISANI, Iolanda. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 28 abr. 2003.

UBA, Thereza. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 28 maio 2003.

WELTER, Irmã Carmem. Entrevista concedida a Fermina Cassemira de Paula e Silva Carvalho. Canoinhas, 19-22 maio 2003.

DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

LEÃO XXIII, Papa. **Libertas Praestantissimum**. Petrópolis: Vozes, 1956.

LIVRO-TOMBO da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas, 1912-1951. Canoinhas, 1951.

PIO XI, Papa. **Casti Connubii**. São Paulo: Paulinas, 1965.

_____. **Quadragesimo Anno**. São Paulo: Paulinas, 1969.

_____. **Vigilanti Cura**. Petrópolis: Vozes, 1946.

PIO XII, Papa. **Alocução sobre a moda**. Petrópolis: Vozes, 1958.

_____. **Alocução sobre apostolado da mulher católica**. Petrópolis: Vozes, 1958.

_____. **Alocução sobre apostolado das moças na renovação da sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1950.

_____. **Alocução sobre o apostolado da mocidade feminina na sociedade moderna**. Petrópolis: Vozes, 1950.

ARQUIVO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Convite de formatura das turmas de 1950 e 1956.

Correspondências diversas.

CRÔNICAS das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora, 1921-1958.

Canoinhas, 1958. Mimeog.

DIRETÓRIO Provincial das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora.

Chapecó: [s.n.], 1992.

ESPÍRITO e Missão da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora: documento capitular. Passo Fundo: Instituto Social P. Berthier, 1984.

Fotografias do arquivo do colégio.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1953.

REGRAS e Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora. [S.l.: s.n., 19-].

WELTER, Irmã Carmem. História da Fraternidade 1921-1993. Canoinhas: [s.n.], 1993. Mimeog.

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, Leila Mezan et al. (Org.). **Prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH – Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- ARCHANJO, Léa Resende. Ser mulher na década de 50: representações sociais veiculadas em jornais. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Mulheres na história: Paraná – séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1985.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- AZEVEDO, Fernando de. O manifesto dos pioneiros da educação nova. In: CRESCENTI, Maria Rita Caiuby. **Um pouco de nossa história**. São Paulo: Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, 1986.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino et al. **Memórias da educação: Campinas (1850 a 1960)**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Mulher virtuosa, quem achará? O discurso da igreja acerca da educação feminina e o IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 2, p. 117-136, jul./dez. 2001.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Imagem e história: as fotografias escolares no estudo da escola primária curitibana (1903-1971). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa.
- BEOZZO, José Oscar. Decadência e morte, restauração e multiplicação das ordens e congregações religiosas no Brasil 1870-1930. In: AZZI, Rolando. **A vida religiosa no Brasil**. Enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando condutas**: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba, 1925-1965). Curitiba, 2002. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná.

BOXER, C. R. O culto de Maria e a prática da misoginia. In: _____. **A mulher na expansão ultramarina ibérica**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. p. 121-144.

BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). A mulher no espaço público. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, ago./set. 1989.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardeli, 1979.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **João Maria**: interpretação da campanha do Contestado. São Paulo: Nacional, 1960.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. **Coisas velhas**: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Unesp, 2000.

CAMPOS, M. Cristina S. S. A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. 2. ed. São Paulo: Ceru, 1999.

CARDOSO, Terezinha Maria. Magistério primário: trabalho de mulher. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 19., set. 1991, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

CAROLA, Carlos Renato. As trabalhadoras nas minas de carvão de Santa Catarina. In: MORGA, Antônio (Org.). **História das mulheres de Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: LYNN, Henet. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. **Igreja católica, educação feminina e cultura escolar em Ponta Grossa (Paraná)**: a Escola Normal de Sant'Ana (1947-1960). Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- DALABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. **Guerra no Contestado**. Florianópolis: Insular, 2000.
- DEUS, Rozana Ferraz de. **Ginásio Santa Cruz de Canoinhas, SC: 1947-1970; do privado ao estatal**. Caçador, 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Contestado/Universidade de Campinas.
- DUSSEL, Inés. **School uniforms and the disciplining of appearances towards a comparative history of the regulation of bodies in early modern France, Argentina, and The United States**. Madison, 2000. Dissertation (Doctor of Philosophy) - University of Wisconsin.
- ESCOLANO, A. La arquitetura como programa, espacio-escuela y curriculum. **História de la Educación**, Madrid, v. 12-13, 1993-1994.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FUCKNER, Cleusa Maria. **Magistério: memória e formação no colégio de educação familiar do Paraná (1953-1986)**. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná.
- FUSARI, José Cerchi; CORTESE, Marle Pedro. Formação de professores a nível de 2º grau. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 68, p. 70-80, fev. 1989.
- GIORGIO, Michaela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto Alegre: Afrontamento, 1991.
- GUMBOWSKY, Argos. **Ensino de 2º grau: elitização ou democratização do saber**. Blumenau, 1995. 322 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Regional de Blumenau (SC).
- GURZYNSKI, Matilde. **Colégio “Sagrado Coração de Jesus” – 75 anos de história**. Canoinhas, 1996. Monografia (Lato-Sensu em Educação) - Universidade do Contestado.

HISTÓRIA do Paraná: formação territorial; o Contexto do Contestado; questão de limites e Guerra Camponesa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 nov. 2003. Suplemento Especial.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

IWAYA, Marilda. **Palácio da instrução: representações sobre o instituto de educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto**. Curitiba, 2001. 141 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Conferência de encerramento do XV ISCHE. Lisboa: 1993. Tradução livre de Marcus Levy Albino Bencostta.

KNEUTZ, Lúcio. **O professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Florianópolis: UFSC, 1991.

KOSSOY, B. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, E. (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Documento e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica. In: _____. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. 2. ed. São Paulo: Ceru, 1999. (Textos Série 2, n. 3).

LAZZARINI, Célia Carmen Martinson. **A escola teuto-brasileira na zona rural e a participação da igreja evangélica no processo escolar comunitário: Bom Retiro - Joaçaba - SC (1917 a 1938)**. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1999.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado; CUNHA, Maria Teresa Santos. **A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino**. Santa Catarina, 1991. Relatório de pesquisa UFSC. 91 p.

LIMA, Danilo. **Educação, igreja e ideologia: uma análise sociológica da elaboração de Lei de Diretrizes e Bases**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LIMA, Marcos de. **Para fazer bem o retiro**. São Paulo: Loyola, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A igreja católica no Brasil República: cem anos de compromisso.** São Paulo: Paulinas, 1981.
- MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo.** São Paulo: Unesp, 1996.
- MARCHI, Euclides. **A igreja e a questão social: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1815-1915).** São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.
- MARGOTTO, Lílian Rose. **A igreja católica e a educação feminina nos anos 60: o Colégio Sacré-Coeur de Marie (Vitória – 1960/1969).** Vitória: Edufs, 1997.
- MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher.** Bauru: Edusc, 2000.
- MAYER, Pe. Beda. **Uma alma vítima.** São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1959.
- MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça – o lado noturno das luzes.** São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do contestado.** São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- MORGA, Antônio (Org.). **História das mulheres de Santa Catarina.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.
- MORRIS, Desmond. **Você: um estudo objetivo do comportamento humano.** São Paulo: Círculo do Livro, 1997.
- NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC, São Paulo, n. 10, 1993.**
- NÓVOA, Antonio. **As organizações escolares em análise.** Lisboa: Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1992.
- NUNES, Maria José Rozado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Orgs.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.
- NUNES, Maria José Rozado. **Vida religiosa nos meios populares.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira, v. 36, n. 141, mar. 1976.**

- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- PEETERS, Madre Francisca. **Noções de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1938.
- PERMATIRI, M. L. V. **Arquitetura e linguagem**: aspectos da semiótica da arquitetura. Curitiba, 1984. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica do Paraná.
- PERROT, Michele. **Mulheres públicas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- PIMENTA, Selma G.; GONÇALVES, Carlos L. **Reverendo o ensino do 2º grau**: propondo a formação de professores. São Paulo: Cortez, 1990.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- REITZ, Pedro. Dois estabelecimentos de ensino que no ritmo acelerado do progresso material de Canoinhas foram os pioneiros do seu desenvolvimento intelectual e moral. **Correio do Norte**, Canoinhas, 02 jun. 1956. p. 5.
- REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de destinos**: mulher e educação; São Paulo; 1910/20/30. São Paulo: Educ, 1993.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 93-103.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.
- SIQUEIRA, Cônego Antônio Alves. **Filosofia da educação**. Petrópolis: Vozes, 1942.
- SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, 2001.
- SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1997.

- SOUZA, R. F. de. **Templos da civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.
- SOUZA, Rogério Luiz. As escolas paroquiais. In: DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
- STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916): a contribuição dos franciscanos**. Vila Velha (ES): [s.n.], 1982.
- THOMÉ, Nilson. **Sangue, suor e lágrimas no chão do Contestado**. Caçador (SC): Incon, 1992.
- TOKARSKI, Fernando. **Cronografia do Contestado: apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná**. Florianópolis: IOESC, 2002.
- TOKARSKI, Fernando. **Os poloneses na Guerra do Contestado**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. No prelo.
- TÓTH, Monsenhor Tihamér. **Casamento e família: sermões e conferências**. Taubaté: Ed. S.C.J., 1943.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne. **Mulheres na História: Paraná, século 19 e 20**. Curitiba: UFPR/DEHIS, 1997.
- VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. Caçador (SC): Universidade do Contestado, 1998.
- VIANA, Cláudia. Contribuições do conceito de gênero para a análise da feminização do magistério no Brasil. In: CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza; SILVA, Luisa Gaspar da (Orgs.). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcou o presente**. Bragança Paulista: Eduse, 2002.
- WHITE, E. G. **Lar ideal**. São Paulo: Ed. Missionária A Verdade Presente, 1931.
- VIÑAO FRAGO, Antônio. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas e cuestiones. **Historia de la Educación**, Madrid, v. 12-13, 1993-1994.
- VIÑAO FRAGO, Antônio. Historia de la educación y história cultural – posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, set./dez. 1995.
- WERNET, Augustín. **Os primórdios do ultramontanismo em São Paulo, 1851-1906: perspectivas de pesquisas**. São Paulo: SBPH, 1985.

WOLFF, Cristina Scheibe. “Boa dona-de-casa”: a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia de Blumenau (1850-1900). In: MORGA, Antônio (Org.). História das mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

ANEXOS

RELAÇÃO DE ANEXOS

1. Transcrição de entrevista com ex-aluna Avani.
2. Atas de exames do ano de 1942.
3. Complemento iconográfico.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A EX-PROFESSORA AVANI DITTRICH

1) Nome completo: Avani Dittrich Jurgensen.

2) Ano em se formou no Curso Normal: 1943.

3) A senhora foi aluna interna no colégio? Quanto tempo?

Fui interna durante nove anos. Ingressei em 1933, com apenas 10 anos de idade e me formei com 20 anos de idade.

4) Se foi interna, descreva os procedimentos do internato.

O regime no internato era rigoroso e devia ser obedecido pontualmente. O único horário em que eram permitidas as conversas, era no recreio. Na capela, no refeitório, no estudo, no dormitório só se podia conversar com a permissão da irmã. Havia um quadro na parede com o nome de todas as internas. A cada infração do regulamento era marcado um pontinho, para faltas menores, e um traço, para as maiores. Somados no fim do mês, baixava-se a nota do comportamento. Recebíamos mensalmente um boletim, que era só do internato, com notas sobre o aproveitamento, a aplicação e o comportamento. Esse boletim era entregue pela madre superiora com os respectivos comentários. Era tudo muito bem organizado. Havia fila para tudo. Para rezar, para dormir, para comer, para sair para o recreio, para estudar. As mais rápidas tinham que ter muita paciência com as vagarosas. Era proibido correr pelos corredores, pelas escadas, fazer barulho, devia se ter uma postura impecável e boas maneiras à mesa. Eram ministradas aulas de etiqueta, como uso de talheres, de pratos, de copos à mesa. Era ensinado com andar, abrir uma porta e fechar. Como se comportar perante pessoas mais velhas e autoridades.

Quando a infração do regulamento abrangia um grupo, perdíamos o recreio da 18 horas e a irmã responsável pelo internato reunia as internas, o grupo faltoso ficava em evidência de pé e o restante fazia as vezes da platéia. E vinham as recriminações, muitas vezes, com ironia, o que proporcionava risos e chacotas. Isto contribuiu muito para humilhações descabíveis, sendo que essa irmã sempre

foi lembrada pelas internas como uma carrasca. Mas isto era compensado com a bondade de outras irmãs, pela dedicação e competência como mestras.

Me lembro que a comida era tragável, nem boa nem ruim. Dormíamos muito cedo, quantas vezes sem sono. Levantávamos às 6 horas, assistíamos a missa, tomávamos o café, arrumávamos as camas e nos dirigíamos à sala do internato para estudar. Das 8 às 12 horas, era o período da aula. Ao meio-dia, era a hora do almoço. Voltávamos ao dormitório para trocar o uniforme e gozávamos um pequeno recreio. Às 13 horas, reuníamos-nos na sala de estudos. Fazíamos as lições de casa, estudávamos e depois era a hora do bordado, da pintura e da música, para quem se dedicasse às belas artes. Às 17 horas, soava a campainha para o jantar. Havia um pequeno intervalo no meio, às 14 horas, para um lanche e um pouco de conversa. Após o jantar, íamos para o pátio brincar, jogar, gritar, correr até as 19 horas. Havia uma varanda grande, onde também podíamos brincar nos dias de chuva, olhar os passarinhos, o pomar e a horta. Quando terminávamos nossas obrigações, corríamos para as varandas para conversar e apreciar os passarinhos nas árvores do pomar. Em seguida, estudávamos até as 19h30, rezávamos o terço e nos recolhíamos ao dormitório.

As visitas para casa se restringiam a uma vez por mês sendo de sábado à tarde ao domingo à tarde. Com o passar do tempo, limitaram-se aos feriados e eram mais longas com Páscoa, Espírito Santo e feriados prolongados. Sentíamos muita saudade de casa, mas agora temos muitas saudades daqueles tempos de internato, onde fizemos amizades inesquecíveis. É com muita reverência que eu lembro das irmãs, que nos educaram conscienciosamente e nos tornaram cidadãs respeitadoras das leis, cooperadoras incansáveis para o bem das comunidades, com comportamento responsável pela família, cientes do necessário benefício que nos traz a conduta impecável e a fé num Ente Superior que nos auxilia a enfrentar os percalços da vida. Que Deus as abençoe tanto na vida como na morte e para a eternidade, pois nossas mestras brilham agora em outro plano.

5) Por que razão a senhora escolheu cursar o Curso Normal?

Eu não escolhi, pois era o único curso que havia e eu queria estudar.

6) Como era a educação das moças nesse período dentro do colégio? Que ensinamento as religiosas difundiam em relação à educação feminina?

As disciplinas que faziam parte do currículo do Curso Normal, naquela época, eram quase todas necessárias para formar o caráter de uma mulher, tanto para ser professora ou dona de casa. A Pedagogia, a Psicologia, a Religião, a Sociologia eram disciplinas humanitárias que nos ajudavam na compreensão do comportamento das pessoas. Ensinavam ainda: português, biologia, desenho, música e metodologia. Na biologia era ensinado a começar pelo banho do bebê. Não havia “educação sexual”, pois como as mestras eram todas irmãs, não podiam ensinar o que não sabiam e naquela época era proibido tocar nesse assunto. Como já expliquei, ainda aprendia-se etiqueta, bordado, pintura e música, que condiziam com uma educação feminina.

7) No Curso Normal havia só professoras religiosas ou havia também professoras leigas?

No tempo que estudei havia apenas professoras religiosas.

8) Como era ensinada a religião católica dentro do Curso Normal? Havia muito período de oração?

A religião era ensinada com aquele cheiro de bolor da Idade Média e com mais alguns dogmas registrados no decorrer dos séculos. Mas naquela época era assim, a religião permaneceu estacionária, enquanto o resto do mundo evoluía. Nossas cabeças ficavam saturadas de proibições que faziam a vida ser impossível de ser vivida; por castigos divinos por faltas que nem eram faltas; de medos infundados por castigos que nem existem e nem existirão. E por anos e anos nossos ouvidos foram torturados com as ameaças de punições e nos sentíamos as maiores pecadoras da paróquia. Isto nos alterava a parte física, os nervos se abalavam e por isso comíamos e dormíamos mal. Mas acredito que isso só acontecia para quem levava tudo muito a sério e não raciocinava procurando compreender o que seria realmente certo para superar as dúvidas. Nossas mestras assim aprenderam e assim nos ensinaram. Viviam corretamente numa santidade. Orávamos o dia inteiro, na hora de levantar, na missa, antes e depois das refeições, antes e depois das aulas e o terço antes de dormir.

9) Quais eram as diversões das moças nessa época?

Cinema, reunião nas casas de amigas em datas especiais, danças para quem não era “Filha de Maria”. Para estas, estava definitivamente proibido, até em festas familiares, elas não podiam dançar.

10) O que as religiosas pregavam sobre o casamento?

Claro que elas não eram contra o casamento, pois seriam filhas de quem? Davam orientações para que fosse celebrado na Igreja, falavam do respeito mútuo que se deve ter entre os cônjuges; a educação religiosa que se deve dar aos filhos.

11) Sobre o namoro o que as religiosas diziam? Elas tinham o hábito de vigiar as normalistas? Quando? Como?

Naquele tempo, elas davam os mesmos conselhos dos nossos pais. Era sempre vigiado, os namorados não podiam passear sozinhos. Algumas internas recebiam cartas dos namorados e podiam responder se fosse de acordo com os pais. Mas as cartas que iam e vinham eram censuradas.

12) A senhora pertenceu a algum movimento religioso como Filhas de Maria ou Apostolado da Oração? Qual o objetivo desse movimento?

Eu era “Filha de Maria” e parece que a maioria das internas também era. O objetivo do movimento era que a moça permanecesse fiel aos ensinamentos da Igreja até o casamento e depois continuasse como membro do “Apostolado da Oração” até a morte. Pois não sei se você sabe, mas o movimento de “Filhas de Maria” era só para as moças solteiras e o “Apostolado da Oração” para as senhoras casadas.

13) Quais eram as leituras recomendadas? Havia livros proibidos?

Os livros que existiam na biblioteca do colégio eram recomendados e censurados ao mesmo tempo, pois algumas frases achavam-se apagadas com borracha. Quando líamos imaginávamos o que estava escrito por trás daquele apagado. Havia coleções de Karl May, Júlio Verne e Madame Dehli para as internas. Para as juvenistas, candidatas a freiras, havia os livros religiosos sobre a vida dos santos. Para as meninas na idade infantil os livros de fadas e bruxas. Os

livros proibidos eram os que tratavam sobre outros credos contrários à religião católica e os que abordavam sobre amores livres.

14) O colégio promovia teatros, exposições de trabalhos, desfiles cívicos? Como eram?

Sim ele promovia. Eu mesma participei de muitos teatros, aprendi a declamar, a discursar. Havia exposições todo ano de trabalhos manuais e pinturas. Participávamos do desfiles cívicos e da chegada à cidade de autoridades estaduais. Marchávamos, havia concentração na Praça Lauro Muller, pois ainda não havia jardins. Era um enorme pátio de terra batida. Ali apresentávamos números de ginástica. Uma vez participamos de um campeonato de vôlei e o colégio saiu vencedor.

15) Que outras atividades se podia aprender no colégio?

Aulas de música. Ensinava-se quase todos os instrumentos musicais; a teoria e a execução. Podia-se aprender piano, violino, cítara, guitarra, bandolim, acordeão, harmônio. Havia aulas de pintura a óleo, aquarela, em telas, tecidos, papel etc. Aulas de bordado, crochê, tricô, filé, variados pontos. Aulas de datilografia e comércio por correspondência.

16) Como era o uniforme do Curso Normal? Ele era obrigatório?

Era obrigatório. Saia pregueada azul marinho, blusa branca, com gola e punhos pespontados com linha azul marinho. Meias compridas pretas e sapatos pretos.

17) Como era a mensalidade do Curso Normal? Todos podiam pagar?

A mensalidade era razoável, mas mesmo assim havia alunas que não podiam pagar e pediam bolsa na prefeitura, outras pagavam com serviços domésticos no próprio colégio. Quem atrasasse a mensalidade não podia participar das provas. Era uma situação meio humilhante porque todo mundo ficava sabendo quem não pagou.

18) Relate o que mais marcou para a senhora durante sua permanência no colégio e principalmente no Curso Normal.

Eu só queria reforçar que Canoinhas foi abençoada com a vinda dessas mestras estrangeiras, que proporcionaram grandes ensinamentos, nos incentivaram a sermos indivíduos úteis à pátria, à sociedade vivendo dentro de uma consciência reta e tementes a Deus. Foi todo um cabedal de conhecimentos à disposição de quem quisesse e eu acho que só não aproveitou quem não entendeu o valor que teve para nossas vidas.

Quanto ao Curso Normal, nada marcou para mim, pois eu não apreciava o curso, detestava suas matérias e não pretendia ser professora. Eu planejava estudar ciências, queria ser cientista, mas não era possível. Menina não estudava fora de casa, a não ser em internato. O Curso Fundamental que fizemos não valia como ginásio, o Normal não valia com científico. Fui ser professora contra minha vontade. Eu gostava de estudar matemática, física e química e estas matérias não apareciam no currículo do Curso Normal.

19) Como era a cidade de Canoinhas no seu tempo de estudante? Fale o que a senhora lembra sobre economia, política e cultura.

Naquele tempo, entre a década de 1930 e começo da década de 40, estávamos no regime de ditadura. Não havia partidos políticos. O prefeito, o governador e o presidente eram sempre os mesmos. O partido que mais tivemos familiaridade foi o Integralismo. Seus membros viviam desfilando nas paradas de camisa verde com uma insígnia na manga. Na parte cultural, o que mais se destacava era o colégio das irmãs, as quais eram procedentes da Áustria, da Suíça e da Alemanha, as quais contribuíram muito com a juventude daquela época através dos seus ensinamentos. A economia baseava-se na indústria extrativa da madeira e da erva-mate, na lavoura familiar e criação de gado em pequena escala.

20) Nessa época havia mulheres que se destacavam na comunidade de Canoinhas? Quais? Em quê?

As que eu lembro foram as primeiras-damas, esposas de prefeitos; senhoras que freqüentavam assiduamente a Igreja e faziam parte do Apostolado da Oração, as senhoras esposas dos juizes de direito e algumas que

freqüentavam a sociedade por sua elegância e distinção. Ma abstenho-me de citá-las para não cometer injustiças, pois poderia esquecer de outras que também contribuíram e que agora não me lembro.

OBSERVAÇÃO

Entrevista concedida nos dias 8 e 9 de abril de 2003. Foi transcrita e encaminhada à entrevistada para revisão logo em seguida, pois ela encontra-se com doença grave no pâncreas.

Oktav de Exames

73

do

Curso Normal do Instituto de Educação: 5º An^o

Coração de Jesus

Canoinhas.

Promoções de 1942.

Nos dias 24, 26, 27 e 28 de novembro de 1942 (mil novecentos quarenta e dois), na forma prescrita pelo Decreto-lei nº 306, da reorganização dos Institutos de Educação presentes: o Ex^{mo} Sr. Dr. Anísio Cunha, D. D. Inspetor Escolar e Fiscal designado pelo Departamento de Educação, Re^{ma} Sr^{ma} Irmã Maria Stella Bannach, diretora e professora do mesmo estabelecimento, Sr^{ma} Maria Carolina Gross e Sr^{ma} Maria Amanda Gebrer, membros da banca examinadora, realizaram-se os exames finais de corrente ano letivo, cujo movimento vai registrado nos quadros adiante:

Quadro geral do resultado dos Exames do 1º ano do

N.º	Nomes	Religião					Lingua e Lit. ver.					Psicologia				
		Méio	Quarta	Nov.	Final		Méio	Quarta	Nov.	Final		Méio	Quarta	Nov.	Final	
1	Ney Pacheco de M.ª	100		95			95	90	95	90	90	100	95	90	100	95
1	Arani Dittich	100	100	100	100	100	95	95	95	90	95	100	90	100	90	95
2	Fani Sabbagh	85	90	90	85	90	85	70	75	80	75	85	90	85	80	85
3	M.ª Ferreira	95	95	90	90	90	85	85	95	85	90	90	90	100	85	90
4	Leonor Selme	95	85	95	90	90	75	65	70	70	70	80	85	80	75	80
5	Sourdes Wendt	85	85	90	85	85	90	80	75	80	80	85	85	80	85	85
6	Martha Spair	95	90	100	95	95	80	80	80	80	80	95	90	90	90	90
7	Vanda Taggion	90	100	95	100	95	90	90	95	90	90	95	90	95	90	95
		<u>Desenho pedag.</u>					<u>Musica</u>					<u>Trabalhos man.</u>				
1	Ney Pacheco	80	80	80	80	80	45	50	80	50	60					
1	Arani Dittich	90	100	95	95	95	100	100	100	95	100	90	90	90	90	90
2	Fani Sabbagh	85	90	85	80	85	60	30	80	55	60	80	80	80	80	80
3	M.ª Ferreira	80	70	80	85	80	80	70	90	75	80	85	80	80	75	80
4	Leonor Selme	85	85	85	80	85	85	30	70	70	65	80	85	85	85	85
5	Sourdes Wendt	85	90	90	90	90	90	90	90	90	90	90	100	95	90	95
6	Martha Spair	85	85	85	80	85	90	45	70	60	65	90	90	90	90	90
7	Vanda Taggion	90	95	90	90	90	95	95	95	90	95	95	90	90	90	90

Curso Normal do Instituto de Educação:

"Sagrado Coração de Jesus"

Pedagogia ed. e. Biologia educ. Sociologia Metodologia

Pedagogia ed. e.					Biologia educ.					Sociologia					Metodologia				
Mês	Agosto	Nov.	Jan.	Mar.	Mês	Agosto	Nov.	Jan.	Mar.	Mês	Agosto	Nov.	Jan.	Mar.	Mês	Agosto	Nov.	Jan.	Mar.
100	100	95	100	100	100	100	100	100	100	95	100	100	95	100	100	100	100	90	95
100	95	90	90	90	100	100	95	100	100	95	100	100	95	100	100	100	100	95	100
100	85	70	85	80	100	95	80	95	90	65	90	65	85	75	70	90	85	80	85
90	95	90	90	90	100	100	100	100	100	80	100	95	85	90	95	95	100	80	90
80	85	60	75	70	100	100	75	90	90	85	90	80	85	85	85	90	90	85	90
85	90	60	85	75	100	100	80	95	90	60	90	50	85	70	80	95	80	85	85
80	80	85	90	85	100	100	80	100	90	90	100	85	85	90	85	95	95	85	90
100	95	90	90	90	100	100	95	100	100	95	100	90	95	95	100	100	100	95	100

Educação fis. Média de aprova. Grau de aprova. Observações

					1º grupo		2º grupo		
					96		70		85
75	95	85	85	85	97		92		95
70	60	65	65	65	82		72		75
70	70	65	60	65	91		75		85
60	70	65	65	65	81		75		80
70	65	70	70	70	81		86		85
80	50	100	30	50	88		72		80
70	90	80	75	80	94		88		90

Curso Normal do Instituto de Educação:

"Sagrado Coração de Jesus"

<u>Pedagogia e H. E.</u>					<u>Biologia educ.</u>					<u>Sociologia</u>					<u>Metodologia</u>				
<u>Mês</u>	<u>Agosto</u>	<u>Nov.</u>	<u>Final</u>		<u>Mês</u>	<u>Agosto</u>	<u>Nov.</u>	<u>Final</u>		<u>Mês</u>	<u>Agosto</u>	<u>Nov.</u>	<u>Final</u>		<u>Mês</u>	<u>Agosto</u>	<u>Nov.</u>	<u>Final</u>	
95	100	90	85	90	100	100	100	100	100	100	95	90	90	90	95	100	85	90	90
100	95	70	80	80	90	100	90	95	95	100	90	90	85	90	90	90	60	80	75
95	90	90	75	85	85	95	90	100	95	100	90	90	85	90	90	100	90	85	90
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	95	100	95	100	95	95	95
90	85	90	85	85	100	100	95	95	95	100	90	90	90	90	75	90	90	85	85

<u>Educação fis.</u>					<u>Média de apros</u>		<u>Grão de apros.</u>	<u>Observações</u>
					<u>1º grupo</u>	<u>2º grupo</u>		
-	-	-	-	dispens.	92	76	85	
80	75	80	80	80	85	77	80	
80	75	75	75	75	87	68	80	
80	70	75	75	75	97	88	95	
80	65	75	75	75	86	76	80	

E por verdade vai esta por mim datada e assinada,
Diretora do Instituto de Educaçao: "Sagrado Coraçao de Jesus", e
mais os membros da banca examinadora:

Canoinhas, 30 de novembro de 1942.

Irma Maria Stella Baimach, Diretora

~~Suplente~~ Suplente

Irma Maria Carolina Gross.

Nota, 9/11/43
Germana Haverlich
Suplente

Complemento Iconográfico

FIGURA 01 - VISTA GERAL DE CANOINHAS EM 1938

FIGURA 02 - GRUPO DE INTERNAS NO ANO DE 1938, ACOMPANHADAS DE MADRE
ALBERTINA, DOM DANIEL HOSTIN E IRMÃ CAROLINA

FIGURA 03 - ALUNAS DO CURSO NORMAL E FUNDAMENTAL NUMA APRESENTAÇÃO AO AR
LIVRE, 1939

FIGURA 04 - INTERNAS 1940

FIGURA 05 - FORMANDAS 1940

FIGURA 06 - GRUPO DE RELIGIOSAS QUE TRABALHAVAM NO COLÉGIO, 1941

FIGURA 07 - APRESENTAÇÃO TEATRAL EM 1941

FIGURA 08 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS – 1942

FIGURA 09 - FORMATURA DE 1943

FIGURA 01 - VISTA GERAL DE CANOINHAS EM 1938



FIGURA 02 - GRUPO DE INTERNAS DO ANO DE 1938, ACOMPANHADAS DE MADRE ALBERTINA, DOM DANIEL HOSTIN E IRMÃ CAROLINA



FIGURA 03 - ALUNAS DO CURSO NORMAL E FUNDAMENTAL NUMA APRESENTAÇÃO AO AR LIVRE, 1939

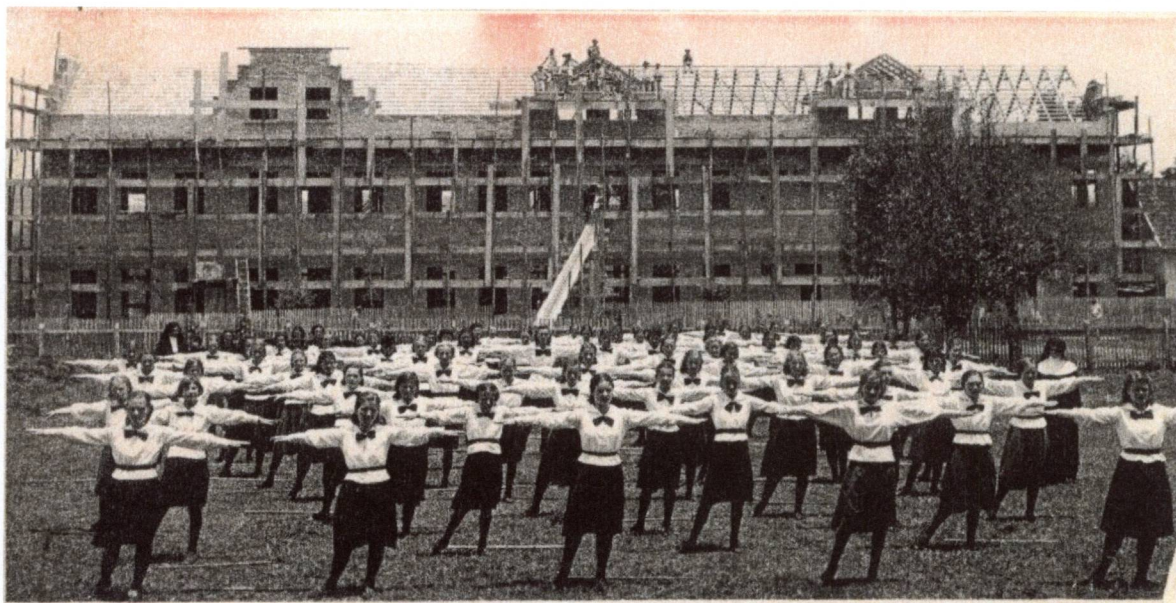


FIGURA 04 - INTERNAS 1940



FIGURA 05 - FORMANDAS 1940



FIGURA 06 - GRUPO DE RELIGIOSAS QUE TRABALHAVAM NO COLÉGIO, 1941



FIGURA 07 - APRESENTAÇÃO TEATRAL EM 1941



FIGURA 08 - EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS – 1942



FIGURA 09 - FORMATURA DE 1943

